

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança

Isabela Lisboa Berté

MULHERES NO UNIVERSO CULTURAL DO BOXE

**As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no
Pugilismo (2003-2016)**

Porto Alegre

2016

Isabela Lisboa Berté

MULHERES NO UNIVERSO CULTURAL DO BOXE

**As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no
Pugilismo (2003-2016)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Berté, Isabela Lisboa

Mulheres no universo cultural do boxe: as questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo (2003-2016) / Isabela Lisboa Berté. -- 2016.
119 f.

Orientadora: Silvana Vilodre Goellner.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Boxe. 2. Mulheres. 3. Estudos de Gênero. 4. Artes Marciais. I. Goellner, Silvana Vilodre, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabela Lisboa Berté

MULHERES NO UNIVERSO CULTURAL DO BOXE

**As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no
Pugilismo (2003-2016)**

Trabalho de conclusão de curso de Mestrado apresentado como requisito parcial à obtenção de título de Mestra em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Conceito final: A

Aprovado em 31 de Agosto de 2016

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carla Simone Rodeghero
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Profa. Dra. Cláudia Maria Guedes
(San Francisco State University)

Prof. Dra. Raquel da Silveira
(Universidade Federal do Rio Grande)

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Dedico este trabalho à Ayllu Duarte Acosta, pelo incentivo e por ter me acompanhado, a cada dia desta jornada, com amor, paciência e companheirismo. Obrigada por compartilhar cada sonho e cada conquista comigo.

AGRADECIMENTOS

À professora Silvana, pela dedicação e por estar sempre presente para ouvir minhas ideias, minhas dúvidas e minhas inquietações durante esta jornada, a qual não esteve centrada exclusivamente na dissertação, mas na escrita de textos, em aulas e em entrevistas. Enfim, um período de muitos aprendizados.

À professora Carla Rodeghero, por ter me acolhido em seu grupo de pesquisa e por fazer parte de mais um momento significativo da minha vida acadêmica. Também aos demais membros da banca, Cláudia Guedes e Raquel da Silveira, pelo aceite de ler e de contribuir para este estudo.

Aos meus pais, Diana e Paulo, por terem me ensinado, desde cedo, a importância de estudar e por me apoiarem incondicional quando muito jovem resolvi construir minha vida longe de casa.

Às atletas e aos treinadores que compartilharam comigo suas histórias. O trabalho não seria possível sem essas pessoas. São elas: Vinício Guariglia, Fabiana Justo, Megg Tavares, José Lima, Daniela Cattani, Carine Borba, Mariana Madalosso, Sara Santos da Silva e Fernanda Godinho.

Às colegas e amigas do Centro de Memória do Esporte, que me mostraram a importância do trabalho coletivo. Em especial à Leila, à Chris, à Pamela, à Su, à Suby e à Luiza, que contribuíram com seus conhecimentos e com suas experiências na construção deste trabalho.

Aos colegas da Fundação de Atendimento Sócio Educativo, Paulo Henrique, Paulo André, João Eduardo, Sheila, Luiz Gustavo, Blanco, Gisele, Leandro, Rogério, Joelma, Jussara, Lucas, Rosângela, Priscila e Adriana. Obrigada por contribuírem nesta difícil jornada de trabalho e de estudo.

Às amigas Camila, Iaia, Marli, Fernanda, Betinha, Bruna, Luísa, Luna, Isadora e Geórgia, pelas conversas, pela convivência, enfim, por deixarem estes últimos anos mais leves e felizes.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas na Federação Rio-Grandense de Pugilismo. O trabalho centra-se na investigação acerca da existência de barreiras legais e simbólicas para a inserção de mulheres no Universo Cultural do Boxe; na análise da forma como as boxeadoras interpretam as transformações corporais e os ferimentos oriundos da prática esportiva; e, por fim, em como questões sociais e econômicas influenciam na permanência das atletas no pugilismo. A metodologia utilizada baseia-se na realização de entrevistas de História Oral com atletas e treinadores de boxe, tendo a preocupação de analisar os sentidos que estes constroem sobre suas experiências no pugilismo e sobre as questões de gênero que perpassam suas trajetórias esportivas. O estudo está fundamentado nos pressupostos teóricos da História Cultural e nos Estudos de Gênero, trabalhando com as representações sociais que as pessoas produzem sobre sua realidade e sobre a forma como socialmente corpos e subjetividades são construídos com base na dicotomia de gênero. O exercício analítico foi realizado considerando os objetivos da pesquisa e os referenciais teóricos, emergindo, assim, dois eixos de investigação: i) o processo histórico de inserção das mulheres no universo das lutas e ii) as representações de corpo e de gênero no meio esportivo. A partir das análises, foi possível verificar o processo recente de inserção de mulheres no boxe quando comparado a outras artes marciais, evidenciando uma maior resistência da sociedade. Também foi possível observar que os corpos das boxeadoras tencionam representações normativas de gênero, trazendo à tona discursos que colocam em xeque a feminilidade e a sexualidade das atletas, o que as leva a controlar seus treinamentos, em especial os de potencialização muscular, de modo a adequar suas corporalidades a padrões estéticos valorizados socialmente. Conclui-se que o gênero, longe de ser uma exigência do sexo biológico, é uma construção sempre inacabada, passível de ser controlada por discursos e por práticas, de modo a não exacerbar as barreiras impostas pela dicotomia de gênero.

Palavras-chave: Boxe, Mulheres, Estudos de Gênero, Artes Marciais.

ABSTRACT

The present research has as its purpose to analyse the issues of gender that go through the insertion and permanence of athletes in the Pugilism Federation of Rio Grande do Sul. The study centers itself in the investigation around the existence of both legal and symbolic barriers for the insertion of women in the Cultural Universe of Boxing; in the analysis of how the boxers interpret the body transformations and the wounds arising from the practicing of the sport; and at last, in how social and economic issues influence the permanence of these athletes in pugilism. The methodology used is based on the attainment of interviews of Oral History with boxing athletes and coaches, having the concern to analyse the senses in which they build their experiences in pugilism and the gender issues that pervade their sportive paths. The study is grounded in the theoretical assumptions of the Cultural History and the Studies of Gender, working with the social representations that people produce over their reality and how bodies and subjectivities are socially built on the basis of gender dichotomy. The analytical exercise was done considering the purposes of the research and the theoretical referentials, emerging, hence, two pivots of investigation: i) the historical process of the insertion of women in the fighting universe and ii) the representations of body and gender in the sportive field. From the analysis, it was possible to verify the recent process of insertion of women in boxing when compared to other martial arts, evidentiating a greater resistance from society. It was also possible to observe that the boxers' bodies propose normative representations of gender, surfacing speeches that put the athletes femininity and sexuality into question, which drives them to control their trainings, especially the muscular potentiality ones, in order to adjust their bodily ways to socially valued aesthetic patterns. It is concluded that gender, far from being a biological demand of the sex, is always an unfinished construction, liable of being controlled by speeches and by practices, in order not to exacerbate the barriers imposed by the gender dichotomy.

Keywords: Boxing, Women, Gender Studies, Martial Arts.

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Lista de pessoas entrevistadas na pesquisa. Fonte: A autora (2015) | 25 |
| Tabela 2: Campeonatos organizados pela Federação Rio-Grandense de Pugilismo (2002-2010). Fonte: © 2010-2001 Federação Rio-Grandense de Pugilismo..... | 50 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIBA – Associação Internacional de Boxe Amador

CBBOXE – Confederação Brasileira de Boxe

CEME – Centro de Memória do Esporte

CETE – Centro Estadual de Treinamento Esportivo

COI – Comitê Olímpico Internacional

FRGP – Federação Rio-Grandense de Pugilismo

GRECCO – Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História

HO – História Oral

HTP – História do Tempo Presente

JAB – Jovens Atletas de Boxe

RS – Rio Grande do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1. CAMINHOS INVESTIGATIVOS: A BUSCA PELAS PUGILISTAS GAÚCHAS | 18 |
| 2. O UNIVERSO CULTURAL DO BOXE..... | 28 |
| 3. AS MULHERES NO MUNDO DO BOXE: UMA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE 35 | |
| 3.1 As mulheres e as artes marciais: uma história de resistência..... | 38 |
| 3.2 O processo de inserção de atletas na Federação Rio-Grandense de Pugilismo | 46 |
| 3.3 As condições sociais para a permanência no Boxe gaúcho | 55 |
| 4. CORPO E GÊNERO NO UNIVERSO CULTURAL DO BOXE..... | 68 |
| 4.1 A percepção das transformações corporais através da prática esportiva | 72 |
| 4.2 O mito da fragilidade: os ferimentos decorrentes da prática de boxe e o estigma da violência contra a mulher | 85 |
| 4.3 Homens vs. Mulheres: as questões de gênero que permeiam o treinamento misto em academias de boxe | 95 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 105 |
| REFERÊNCIAS | 110 |
| OBRAS CONSULTADAS..... | 117 |
| APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA ATLETAS | 118 |
| ANEXO – CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE DEPOIMENTO ORAL | 119 |

INTRODUÇÃO

A escolha de um tema de pesquisa está sempre ligada a questões políticas e à motivação pessoal. Nesse sentido, inicio afirmando que o estudo da história das mulheres e, especialmente, de gênero, nasce atrelado às reflexões do pensamento feminista e à compreensão de que as relações de gênero devem ser pensadas como construções sociais mutáveis, e não a partir dos pressupostos imutáveis de sexo. Tal concepção permite a abertura de um amplo leque de possibilidades para os diferentes campos do saber e se configura em um mecanismo de transformação dos modelos rígidos que definem o lugar social de cada indivíduo. Um dos espaços a partir dos quais se pode refletir as relações de gênero que permeiam a sociedade é o esporte.

Minha trajetória acadêmica é marcada pela formação em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2012, com um trabalho de conclusão de curso relacionado ao surgimento do movimento feminista em Porto Alegre (BERTÉ, 2012) e pela experiência na área da História Oral (HO) em torno do período da ditadura civil-militar no Brasil¹. Em 2015, passo a integrar o Centro de Memória do Esporte (CEME), momento em que aprofundo meus conhecimentos acerca da metodologia da HO a partir da atuação junto ao projeto Garimpendo Memórias². De igual forma, entro em contato com o campo da História das Mulheres no Esporte e com os Estudos de Gênero através das reuniões do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO). As leituras e o contato com o acervo de lutas pertencente ao CEME despertaram meu interesse em torno do universo cultural do Boxe³, esporte que, comparado a outras modalidades de luta, demonstrou maior resistência à inserção de mulheres.

O esporte moderno ocupa o espaço público das cidades como uma forma de lazer e de sociabilidade relacionada, tradicionalmente, à figura do homem. A construção histórica de uma sociabilidade masculina no espaço público fez com que as atividades desenvolvidas

¹ O Projeto Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil, no qual tive a oportunidade de atuar durante dois anos como bolsista de iniciação científica, visava a produção de um acervo de fontes orais e audiovisuais sobre a história de vida de pessoas que vivenciaram o período da ditadura civil-militar no Brasil através da metodologia da HO.

² O Projeto Garimpendo Memórias, criado em 2002, é desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo por objetivo a preservação e a divulgação da memória do esporte, da educação física, da dança e do lazer. O projeto, estruturado pelo aporte teórico-metodológico da História Oral, realiza entrevistas com pessoas que se destacam no campo das práticas corporais e esportivas.

³ Como padrão para este trabalho, utilizarei os nomes das modalidades de luta esportiva com a letra inicial em maiúsculo.

pelos homens – tais como estudo, trabalho e lazer – fossem alvo de prestígio e prazer, enquanto as atividades das mulheres, restritas à esfera privada, eram desvalorizadas. Desde o final do século XIX, o esporte tornou-se terreno de disputas simbólicas e práticas sobre as atividades que corpos de mulheres podem realizar e sobre quais definições de feminilidade são valorizadas socialmente. As marcas excludentes de gênero, que acompanham o desenvolvimento do esporte, levaram a “[...] uma longa história de luta das mulheres para sua inclusão nesse terreno” (ADELMAN, 2004, p. 33).

A participação das mulheres no mundo esportivo, desde seus primórdios, esteve atrelada às representações ideais de feminilidade que se constroem historicamente. No século XIX e no início do século XX, o “sexo frágil” estava ligado ao mundo privado e ao exercício da maternidade. Nesse contexto, as práticas esportivas eram proibidas ou “adequadas” ao fim reprodutivo do corpo feminino, além de limitadas à juventude, bem como antes do casamento (ADELMAN, 2003). Com o passar dos anos, as mulheres ocupam gradativamente o espaço público através do trabalho e do estudo. Nesse período, as práticas esportivas ganham espaço como um meio de cuidado com o corpo, aliado à difusão de artifícios estéticos (GOELLNER, 2005). No entanto, algumas modalidades permanecem sujeitas à vigilância por apresentarem comportamentos e corpos que rompem com a relação imperativa de mulher, de feminilidade e de beleza.

No ano de 1941, através do Decreto-Lei nº 3.199, que estabelece as bases da organização dos esportes no Brasil, as mulheres ficaram interdidas de praticar modalidades que eram consideradas “[...] incompatíveis com as condições de sua natureza” (BRASIL, 1941). Em 1965, a Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos regulamentou a atividade esportiva por mulheres e proibiu a “prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball” (CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS, 1965). Os períodos de maior controle acerca das práticas corporais adequadas ao corpo de mulheres se dão em governos de cunho ditatorial: o Estado Novo (1937-1945) e a ditadura civil-militar (1964-1985). Ambos se caracterizam pela centralização estatal e pela intervenção em diferentes setores da sociedade civil, inclusive no esporte, visualizando-o como um mecanismo de identidade nacional e projeção internacional. Na década de 1970, transformações culturais, sociais e políticas propiciaram a discussão acerca das desigualdades entre homens e mulheres na sociedade e na legislação brasileira, levando à substituição da Deliberação nº 7 de 1965 e, com isso, possibilitando a prática e a competição por mulheres em diversas modalidades esportivas.

Mesmo com o fim da proibição legal da prática de Boxe, as mulheres permaneceram sujeitas à vigilância de quais modalidades seriam mais adequadas às representações de feminilidade valorizadas socialmente. Neste sentido, a participação de mulheres no pugilismo⁴ passou a ser reconhecida recentemente, com a realização do primeiro Campeonato Mundial Amador, em 2001, e do primeiro Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino, em 2002, bem como da inclusão do Boxe como modalidade olímpica, em Londres, no ano de 2012. Esses dados demonstram que alguns capítulos da história da mulher no mundo das lutas são escritos no século XXI e que a presença delas no esporte não se dá sem conflitos e resistências. O esporte permanece, portanto, um campo de disputas.

Tendo em vista o Boxe como um espaço tradicionalmente ocupado por homens, produtor de valores associados a uma determinada masculinidade, o objetivo desta pesquisa é analisar as questões de gênero que permeiam a inserção e a permanência de atletas da Federação Rio-Grandense de Pugilismo (FRGP). Os objetivos específicos se centram na investigação da existência de barreiras legais e simbólicas para a inserção das mulheres no universo cultural do Boxe a partir da análise da forma como as atletas interpretam as transformações corporais, as diferenças entre atletas homens e mulheres e as marcas e ferimentos decorrentes da prática esportiva. E, ainda, a observação de como questões sociais e econômicas se entrelaçam no discurso destas atletas e influenciam a permanência no boxe.

No Brasil, são poucos os estudos na literatura acadêmica sobre o Boxe. A maior parte das pesquisas existentes enfatiza o esporte como rendimento, apresentando informes sobre regras, normas e técnicas, com poucos estudos sobre os aspectos históricos e sociais. Conforme Loïc Wacquant (2007), “é difícil pensar uma prática desportiva que se mitificou tão afundo e foi tão pouco estudada pelos cientistas sociais” (p. 13). Entre os raros estudos que abordam a participação de mulheres no Boxe brasileiro, destacam-se o trabalho de Marco Antônio Ferretti (2011), “A formação da lutadora: estudo sobre mulheres que praticam modalidades de lutas”, sobre a formação esportiva de lutadoras de diferentes artes marciais; o estudo de Vera Fernandes (2014), “Mulheres de Ouro: trajetória e representações de atletas de lutas”, acerca das representações de feminilidades plurais no universo das lutas; e o trabalho

⁴ No presente trabalho, utilizo os termos *boxe* e *pugilismo* como sinônimos. No entanto, estou ciente que existem particularidades históricas que diferenciam os conceitos. A palavra *boxe* frequentemente se refere exclusivamente ao boxe inglês, praticado através das regras de Broughton, criadas em 1743. Já o termo *pugilismo* se refere à prática do boxe anterior à sua esportivização na Inglaterra, em especial ao antigo boxe romano (FEITOSA; LEITE; LIMA, 2006).

de Flávio Mariante (2010), “Da academia de boxe ao boxe da academia: um estudo etnográfico”, que analisa o Boxe sob uma perspectiva fitness da prática.

A presente pesquisa com boxeadoras se insere neste panorama, apresentando algumas especificidades na análise. Em primeiro lugar, a realização de um estudo, através de uma perspectiva histórica, em um esporte que carece de demais trabalhos, em especial no estado do Rio Grande do Sul. A abordagem da inserção das mulheres no Boxe, dissociado de outras lutas, busca evidenciar o caráter diferenciado desta modalidade esportiva, como questões de gênero e de classe social. O trabalho se diferencia do estudo desenvolvido por Mariante (2010) por se ater à pesquisa com boxeadoras filiadas a FRGP e envolvidas com o Boxe Olímpico em nível competitivo, o que produz uma relação diferenciada com o esporte.

Jornais e documentos oficiais da Federação Rio-Grandense de Pugilismo evidenciam o processo recente de inserção de mulheres no Boxe gaúcho, uma vez que a primeira participação de uma atleta em campeonatos organizados pela FRGP ocorreu em 2003. Este fato me levou a estudar os pressupostos teóricos da História do Tempo Presente (HTP), considerando os desafios da pesquisa em um período histórico inconcluso, na medida em que é impossível mensurar os efeitos dos acontecimentos. Ao interpretar o presente como a temporalidade da experiência, espaço do tempo onde se evoca a iniciativa e a ação, o trabalho com boxeadoras aborda os sentidos que as mesmas atribuem à sua atuação e à sua corporalidade no Boxe, compreendendo o período entre 2003 e 2016.

A metodologia do trabalho envolveu a realização de uma varredura em torno de documentos oficiais e artigos de jornais que evidenciam a presença das mulheres no Boxe e, principalmente, a produção de fontes históricas por meio da realização de entrevistas, considerando os pressupostos teórico-metodológicos da História Oral. O convívio no mundo do Boxe, através da participação em treinos e do contato com os integrantes da FRGP, propiciou a seleção de informantes privilegiados, que são chamados a produzir e significar sua memória em torno da sua vivência no espaço pugilista.

Os referenciais teóricos utilizados são baseados nos pressupostos da História Cultural e dos Estudos de Gênero. O campo conhecido como Nova História Cultural trabalha com a construção de sentidos que os sujeitos atribuem ao mundo através do conjunto de representações que constroem sobre sua realidade. O trabalho do/a historiador/a é problematizado, uma vez que não se tem acesso ao passado, mas a vestígios elaborados pelos indivíduos através de suas experiências (PESAVENTO, 2012). Os Estudos de Gênero pensam

tanto gênero quanto sexo como construções sociais e linguísticas que produzem os sujeitos, seus corpos e suas subjetividades. Dessa forma, homens e mulheres se constituem em contextos históricos, através das diferentes experiências que constroem em suas vidas, produzindo múltiplas formas de vivenciar masculinidades e feminilidades.

O exercício teórico-analítico das fontes orais e escritas em diálogo com a produção bibliográfica sobre a presença de mulheres em esportes de combate são apresentados, nesta pesquisa, em quatro capítulos. Os dois primeiros explicitam os pressupostos metodológicos utilizados no trabalho e o universo cultural do Boxe, elaborando um panorama da pesquisa e do contexto sociocultural do pugilismo. Nos demais capítulos, é realizada a análise das fontes orais e escritas, articulada com a discussão dos pressupostos teóricos da História Cultural e dos Estudos de Gênero. Optei por fazer uma discussão teórica mais ampla no início de cada capítulo, diluindo os demais elementos no exercício analítico das fontes. Dessa forma, não foi construído um capítulo específico para a discussão teórica.

O primeiro capítulo, “Caminhos investigativos: a busca pelas pugilistas gaúchas”, explicita a abordagem metodológica das fontes orais e escritas, considerando suas especificidades e complementariedades. Discuto as questões teóricas acerca do trabalho com a História Oral, apontando os principais conceitos e concepções imbricados na produção de fontes orais, tal como o tratamento metodológico das entrevistas, desde a seleção dos informantes até a publicação, processo este padronizado pelo projeto Garimpando Memórias. O capítulo procura explicitar os caminhos trilhados desde as visitas à Federação Rio-Grandense de Pugilismo até a elaboração de uma rede de depoentes constituída por boxeadoras e treinadores.

Em “Universo Cultural do Boxe”, segundo capítulo deste trabalho, demonstra-se como se estrutura o Boxe amador enquanto modalidade esportiva, seus principais golpes e regras, bem como sua organização em termos mundiais e nacionais. O capítulo aborda, ainda, as representações sociais cristalizadas em torno do Boxe – a associação às classes populares, a predominância de homens e a possibilidade de ascensão através do esporte –, utilizando a literatura e o cinema como instâncias produtoras de saberes acerca do pugilismo.

O terceiro capítulo, “As mulheres no mundo do Boxe: uma história do tempo presente”, estuda, através dos pressupostos teóricos da História Cultural, o processo de inserção e a permanência das atletas no pugilismo gaúcho. Inicialmente, o processo histórico de inserção de atletas no mundo das lutas é abordado através de fontes orais e jornalísticas,

evidenciando os principais discursos que circulam em torno da legitimidade de mulheres nas artes marciais. Posteriormente, a trajetória das atletas que integram a pesquisa é apresentada, problematizando alguns elementos comuns na fala das boxeadoras. Por fim, são colocadas as condições econômicas para a permanência na modalidade, ligando patrocínios e incentivos governamentais à possibilidade de atletas se dedicarem inteiramente à prática esportiva.

O quarto e último capítulo, “Corpo e gênero no Universo Cultural do Boxe”, apresenta os diferentes aspectos de gênero que permeiam a experiência de atletas no Boxe, dialogando com os “perigos” que rondam seus corpos: a masculinização dos mesmos, o mito da fragilidade das mulheres e o papel da biologia no discurso acerca da dicotomia entre os gêneros. A relação entre corpo e gênero no discurso das atletas é abordada, procurando captar os sentidos sociais atribuídos às transformações corporais oriundas da prática esportiva. Também são discutidas as marcas e os ferimentos decorrentes do treinamento no Boxe, evidenciando a ênfase na proteção de atletas mulheres e o estigma ligado ao “olho roxo”. Por fim, são pensadas como as diferenças percebidas entre homens e mulheres na prática de Boxe estão pautadas pelo discurso biologicista.

1. CAMINHOS INVESTIGATIVOS: A BUSCA PELAS PUGILISTAS GAÚCHAS

Com o objetivo de realizar uma análise da inserção e da permanência de mulheres na FRGP, o presente estudo articula a produção de entrevistas de História Oral com atletas e treinadores e a coleta de documentos que registram a presença de mulheres no Boxe gaúcho, considerando que as fontes orais e as escritas são complementares e dialogam entre si. A metodologia de HO propicia a produção de relatos acerca da experiência de atletas no pugilismo, respondendo aos principais questionamentos colocados pela pesquisa. Por outro lado, as fontes documentais, tais como reportagens de jornais, atas de reunião e súmulas de campeonatos disponíveis na sede da Federação Rio-Grandense de Pugilismo, no acervo do Centro de Memória do Esporte e no Centro de Documentação e Informação do jornal Zero Hora, trazem dados acerca das primeiras competições que contaram com a presença de mulheres e dos sentidos que a mídia e a sociedade atribuíram à prática de lutas por mulheres. Neste capítulo, procuro demonstrar os caminhos trilhados para a produção de fontes desta pesquisa, realizada através de visitas à FRGP e aos acervos, assim como a constituição de uma rede de depoentes, mais especificamente, de boxeadoras.

A História Oral é uma metodologia de pesquisa interdisciplinar que visa à produção de relatos acerca da experiência de grupos ou de indivíduos em um determinado contexto ou em uma determinada conjuntura histórica. A HO surge no Brasil por volta das décadas de 1970 e 1980. Naquele contexto, predominava uma perspectiva de construção do saber historiográfico que valorizava o documento escrito em relação à fonte oral, o estudo de um passado remoto em detrimento das temáticas mais atuais, além da concepção de que os relatos pessoais não seriam confiáveis para o conhecimento do passado, pois seriam subjetivos e trariam distorções. Recentemente, novos paradigmas ganham espaço no campo da História, temas contemporâneos são incorporados ao estudo histórico, novos objetos de pesquisa que perpassam a vida cotidiana se tornam fontes para a historiografia e a subjetividade deixa de ser um problema para se constituir em um objeto de análise para a História (ALBERTI, 2005).

A entrevista de História Oral evoca o sujeito a produzir e significar sua memória. O processo se dá através do diálogo entre indivíduos distintos – muitas vezes de gerações, de influências culturais e de saberes diferenciados. Ele ocorre em um contexto histórico específico, tornando cada entrevista única (ALBERTI, 2005). O relato obtido é sempre uma criação, obra do/a pesquisador/a, que interroga conforme seus objetivos acadêmicos, e do/a

entrevistado/a, que elabora uma narrativa autoral. A HO depende, portanto, da ação de uma pessoa que coleta, estuda, interpreta e apresenta uma versão destas histórias, conforme aponta Daphne Patai (2010): “nem mesmo as histórias existem puras e imutáveis em alguma esfera externa às vicissitudes da interação humana” (p. 20).

O trabalho com fontes orais não busca encontrar uma “realidade” do passado, mas compreender a narrativa construída pelo indivíduo a partir do seu caráter retrospectivo. Ou seja, um relato sobre o passado construído nas circunstâncias específicas de uma entrevista no presente. Para Patai (2010), a narrativa de uma entrevista envolve uma racionalização do passado, de um imenso depósito de memórias e lembranças que poderia ser evocado no momento da entrevista, quando o sujeito seleciona alguns episódios para serem narrados. O fato de contar uma história de vida na nossa sociedade está atrelado ao princípio contemporâneo da cultura ocidental que pensa o indivíduo como um valor singular e psicológico, o que engloba uma ideia de identidade e de história única (ALBERTI, 2005). A ordem cronológica que dá vida à narrativa é uma ficção que busca imprimir um sentido à existência e que permite evidenciar um “eu” coerente. Ainda conforme Patai (2010), “por meio do ato de narrar, eventos diversos se transformam em um todo com significado” (p. 59).

A memória, na presente pesquisa, é pensada enquanto discurso no sentido foucaultiano. Ou seja, como uma prática que fala sobre o sujeito que concede a entrevista, assim como, ao mesmo tempo, produz o sujeito que fala (VERSON; PEDRO, 2012). Para Michel Foucault (2014), independentemente das transformações externas, o discurso traz modificações intrínsecas em quem o produz. A pessoa entrevistada passa por um processo de subjetivação: ao lembrar, reconstrói sua própria história, elaborando uma visão sobre si e sobre o mundo à sua volta. Conforme Joana Pedro e Anamaria Verson (2012), “[...] a rememoração é sempre um processo de subjetivação, de positivação, de refazer, de criação” (p.128).

A memória é um aprendizado oriundo da experiência, um processo através do qual se atribui sentidos ao vivido. Não é algo aleatório. Lembramos eventos aos quais nos vinculamos afetivamente. Nesse sentido, é importante distinguir a experiência vivida da elaboração da memória: “O vivido remete à ação, à concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência” (AMADO, 1995, p. 131).

Os conceitos de memória e de experiência são centrais no estudo sobre as boxeadoras, uma vez que meu objetivo é captar os sentidos que cada atleta atribui à sua vivência. Embora possam ser encontrados alguns padrões sociais na memória, a seleção e a significação são únicas para cada sujeito e lhe conferem identidade (AMADO, 1995).

O ato de rememorar, de contar o vivido, implica necessariamente a organização do discurso em narrativa, a construção de um enredo, a sistematização. Enfim, um trabalho do autor sobre sua história (PORTELLI, 1997). A narrativa se dá dentro das possibilidades dos códigos disponíveis em um contexto histórico e cultural, mas com a organização de cada sujeito. Ou seja, existe lugar para a criação. Nesta linha, conforme Costa (2014), “[...] narrar é contar o vivido, é colocá-lo em uma temporalidade e, assim, humanizar o tempo, alinhar os personagens, tecer uma intriga; é, ainda, transgredir o discurso oficial em busca da criação; é, sobretudo, aliar o tempo vivido ao tempo ficcionado” (p. 49).

Embora exista uma referência em relação ao real, o relato de História Oral possui uma dimensão simbólica que extrapola o fato passado. Sendo assim, o processo subjetivo de recriação e significação do passado no presente se configura como a principal matéria-prima de quem produz conhecimento histórico. A narrativa envolve, necessariamente, a seleção de determinados acontecimentos organizados em nome de certa coerência. Nesse sentido, existe uma ênfase em estabelecer uma ordem lógica, uma noção de trajetória, a qual relaciona passado, presente e futuro.

As entrevistas realizadas por este estudo são temáticas. Ou seja, estão ligadas ao envolvimento das pessoas com o objeto de estudo em questão e seguem os procedimentos metodológicos adotados pelo projeto Garimpendo Memórias, a saber: 1) identificação de possíveis pessoas a serem entrevistadas por meio do contato com a Federação Rio-Grandense de Pugilismo; 2) realização de um roteiro para cada entrevista, levando em conta os objetivos gerais do projeto e as particularidades da história de vida de cada pessoa entrevistada; 3) realização de entrevistas com a utilização de um gravador digital e de um caderno de campo, no qual são registradas informações sobre o contato e as impressões sobre a entrevista; 4) solicitação para que a pessoa entrevistada assine uma Carta de Cessão concedendo ao CEME os direitos autorais da entrevista; 5) processamento do material através de transcrição, copidesque e pesquisa; 6) devolução do material transcrito à pessoa entrevistada antes de que ele seja publicado; 7) disponibilização da entrevista para o público em geral através da publicação online. Os procedimentos metodológicos do projeto Garimpendo Memórias foram aprovados pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2007710.

Os primeiros passos para a execução desta pesquisa foram as visitas à Federação Rio-Grandense de Pugilismo, realizadas entre setembro de 2015 e abril de 2016, em busca de mulheres atletas que treinam e competem no Boxe gaúcho. A sede da entidade localiza-se no Centro de Estadual de Treinamento Esportivo (CETE) e possui uma estrutura modesta: um ringue, um tatame e alguns poucos materiais indispensáveis à prática de Boxe, como luvas e cordas. Na chegada ao centro de treinamento, conheci o presidente da FRGP, Vinício Guariglia, e apresentei os objetivos da pesquisa, que foram bem recebidos. As visitas semanais que realizei à FRGP contribuíram para a aproximação com o Boxe, entrando em contato com o processo de treinamento, com as regras, com as diferenças entre a prática amadora e a profissional, além de propiciar a audição de muitas histórias que permeiam o universo cultural desta modalidade esportiva.

Os encontros no centro de treinamento da FRGP foram combinações de treinos de Boxe, de conversas e de rodas de chimarrão com o presidente Guariglia, atletas e visitantes. Após quatro meses de convívio, algo me preocupava: eu não havia conhecido nenhuma boxeadora. Mesmo tendo informações sobre mulheres que treinavam e competiam no estado, não havia encontrado nenhuma delas. No entanto, baseando-me nas conversas com os sujeitos que conviviam no local, fui seguindo uma trilha de indicações, visitando outras academias e localizando, por meios diversos, uma série de atletas que fizeram história no Boxe gaúcho.

Paralelamente às visitas à FRGP e à busca por pugilistas, realizei uma varredura de fontes documentais em torno da história do Boxe no Rio Grande do Sul. A maior parte do material existente sobre modalidades de lutas foi coletada e organizada por Jorge Aveline⁵, um entusiasta do pugilismo no estado. Ele possuía uma coluna diária no Jornal do Comércio, intitulada “Ringue”, onde circulavam as principais notícias deste universo cultural. Três acervos foram consultados em Porto Alegre em busca de fontes acerca da história das lutas no estado, sendo eles:

- 1) **Federação Rio-Grandense de Pugilismo:** A biblioteca que leva o nome de Jorge Aveline contempla cerca de quinze livros que foram organizados por ele, contendo fotografias e recortes de jornal de notícias do Boxe no Brasil e no mundo, incluindo a sua coluna “Ringue”, entre as décadas de 1960 e 1980. O acervo possui, ainda, documentos oficiais vinculados a FRGP, como súmulas de

⁵ Jorge Aveline foi professor universitário e presidente da Federação Rio-Grandense de Pugilismo, atuando entre os anos 1950 e 1980 na promoção e divulgação de eventos de lutas no estado.

campeonatos, resoluções, correspondências e fotografias de eventos. O material pertencente à FRGP contempla poucas referências quanto à presença de mulheres em modalidades de lutas: há registros da prática de Luta Livre, na década de 1960 e nas décadas de 1970 e 1980, principalmente no Judô e no Karatê.

- 2) **Centro de Memória do Esporte:** O acervo de lutas pertencente ao CEME contempla reportagens que circularam em diferentes jornais brasileiros entre os anos de 1960 e 1980. Destacam-se uma série de matérias que abordam a inserção de mulheres nas artes marciais, principalmente no Judô e no Karatê. O CEME possui um acervo de História Oral que contempla 21 entrevistas sobre pessoas envolvidas no universo das lutas, dentre as quais 14 são de mulheres.

- 3) **Centro de Documentação e Informação do jornal Zero Hora:** O jornal de circulação diária Zero Hora foi escolhido pela pesquisa por possuir um acervo com edições digitalizadas a partir do ano 1999. A pesquisa tinha por objetivo localizar a circulação de reportagens no estado do Rio Grande do Sul que possuíam como foco o Boxe praticado por mulheres no Brasil e no mundo entre 1999 e 2015. A busca no banco de dados se deu através das palavras chaves “Boxe feminino”, “a pugilista” e “boxeadora”, além de nomes de atletas gaúchas. O resultado obtido foi de 18 matérias, entre notas e reportagens.

Assim como a metodologia da História Oral, as fontes documentais são parte desta pesquisa e precisam ser discutidas teoricamente. O documento escrito é uma fonte preciosa na pesquisa em Ciências Humanas, representando grande parte dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas, sendo um registro que contribui significativamente com a compreensão do social (conceitos, comportamentos, grupos, mentalidades, etc.). No século XIX, sob a égide da história positivista, o documento escrito, em especial o oficial, era a fonte mais valorizada, assumindo o peso de prova no sentido de ciência e de objetividade. Com o desenvolvimento de novas escolas historiográficas, ocorreram modificações na noção de documento, ampliando a conceituação à ideia de que qualquer registro da presença humana, do modo de viver humano, é documento, bem como aponta Cellard (2008): “tudo que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou fonte” (p. 296). Documentos podem ser, portanto, filmes, vídeos, fotografias, relatos, tudo

aquilo que forneça informações de acordo com nosso objeto de estudo e com nosso problema de pesquisa (SÁ-SILVA;ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Considero relevante discutir a contribuição de fontes orais e escritas para a pesquisa com o objetivo de evidenciar suas especificidades e suas complementaridades. Conforme Alessandro Portelli (1997), fontes orais e escritas não são excludentes. Pelo contrário: “elas têm em comum características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher (ou que um conjunto de fontes preenche melhor que a outra)” (*op. cit.*, p.26). A fala e a escrita tão pouco existem separadamente, uma vez que muitas fontes escritas são produzidas com base na oralidade, bem como os relatos de História Oral colhem uma série de informações de materiais escritos (*op. cit.*). No entanto, existem algumas especificidades descritas por Portelli (1997): os documentos escritos existem independentemente da vontade dos pesquisadores, enquanto as fontes orais necessitam da intervenção do pesquisador para se construírem como narrativas. Documentos são fixos, não se transformam ao entrar em contato com o pesquisador, e seu conteúdo independe do problema de pesquisa. Por outro lado, como é o/a historiador/a que invoca o sujeito a narrar sua história de vida, o conteúdo da entrevista responde aos objetivos e às questões do pesquisador.

Considerando a linha de raciocínio de Portelli (1997), as fontes orais e escritas são diferentes e complementares, uma vez que têm o potencial de apresentar informações singulares à pesquisa. Os documentos escritos – tais como súmulas de campeonatos e reportagens de jornais – podem nos informar o número de inscritos em uma determinada competição, a existência de mulheres lutando, o número de lutas, os discursos da mídia em torno das atletas em esportes de combate, entre outros temas. Já as entrevistas de História Oral podem não se ater fielmente aos fatos e aos números, mas representam os sentidos que as atletas apresentam às suas experiências no Boxe, os diferentes elementos de gênero que perpassam suas trajetórias, entre outros dados que podem ser abordados através dos questionamentos do pesquisador. Nesse sentido, para a pesquisa com boxeadoras, a riqueza do estudo está no cruzamento destes dados: as atletas podem ser questionadas com base em elementos obtidos nas súmulas e nas reportagens, por outro lado, os discursos difundidos na mídia podem ser reiterados ou combatidos na fala das atletas.

As visitas à Federação Rio-Grandense de Pugilismo e a análise das fontes documentais me ajudaram a constituir um conhecimento base em torno das mulheres no Boxe gaúcho e a iniciar o trabalho com a metodologia da História Oral. Carla Rodeghero (2009) destaca a importância do conhecimento da documentação e das fontes produzidas pelo objeto de estudo,

de modo a adentrar o universo do grupo e a se preparar para a produção de entrevistas. Este se constitui em um meio de se tornar um interlocutor capaz de produzir questionamentos e de dialogar com os termos e expressões comuns a uma determinada cultura.

A base para a formação de uma rede de depoentes seguiu a articulação entre dois critérios: i) treinadores que possuem uma história no Boxe no Rio Grande do Sul e/ou reconhecimento na atuação com o Boxe praticado por mulheres; e ii) entrevistas com atletas e ex-atletas que atuaram no Boxe Olímpico em nível competitivo. Os primeiros contatos foram realizados principalmente por meio da rede social Facebook e do aplicativo WhatsApp, momento no qual apresento os objetivos da pesquisa e o interesse em realizar uma entrevista, que é marcada no dia e no local que a entrevistada preferir. Ao longo dos estudos, surgiram algumas dificuldades para a realização das entrevistas. Apesar do interesse de determinadas pessoas, elas não encontravam tempo devido às suas jornadas de trabalho, de treinamento ou de estudo. Houve um caso específico em que a pessoa – um treinador conhecido por sua resistência em aceitar mulheres na prática do Boxe –, mesmo após mostrar interesse, se negou a conceder a entrevista⁶.

Influenciada pelo vínculo que havia criado nas constantes visitas à Federação Rio-Grandense de Pugilismo, a primeira entrevista foi realizada com Vinício Guariglia, presidente da FRGP. No entanto, a perspectiva de gravar sua fala intimidou o entrevistado, que respondeu brevemente a todas as perguntas. Quando desliguei o gravador, ele passou a contar livremente suas histórias. A entrevista teve caráter experimental e centrou-se na trajetória do entrevistado no Boxe gaúcho, nas ações da FRGP e em questões sobre a inserção de mulheres no pugilismo. Outras oito entrevistas foram realizadas. Sete delas com as atletas Fernanda Godinho, Megg Tavares, Mariana Madalosso, Fabiana Justo, Carine Borba, Daniela Cattani e Sara Santos da Silva, e uma com o treinador José Lima. Com isso, foram efetuadas nove entrevistas, conforme tabela a seguir (Tabela 1):

| Entrevistados(as) | Período de atuação no Boxe | Tempo dedicado à modalidade | Vínculo |
|--------------------------|-----------------------------------|------------------------------------|-----------------------|
| Vinício Guariglia | 1970-2016 | 46 anos | Presidente da FRGP |
| José de Lima | 1994-2016 | 22 anos | Ex-atleta e treinador |
| Mariana Madalosso | 2003-2005 | 3 anos | Ex-atleta |
| Fabiana Justo | 2003-2005 | 2 anos | Ex-atleta |

⁶ O treinador se negou a dar entrevista justificando que tinha interesse em escrever um livro acerca de sua trajetória. Dessa forma, considerava que o depoimento de História Oral pudesse intervir na produção de uma história inédita de sua vida no Boxe.

| | | | |
|-----------------------------|-----------|---------|---------------------|
| Fernanda Godinho | 2006-2009 | 3 anos | Ex-atleta |
| Megg Tavares | 2006-2016 | 10 anos | Atleta |
| Daniela Cattani | 2009-2014 | 6 anos | Ex-atleta |
| Sara Santos da Silva | 2011-2014 | 4 anos | Ex-atleta |
| Carine Borba | 2012-2016 | 3 anos | Atleta e treinadora |

Tabela 1: Lista de pessoas entrevistadas na pesquisa. Fonte: A autora (2015)

O nome da ex-pugilista Fernanda Godinho surgiu após conversas com atletas de Boxe e pela consulta a fontes de jornais, o que me levou a um primeiro contato com a atleta através da rede social Facebook. A entrevista ocorreu no Shopping Rua da Praia, no centro de Porto Alegre, e abordou a trajetória da atleta no Boxe Olímpico entre os anos de 2006 e 2009. Fernanda ingressou no esporte aos 22 anos, foi campeã gaúcha, disputou o Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino, em 2008, os Jogos Abertos de São Paulo, no mesmo ano, e chegou às seletivas para os Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, além de ser a primeira mulher do Boxe gaúcho a receber o benefício do programa Bolsa Atleta⁷.

Megg Tavares foi citada pela atleta Fernanda Godinho e pelo presidente da FRGP, Vinício Guariglia, como uma atleta de destaque no estado. Ela ingressou no Boxe em 2006, aos 21 anos de idade. Entre suas conquistas, foi campeã gaúcha em diferentes anos, conquistou o bronze no Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino, em 2009 e 2013, e a prata, em 2010 e 2011. O primeiro contato com Megg ocorreu em um treino na Federação Rio-Grandense de Pugilismo, onde expliquei a ela os objetivos da pesquisa. Entrei em contato com Megg alguns meses depois, via contato telefônico. A entrevista foi realizada no Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

Os três primeiros entrevistados citaram o nome de Mariana Madalosso como a primeira atleta do Boxe gaúcho a disputar o Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino. Como não poderia deixar de entrevistá-la, fui até sua cidade natal, Guaporé, no interior do Rio Grande do Sul, para conhecer a história de uma das primeiras pugilistas do estado. Contatei a atleta pelo Facebook, e ela se mostrou bastante entusiasmada em conceder a entrevista, que ocorreu na praça central da cidade. A atleta ingressou no Boxe em 2003, aos 15 anos de idade, e permaneceu até 2005. Durante este período, foi campeã do Troféu Imprensa, em 2004, campeã do Campeonato Estadual de Boxe Olímpico, em 2005, e, no mesmo ano, foi medalha de prata no Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino.

⁷ Benefício criado pela Lei nº 10.891 de 2004 que concede auxílio financeiro a atletas que obtêm bons resultados em competições nacionais e internacionais.

O nome de Fabiana Justo, a quarta entrevistada, surgiu durante a análise de fontes de jornais e de súmulas de campeonatos, além de ser citada como a companheira de combate de Mariana Madalosso. Fabiana ingressou no Boxe em 2003, aos 21 anos de idade, e permaneceu até 2005. Neste período, disputou o Torneio Troféu Imprensa, em 2004, o Campeonato Estadual de Boxe Olímpico, em 2005, e o torneio Profight F. C., realizado no bar Opinião, também no ano de 2005. O contato com a atleta foi feito através da rede social Facebook, e a entrevista foi realizada na academia Profitness, localizada na cidade de Porto Alegre. Fabiana Justo e Mariana Madalosso são as primeiras boxeadoras a competirem no Rio Grande do Sul e foram entrevistadas de suma importância para a compreensão do contexto de iniciação das mulheres no esporte.

Carine Borba iniciou a prática de Boxe em 2012, aos 23 anos de idade. Atualmente, além de competir, ela abriu um Centro de Treinamento, no qual atua como treinadora. A atleta foi campeã do Campeonato Estadual de Boxe Olímpico nos anos de 2012, 2013, 2014 e 2015, foi Bronze no Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino, nos anos de 2012 e 2013, e disputou os Jogos Abertos de São Paulo, em 2013. O nome de Carine Borba surgiu em conversa com atletas de Boxe e durante a entrevista de Megg Tavares. O contato foi realizado por meio das redes sociais, e a entrevista ocorreu no Centro de Treinamento Borba Team, em Porto Alegre.

José Valter Corrêa de Lima foi atleta de Boxe entre os anos de 1994 e 2001. Em 2007, passou a atuar como treinador em academias de Porto Alegre e Região Metropolitana, além de promover projetos sociais, como o "Conhecendo o Boxe" e o "Jovens Atletas do Boxe" (JAB). José Lima destacou-se na atuação com boxeadoras, levando diferentes atletas a disputar campeonatos em nível nacional. Ele foi treinador e incentivador das pugilistas Megg Tavares, Fernanda Godinho, Daniela Cattani e Sara Santos da Silva, sendo citado por, pelo menos, cinco entrevistadas no projeto. A entrevista foi realizada na Academia Top One, em Porto Alegre, e abordou sua trajetória como atleta e treinador de Boxe, o processo histórico de inserção das mulheres no pugilismo gaúcho, incentivos e patrocínios para o Boxe feminino, as diferenças entre a prática de homens e de mulheres no processo de treinamento, entre outras temáticas.

Daniela Cattani ingressou no Boxe Olímpico, em 2009, aos 23 anos, e permaneceu até 2014. Neste período, disputou diferentes campeonatos gaúchos, chegando a classificar-se para o Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino, em 2012, realizado na cidade de Palmas/TO. Seu nome foi citado pelo treinador José Lima, como uma atleta de destaque, e pela boxeadora Carine Borba, uma vez que ambas foram adversárias recorrentes na categoria até 51 quilos.

Sara Santos da Silva ingressou no Boxe em 2011, aos 21 anos, e permaneceu competindo até 2014. Em sua carreira, foi Campeã Gaúcha e Campeã Paulista no ano de 2013, conquistou o terceiro lugar no Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino no mesmo ano e obteve o direito de receber o benefício do programa Bolsa Atleta. Foi citada por José Lima e Daniela Cattani como uma atleta que se dedicou exclusivamente ao Boxe, chegando a ser cotada para a Seleção Brasileira de Boxe Feminino. A entrevista foi realizada no Parque Farroupilha, em Porto Alegre, e a atleta mostrou-se bastante emocionada pelo reconhecimento de seu trabalho.

As atletas entrevistadas responderam a um roteiro⁸ de entrevista que contempla os seguintes tópicos:

- A inserção no esporte (motivação, existência de resistência por parte de treinadores, reação de familiares e de amigos, estrutura da escola onde iniciou sua prática e situação do Boxe praticado por mulheres no Rio Grande do Sul);
- A trajetória como atleta (condições econômicas para permanecer no esporte, campeonatos e conquistas);
- As mulheres no Boxe (mudanças corporais atribuídas ao Boxe, diferenças entre o processo de treinamento entre homens e mulheres, percepção sobre o caráter tardio de inserção de mulheres na modalidade).

As perguntas funcionaram de forma ampla e procuraram não induzir a determinadas respostas, fazendo com que questões sobre gênero, preconceito ou dificuldades estruturais do Boxe aparecessem no discurso articulado pelas/os entrevistadas/os, sem que tais questões fossem colocadas diretamente. Um aspecto importante para dar seguimento às entrevistas foi o de questionar as/os entrevistadas/os acerca de histórias e de nomes de pugilistas e de treinadores que atuam tanto na atualidade quanto em períodos anteriores ao da entrevista. Dessa forma, novos sujeitos foram surgindo, sendo possível articular uma rede de atletas e de treinadores mais conhecidos e citados pelas/os entrevistadas/os. No decorrer da pesquisa, o fato de conhecer alguns dos principais nomes do Boxe gaúcho ajudava a legitimar o trabalho e facilitava o contato com novos/as entrevistados/as.

⁸ O roteiro de entrevista encontra-se no Apêndice desta pesquisa.

2. O UNIVERSO CULTURAL DO BOXE

Aprender a boxear é modificar insensivelmente seu esquema corporal [...] de maneira a interiorizar uma série de disposições mentais e físicas que, ao longo do tempo, fazem do organismo uma máquina de dar e receber socos, mas uma máquina inteligente, criativa e capaz de autorregular-se, inovando no interior de um registro fixo e relativamente limitado de movimento em função do adversário e do momento.

Loïc Wacquant⁹

A descrição acima, sobre o aprendizado de boxear, de Loïc Wacquant, evidencia a complexidade que acompanha a prática e as representações que permeiam o universo cultural do Boxe. Essa modalidade possui quatro golpes¹⁰, que são combinados e desenvolvidos através da movimentação das pernas e de esquivas (MARIANTE, 2010). A prática do Boxe se desenvolve sem a necessidade de muitos equipamentos. Entretanto, o treinamento em si necessita de uma coordenação entre corpo e mente, a qual só é possível através da repetição ao “infinito” dos movimentos. O boxeador se forja através de uma técnica apurada, do controle das emoções e das estratégias que desenvolve em relação ao adversário.

O Boxe é uma modalidade de combate entre dois atletas que utilizam apenas os punhos para golpear um ao outro acima da linha da cintura. Suas mãos são protegidas por luvas acolchoadas que dissipam a força dos socos. Na atualidade, o pugilismo se divide em duas vertentes: o amador e o profissional, com competições e regulamentos substancialmente distintos. No Brasil, a Confederação Brasileira de Boxe (CBBOXE) é responsável pela organização tanto do Boxe Profissional como do Amador.

O Boxe Profissional gira em torno de investimentos e de apostas em razão da grande circulação de dinheiro em torno da modalidade. Existem mais de vinte associações mundiais que regulam o esporte, levando em consideração as diferenças em torno de regras e normas ligadas à preservação física e aos direitos trabalhistas dos atletas (FEITOSA; LEITE; LIMA, 2006). Os combates têm doze rounds de três minutos cada com intervalos de um minuto entre

⁹ WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 116.

¹⁰ Jab, direto, cruzado e upper.

eles. O objetivo principal é “derrubar” o adversário. Ou seja, desferir golpes até que um dos oponentes não tenha mais condições de continuar na disputa através de um nocaute.

O Boxe Amador, objeto de estudo deste trabalho, é uma modalidade olímpica. O esporte é coordenado em termos globais pela Associação Internacional de Boxe Amador (AIBA), que, por sua vez, é vinculada ao Comitê Olímpico Internacional (COI). O confronto ocorre em um ringue e se divide diferentemente: para as lutas femininas, divide-se em quatro rounds de dois minutos cada com intervalos de um minuto entre eles, enquanto para as masculinas, divide-se em três rounds de três minutos cada com igual intervalo entre eles. O objetivo principal é a soma de pontos, a qual se dá através da aplicação de golpes no adversário. A finalidade da luta não é o nocaute, embora este possa acontecer. Os principais campeonatos são os Jogos Olímpicos¹¹ e o Campeonato Mundial de Boxe Amador.

O Boxe Amador tem por tradição cuidados com a segurança e com a proteção dos competidores. O árbitro tem como principal objetivo proteger a integridade física dos atletas. A modalidade possui limites mínimos e máximos de idade para a competição e estipula o uso de equipamentos de proteção – capacete (obrigatório apenas para mulheres e para categorias de base), protetor bucal, protetor púbico (opcional para mulheres), protetor de seios – e o uso obrigatório de camiseta – que tem por objetivo dificultar a visualização de pontos vulneráveis na região do tórax e do abdômen (AIBA, 2015). Os campeonatos e os torneios nacionais e regionais não podem estabelecer regras menos protetoras da integridade física dos atletas do que as estipuladas pela Associação Internacional de Boxe Amador (FEITOSA; LEITE; LIMA, 2006).

Os estudos de Eric Dunning e Norbert Elias (1985) demonstram que o Boxe, os jogos de bola, a caça e a corrida assumem caráter de esporte, pela primeira vez, na Inglaterra do século XVIII, acompanhados por um processo de controle social e individual da violência. Através da formação de um Estado que centraliza a política e a administração por meio do monopólio da força e do aumento da pressão sobre os indivíduos para que estes exerçam o autocontrole de sua sexualidade, de sua agressão e de suas emoções. O processo civilizatório acima descrito teria levado a um aumento da sensibilidade em relação à violência e ao desenvolvimento, no âmbito do esporte, de características como um conjunto de regras e

¹¹ Em 1896, na primeira edição dos Jogos Olímpicos modernos, o Boxe não foi relacionado pela comissão organizadora por ser considerado um esporte perigoso. A modalidade foi incluída nos Jogos de Saint Louis, em 1904, pois era muito popular nos Estados Unidos. Em 1912, voltou a ficar fora do cartel de esportes, nas Olimpíadas de Estocolmo, por ser proibido na Suécia. A partir de 1920, o Boxe masculino participou de todas as edições dos Jogos Olímpicos. No entanto, o Boxe feminino foi incluído apenas nas Olimpíadas de Londres, em 2012.

meios de proteção dos jogadores, levando os danos físicos ao mínimo e mantendo algum controle em relação à prática esportiva.

Em termos históricos, o pugilismo estaria associado a uma forma popular de resolver conflitos entre os homens. Embora não fosse absolutamente desprovido de regras, o uso dos punhos era acompanhado, frequentemente, da utilização das pernas. O padrão de luta desarmada envolvendo os punhos era, portanto, bastante flexível. O Boxe construiu características esportivas na Inglaterra em torno do século XVIII, onde foi alvo de um rigoroso conjunto de regras, o qual elimina o uso das pernas, introduz o uso de luvas acolchoadas e estabelece diferentes categorias de peso, o que torna o confronto mais equilibrado. O Boxe Inglês, desenvolvido a partir desses princípios de regras e de proteção física dos lutadores, se tornou um modelo hegemônico adotado em diferentes países (DUNNING; ELIAS, 1985).

No Brasil, os primeiros registros acerca do Boxe ocorrem no final do século XIX, aparecendo como forma de entretenimento no contexto de modernização e urbanização no país. O tema do pugilismo se faz presente em exposições cinematográficas e circenses, além da realização de espetáculos com desafios entre lutadores profissionais. Nesse contexto, o Boxe se configurava como uma exibição ou um espetáculo e, ainda, como uma forma usual de resolver conflitos, não sendo, até então, organizado como esporte, tal qual em seu conceito atual. No Rio Grande do Sul, existem registros de espetáculos de lutas com a passagem de boxeadores profissionais pelo estado, além de registros da prática amadora do esporte, pós 1920, na Associação Cristã de Moços (ACM), na Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA) e no Sport Club Ruy Barbosa (SOUZA, 2012). Neste período, o pugilismo sofria bastante preconceito por ser associado às classes populares e à capoeira, perseguida pelo governo na época. Nos meios de comunicação, era vinculado como uma prática marginal e perigosa (FEITOSA; LEITE; LIMA, 2006). Por volta de 1920, começam a surgir as primeiras entidades normativas e de gestão do Boxe, primeiramente em âmbito regional e estadual, levando à organização e à fiscalização oficial de campeonatos e a uma maior legitimidade da modalidade.

Em 1935, a Federação Brasileira de Pugilismo é criada, assinalando a iniciativa do governo federal em regular o esporte brasileiro. Em 1941, a entidade se transforma na Confederação Brasileira de Pugilismo, congregando as federações do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais. No período, a instituição administrava uma série de esportes de combate – Karatê, Judô, Capoeira, Artes Marciais, Luta Livre e Greco-Romana – que, com o

passar dos anos, foram criando suas próprias confederações. Em 1944, amparada pelo Decreto Lei n. 3.199, é criada a Federação Rio-Grandense de Pugilismo, a qual passa a organizar um calendário anual de campeonatos estaduais, levando atletas ao Campeonato Brasileiro de Boxe Amador.

O principal feito do Boxe Amador brasileiro, durante muitos anos, foi a conquista da medalha de bronze nas Olimpíadas do México, em 1968, pelo atleta Servílio de Oliveira. Na atualidade, superando os escassos recursos e a baixa visibilidade do Boxe na mídia, boxeadores brasileiros têm obtido excelentes resultados internacionais, com destaque para a conquista de três medalhas nas Olimpíadas de Londres, em 2012. Adriana Araújo conquistou a medalha de bronze, tornando-se a primeira boxeadora brasileira medalhista olímpica. Também os boxeadores Yamaguchi Falcão e Esquiva Falcão conquistaram o bronze e a prata, respectivamente, superando o feito de Servílio de Oliveira há quarenta anos.

A relação entre esporte e cinema torna-se bastante significativa na compreensão do universo cultural do Boxe. Conforme Melo e Vaz (2005), ambas as categorias funcionam como ferramentas pedagógicas na sociedade moderna e despontam como espetáculo em um mesmo período, a segunda metade do século XIX, tendo a cidade como localidade. Os filmes são pensados como uma prática sociocultural significativa na construção de representações na sociedade contemporânea e, embora não reflitam a realidade de forma linear, abordam questões enraizadas em nossa cultura e demonstram intencionalidades sobre esta, exercendo influência sobre a vida dos indivíduos.

O Boxe despertou uma atenção especial do cinema desde seus primórdios. O aspecto plástico da modalidade, os elementos de classe social e a superação das dificuldades representam uma receita infalível para a sétima arte, conforme pode ser lido em Melo e Vaz (2005):

Enfim, o fascinante mundo do Boxe, com seus personagens sombrios e complexos (ainda que facilmente reduzíveis a um esquema maniqueísta de herói-mocinho), com seus dramas pessoais, com suas histórias de superação, um mundo esteticamente adequado às lentes das câmeras (com sombras, suor, lágrimas, corpos fortes, impacto visual), conectando o popular com a elite, o insider com o outsider, a assepsia da atividade física com a sujeira do ambiente, sempre foi um prato cheio para cineastas de todas as nacionalidades (p. 58).

Os filmes analisados por Melo e Vaz (2005) representam o Boxe através da sensibilidade das relações humanas, passando, por fim, uma imagem moral em que a dedicação, a disciplina e um estilo de vida ascético são recompensados no âmbito do esporte e da vida. O cinema produz modelos de masculinidade por meio de personagens protagonistas homens nos mais diferentes filmes, como “O Campeão” (1931), “Rocky” (1976, 1979, 1982, 1985, 1990, 2006) e o mais recente “Creed: Nascido para Lutar” (2016). Estes filmes apresentam uma série de elementos que permeiam o imaginário social em torno do Boxe: pode-se destacar a ligação com camadas sociais menos favorecidas, a possibilidade de ascensão social através do esporte, o sucesso por meio do treinamento, da disciplina e de privações, além da predominância de homens. As representações de masculinidade estão centradas em valores e em performances esperados publicamente para os homens, como violência, determinação, força física e poder, além de marcas como cicatrizes e cortes, que funcionam como sinais de valentia e heroísmo, decorrentes das lutas (MELO E VAZ, 2005).

O trabalho etnográfico de Wacquant (2002) em um clube de Boxe de um bairro do gueto negro de Chicago, Estados Unidos, realizado entre os anos de 1988 e 1991, confirma algumas representações hegemônicas acerca desta prática esportiva: o seu caráter moral, a presença exclusiva de homens e os valores de uma masculinidade normativa¹². A escolha pela prática de Boxe só pode ser compreendida em relação às oportunidades oferecidas pela vida no espaço e no contexto histórico analisado: a escola pública precária, a estrutura de trabalho desqualificado e a economia predatória da rua. Neste ambiente, muito cedo os jovens se acostumam às formas mais variadas de violência da rua, perto da qual, considera Wacquant (2002), “[...] a violência estritamente policiada do Boxe parece ficar bem pálida” (p. 43). Conforme o autor, a academia de Boxe se isola do ambiente da rua e se configura como uma “ilha de estabilidade e ordem” (p. 44), na qual o boxeador tem a possibilidade de desenvolver o pertencimento a uma organização e de ser moldado por valores como disciplina, respeito ao outro e a si mesmo. O gym¹³ se configura, portanto, em uma relação simbólica do indivíduo com o mundo da rua, pois se apoia na lógica da cultura masculina, da coragem, da honra e da força corporal para atrair a juventude do gueto para a prática de Boxe, construindo um ambiente que se opõe à desordem da rua e utilizando a violência de uma forma “controlada” e “construtiva”.

¹² O conceito de masculinidade normativa está associado a diferentes instâncias pedagógicas que buscam adequar homens e mulheres às noções de gênero construídas socialmente, com base em seus corpos biológicos. Estes processos procuram embutir, de forma autoritária, atributos femininos às mulheres e masculinos aos homens (MISKOLSCI, 2012).

¹³ O termo se refere a um clube ou academia de boxe.

O Boxe proporciona aos jovens a entrada a um universo distinto que envolve prestígio e honra, a um ambiente onde se pode colocar em prática os valores centrais do “ethos” masculino (WACQUANT, 2002). O salão de treinamento é marcado pela presença apenas de homens, sendo a “intromissão” de mulheres tolerada em circunstâncias excepcionais: perto de uma luta importante ou após uma vitória, momento em que elas podem assistir aos treinos de seus maridos e namorados. As mulheres podem, ainda, ajudar seus maridos/namorados assumindo para si as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos, dando apoio emocional e financeiro (*op. cit.*). Embora, em muitos casos, não exista uma barreira formal que exclua as mulheres do ambiente de treino, fica evidente que elas não são bem-vindas, pois sua presença atrapalharia, se não “o funcionamento material, pelo menos a ordenação simbólica do universo pugilístico” (*op. cit.*, p. 70). O autor conclui que, em um ambiente de construção de masculinidade, “de verdadeiros homens” (*ibid.*, p. 87), fica implícita a superioridade dos homens em relação às mulheres, onde elas se configuram como um gênero ausente, mas simbolicamente presente em negativo.

Embora algumas representações em torno do universo cultural do Boxe se cristalizem – como a associação às classes populares, o esporte como meio de ascensão social e a presença majoritária de homens –, é preciso vislumbrar o Boxe como uma prática que se localiza historicamente e que varia conforme os diferentes contextos sociais. O trabalho desenvolvido por Mariante (2010), que analisa a prática de Boxe em uma academia de Porto Alegre, demonstra como a modalidade pode ser estudada através de uma perspectiva abrangente, diversificada e heterogênea. A presença do Boxe em uma academia de ginástica, ligada a uma performance mais estética do que esportiva, com alunos pertencentes a uma classe social mais elevada e onde a prática se vincula mais à saúde e à boa forma do que a fins competitivos, traz novas representações para a modalidade. Para o autor, a academia analisada demonstra os diferentes sentidos atribuídos ao esporte, os quais articulam o esporte ao fitness, uma vez que os praticantes, homens e mulheres, se interessam tanto pela atividade de luta como se preocupam por aspectos do cuidado com o corpo.

Retomando as representações do Boxe no cinema, mais recentemente, alguns filmes ressignificaram o lugar da mulher neste universo cultural, acompanhando o processo histórico

de inserção de atletas no esporte. O filme “Girlfight”¹⁴, lançado em 2000, é o primeiro filme a apresentar uma mulher como protagonista no universo cultural do Boxe.

Em 2004, é lançado o filme “Menina de Ouro”, com direção de Clint Eastwood. A trama conta a história de Maggie Fitzgerald, uma mulher norte-americana de 31 anos que vive em condições humildes e que sonha em tornar-se uma pugilista profissional. O filme narra as adversidades pelas quais a atleta passa em busca de seu sonho, a inicial recusa do treinador pelo fato de não treinar mulheres, a idade já avançada para desenvolver uma carreira no Boxe e a dura rotina em que a personagem concilia o treinamento de Boxe e o trabalho como garçone. Este filme possui alguns dos elementos descritos por Melo e Vaz (2005) como representações cristalizadas do Boxe no cinema, tendo como temática o desenvolvimento físico e moral no interior da modalidade esportiva. A personagem, oriunda de setores desfavorecidos da população, consegue sua ascensão a partir da transposição de barreiras econômicas e de gênero, obtendo um lugar de destaque através do treinamento ascético, da disciplina e de privações. O filme obteve uma repercussão bastante significativa: venceu quatro categorias no Oscar, incluindo a de melhor filme. Ele foi comentado em jornais gaúchos¹⁵ e citado por atletas¹⁶ desta pesquisa como um acesso ao universo do Boxe.

O objetivo deste capítulo foi apresentar ao leitor o universo cultural do Boxe, seus golpes e suas regras, seus equipamentos de segurança. E ainda: como se organiza, em termos mundiais, o Boxe Amador, objeto de pesquisa deste estudo, apontando as diferenças em relação ao Boxe Profissional. Para além da modalidade e sua estruturação, foi dado enfoque às diferentes representações sociais cristalizadas em torno do Boxe, mesclando como a arte e a pesquisa científica retratam o esporte. O objetivo é elaborar um pequeno panorama deste universo esportivo, buscando demarcar onde se inserem as boxeadoras entrevistadas, bem como os desafios enfrentados pelas mesmas.

¹⁴ O filme “Girlfight”, escrito e dirigido pela californiana Karyn Kusama, conta a história de uma adolescente com problemas familiares que canaliza sua agressividade treinando para se tornar uma boxeadora (FERNANDES; MOURÃO, 2014).

¹⁵ As reportagens “Meninas de Ouro”, de 14 de outubro de 2007, e “Gurias de Ouro”, de 27 de fevereiro de 2005, ambas encontradas no jornal Zero Hora, fazem referência à repercussão do filme “Menina de Ouro” no Rio Grande do Sul.

¹⁶ A ex-boxeadora Fernanda Godinho, ao ser interrogada acerca das influências que a levaram à prática de Boxe, afirma ter assistido ao filme “Menina de Ouro” e pensado: “Eu quero fazer. É isso”.

3. AS MULHERES NO MUNDO DO BOXE: UMA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ao propor a realização de um estudo histórico acerca da inserção de mulheres no Boxe gaúcho, é preciso explicitar a concepção de história deste trabalho, fruto das influências do tempo presente e dos caminhos traçados desde os primeiros semestres da minha graduação em História. A concepção ligada aos Estudos Culturais diz muito sobre a escolha das fontes, as categorias de análise e as interpretações que serão desenvolvidas nesta pesquisa. Parto, portanto, da valorização da vida cotidiana das pessoas comuns através da análise dos sentidos que eles constroem para sua realidade. Também reconheço o papel ativo de quem pesquisa, a complexidade do real e o papel da subjetividade na construção do conhecimento científico (COSTA, 2014).

Com o avanço da pesquisa documental em busca da presença de mulheres no Boxe, evidenciou-se que este era um processo histórico extremamente recente, fato que me levou a recorrer a História do Tempo Presente. O historiador Marc Bloch (2001) trouxe contribuições importantes para legitimar o estudo de períodos históricos inconclusos ao questionar a definição de História como a ciência do passado, pois não seria racional adotar como objeto de estudo todos os fenômenos que têm como única característica comum não serem contemporâneos. Nesse sentido, o objeto da História é, por definição, o ser humano. Ou seja, por trás de todos os registros, escritos e instituições, são os sujeitos que os/as historiadores/as querem acessar. A História é a ciência das pessoas no tempo, uma vez que o evento histórico só pode ser compreendido dentro de uma categoria de duração, e o/a historiador/a realiza sua análise a partir da lógica e das inquietações de seu tempo.

A História Cultural nasce de uma crise paradigmática na historiografia, com influências dos campos de estudo da Sociologia e da Antropologia Cultural, e pela ampliação da atuação do/a historiador/a propiciada pela Escola dos Annales. Com o esgotamento do princípio científico da racionalidade, a História deixa de procurar a “verdade” acerca do passado e reconhece o caráter subjetivo do/a historiador/a na seleção das fontes, do tema e na escrita historiográfica. Cada vez mais os domínios da cultura, as pessoas comuns e os sentidos que eles atribuem ao mundo vão se transformando em temáticas a serem exploradas pelo/a historiador/a (PESAVENTO, 2012).

Os conceitos de cultura e de representações se tornam centrais na compreensão da forma como as pessoas se organizam em sociedade e como percebem a si e a realidade a sua volta. Nas palavras de Sandra Pesavento (2012), “indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (p.39). Uma vez que não há como se ter acesso ao passado “tal como ele aconteceu”, todo vestígio que o/a historiador/a tem do seu objeto de estudo são representações que os homens construíram sobre a realidade do passado. Dessa forma, toda história é uma narrativa sobre o passado, que, apesar de ter como referencial o real, se desenvolve sobre uma temporalidade já transcorrida e envolve necessariamente representação e reconstituição. O/A historiador/a goza de uma legitimidade social, pois, ao construir um discurso sobre o passado, este produz efeitos de verdade. Em outras palavras, “a história dá consistência ao que narra e participa da construção do real” (PESAVENTO, 2012, p.55).

Conforme Pesavento (2012), os pressupostos da História Cultural trazem transformações epistemológicas profundas ao modo como se escreve acerca dos indivíduos no passado. A História é escrita por questões formuladas em diferentes períodos históricos, portanto, o passado é sempre reescrito a partir das inquietações que são pertinentes no presente. Para além de resgatar os vestígios e as representações, a tarefa do/a historiador/a é decifrar e dotar o passado de inteligibilidade. Ele precisa reunir elementos e construir uma narrativa capaz de fazer sentido. O que diferencia o/a historiador/a, neste processo, é a sua bagagem cultural, a qual propicia a problematização das representações do passado e a interpretação das mesmas através de uma série de relações entre o objeto de análise e o contexto estudado (*op. cit.*).

No interior de novos paradigmas de pesquisa, a noção de História do Tempo Presente (HTP) desponta como uma possibilidade ligada aos pressupostos da História Cultural, através da valorização de uma análise qualitativa da experiência e da memória. Na Antiguidade Clássica, tendo como referência historiadores como Heródoto e Tucídides, os acontecimentos recentes eram o foco central da pesquisa histórica, e as fontes privilegiadas eram os relatos das testemunhas oculares destes mesmos eventos. No entanto, no período de institucionalização da História enquanto disciplina, no século XIX, ocorrem a ruptura entre as noções de passado e de presente e o estabelecimento de uma visão retrospectiva do estudo histórico com foco em processos que já possuem um desfecho conhecido. Neste período, a disciplina caracteriza-se pela análise de documento escritos através da objetividade e do distanciamento dos problemas do presente. Segundo Ferreira (2000), “[...] só o recuo no

tempo poderia garantir uma distância crítica” (p.2). Conforme François Dosse (2012), com o desenvolvimento da Escola dos Annales, na década de 1930, ocorre uma reintrodução da HTP, através da reflexão em torno da subjetividade inerente ao trabalho do/a historiador/a, uma vez que este sempre parte do contemporâneo para compreender o passado, ou seja, o estudo histórico possui uma relação inevitável com o presente.

O desenvolvimento do estudo da História do Tempo Presente traz, portanto, novas perspectivas e novos desafios à produção do conhecimento historiográfico. Coloca-se em questão o princípio norteador da historiografia do século XIX, que pensa a História como a ciência do passado, surgindo como novo paradigma a concepção de que, mesmo estudando períodos remotos, estaríamos fazendo história contemporânea (DOSSE, 2012). A complexidade de estabelecer o presente como objeto de estudo coloca uma série de desafios ao/a historiador/a, uma vez que não é possível mensurar os efeitos dos acontecimentos, pois o futuro permanece inacabado. Por outro lado, estas pesquisas contribuem para o estabelecimento de novas abordagens em outros períodos da história, uma vez que, ao dar-se conta da imprevisibilidade dos fatos no presente, podemos questionar a indeterminação do presente de sociedades passadas, evidenciando a pluralidade de escolhas e de ações dos sujeitos nos diferentes períodos históricos (*op. cit.*).

A fronteira pouco demarcada do momento entre o passado e o futuro se coloca como objeto de uma série de reflexões filosóficas. Nesse sentido, o presente é interpretado por François Dosse (2012) como a categoria do espaço da experiência. O momento atual não é pensado como uma persistência do passado, mas como evocativo de uma série de possibilidades através da iniciativa e da ação. Dessa forma, “uma história do tempo presente abriria, então, seus extremos a todo espaço da experiência, em nome do futuro de um passado tornado fonte de um agir” (*op. cit.*, p. 18). Dentro desta perspectiva, o presente não é simplesmente uma passagem contínua entre o passado e o futuro, mas o ponto em que o homem se posiciona e produz novos sentidos, caminhos e rupturas.

A introdução deste capítulo procura explicitar os meus posicionamentos enquanto historiadora, as concepções e as vertentes historiográficas das quais me aproximo e que influenciam na produção do conhecimento. Nos próximos três subcapítulos, o objetivo é abordar o contexto histórico de inserção das mulheres nas artes marciais e os principais discursos que circulam em torno da legitimidade destas práticas. Em um segundo momento, começamos a conhecer a trajetória de vida das atletas estudadas e como suas histórias se

entrelaçam. E, por fim, abordamos como as questões econômicas influenciam na permanência de atletas no Boxe gaúcho.

3.1 As mulheres e as artes marciais: uma história de resistência

Neste subcapítulo, tenho por objetivo traçar um panorama histórico da presença de atletas no universo cultural das lutas por meio de fontes orais e de arquivos jornalísticos. Adoto, como um ponto emblemático, os períodos pré e pós-proibição da prática de artes marciais por mulheres, procurando demonstrar a presença das mesmas em diferentes modalidades de lutas e observar os discursos que circulam em torno desta prática na mídia. Este subcapítulo evidencia a ausência de registros da presença de atletas no Boxe em contraponto a outras artes marciais e convida as entrevistadas pela pesquisa a buscarem significados, através de suas experiências, para compreender o processo tardio de inserção das mulheres no meio pugilista.

No Brasil, entre meados do século XIX até o Estado Novo, o esporte desconhece a interferência do governo estatal. Embora existisse uma esfera esportiva integrada à vida cotidiana, como modalidades, campeonatos e clubes regimentados, essas estruturas provinham de entidades organizadas pela sociedade civil. O Estado Novo caracteriza-se pela forte centralização estatal e pelo empenho na construção de uma identidade nacional através de sua intervenção em esferas da vida cotidiana, como saúde, trabalho, educação e, inclusive, no esporte (PIMENTEL; MEZZADRI, 2007). Através do Decreto Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941, o Estado pensa o esporte como um instrumento de projeção internacional. Assim, cria-se o Conselho Nacional de Desportes (CND), com o objetivo de controlar e fiscalizar todas as questões relacionadas às atividades físicas. O Decreto Lei n. 3.199 instaura uma política de governo para o esporte nacional, com objetivos nacionalistas, através do controle político e social das entidades esportivas, em sua maioria, fundadas e baseadas em costumes de imigrantes. O esporte funciona como um dos pilares do projeto de eugeniação no Brasil, com o objetivo de construir corpos saudáveis, atendendo às exigências de trabalho e de produtividade (MACEDO, 2008).

No contexto anterior ao Decreto Lei n. 3.199, a Revista Brasileira de Educação Física do Exército (REFE) apresenta temas referentes à preocupação com a saúde da mulher na esfera esportiva, relacionados principalmente à sua condição “frágil” e ao perigo da masculinização de seus corpos (SOUZA, 2006). Em 1941, o General Newton Cavalcanti

apresenta, ao Conselho Nacional de Desportes, subsídios para a oficialização da interdição de mulheres em algumas modalidades esportivas. Assim, através do artigo 54 do Decreto Lei n. 3.199, as mulheres ficam impedidas de praticar esportes considerados incompatíveis com a sua natureza. Outras modalidades são permitidas, no entanto, com restrições (GOELLNER, 2005). Pensando o controle estatal e o projeto eugênico ligado à esfera esportiva, a atividade física era um meio importante para preparar as mulheres para a condução da maternidade e para a geração de uma nação forte. No entanto, existiam atividades, como o futebol e as lutas, consideradas violentas para seus corpos.

O golpe civil-militar de 1964 instaura um estado de exceção no Brasil através do controle e da repressão, tanto no meio político quanto no social, em nome da segurança interna e do desenvolvimento econômico. O contexto ditatorial altera os rumos do esporte no Brasil, em especial, no âmbito das mulheres na esfera esportiva. Conforme Farias (2012), sob o comando do General Eloy de Menezes, o Conselho Nacional dos Desportes ratificou o artigo 54 do Decreto Lei n. 3.199, instituindo novas modalidades esportivas proibidas para mulheres. No entanto, existe uma distância entre o vivido e o normativo, de forma que as mulheres não somente praticavam como competiam em modalidades consideradas incompatíveis pelo CND ao seu “sexo”, desafiando as “razões médicas” que justificavam a proibição¹⁷.

No contexto da ditadura civil-militar, tal como outros movimentos da contracultura que combatem valores e costumes moralistas, “as atletas brasileiras que desafiavam padrões de comportamento feminino ou concepções rígidas e dualistas de sexualidade, identidade sexual e gênero, eram alvo de suspeita, vigilância e censura política” (FARIAS, 2012, p. 38-39). Em um período marcado pela crescente inserção de mulheres em locais reservados a homens, tal como o esporte, ocorre uma reação de deboches e ironias em jornais relacionada à presença de mulheres em determinadas modalidades esportivas, procurando desmoralizar a emancipação das mulheres como um todo¹⁸. Desse modo, enfrentando múltiplas formas de exclusão e de preconceitos institucionalizados na política brasileira, muitas atletas

¹⁷ As atletas Aída dos Santos e Irenice Rodrigues representaram o Brasil nos Jogos Pan-Americano de Winnipeg, no Canadá, realizado em 1967, em modalidades proibidas para mulheres naquele período, sendo elas o pentatlo e a prova de 800 metros no atletismo, respectivamente.

¹⁸ O trabalho desenvolvido por Raquel Soihet (2005) aponta que a ridicularização foi uma das armas utilizadas pela imprensa, inclusive por setores da esquerda brasileira, para desvalorizar mulheres que lutavam por seus direitos ou que assumiam identidades que confrontavam os valores normativos de feminilidade. Conforme a autora, o jornal *Pasquim*, conhecido pelas críticas à ditadura brasileira, voltava-se contra militantes do movimento feminista, utilizando de ofensas como “masculinizadas, feias, despeitadas” (p. 591), representando, assim, atitudes significativamente conservadoras para com grupos que se mostravam libertários em outras instâncias.

transformaram a prática esportiva e seus próprios corpos como símbolo de uma luta política (*op. cit.*).

Na segunda metade da década de 1970, o Brasil passa por profundas transformações sociais, culturais e políticas, com a distensão da ditadura civil-militar e com o desenvolvimento do movimento feminista no Brasil, abrindo espaço para a discussão acerca da posição da mulher no contexto brasileiro, inclusive no âmbito legislativo. Em 1977, é instaurada uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) para examinar a situação da mulher em diferentes ramos de atividades e para verificar até que ponto a legislação vigente contribuía para as desigualdades de gênero na sociedade brasileira. A CPMI contou com depoimentos de mulheres de diferentes âmbitos, denunciando as desigualdades a que as brasileiras estavam sendo submetidas. Dentre as personalidades, estavam a nadadora Maria Lenk e a jornalista e tenista Íris Carvalho, que, em seus discursos, sugerem a revogação do decreto que proíbe as mulheres de praticar determinadas modalidades e reivindicam o direito de escolha de se expor ou não aos perigos de esportes de maior contato físico (MOURÃO; SOUZA, 2011). As transformações políticas, influenciadas pela pressão da sociedade civil, levaram à revogação da deliberação número 7/1965 e à possibilidade de as mulheres praticarem e competirem em quaisquer atividades esportivas.

No acervo do Centro de Memórias do Esporte, localizei uma série de registros acerca da presença de mulheres nas lutas antes de 1979, o que evidencia que, mesmo no período de proibição, existiram atletas praticando artes marciais. A partir da década de 1950, com o crescimento urbano e industrial, se amplia a presença de mulheres no mercado de trabalho, nos estudos e, conseqüentemente, no espaço público, tornando a prática de atividades físicas e de lazer mais aberta à sua presença (BASSANESI, 1997). Nesse contexto, levando em conta a crescente circulação de mulheres no espaço público, o discurso midiático aponta para a prática de lutas como um meio de defesa pessoal, frente à violência das ruas:

Aliás, como meio de defesa realmente é uma das melhores opções nos dias de hoje, onde uma pessoa quase não pode mais sair sozinha a qualquer hora do dia e da noite. “E, no início, já que elas estavam destinadas a não competir, eu me preocupei com esta parte. Não poderiam competir, mas saberiam defender-se muito bem”, diz o técnico. (CORREIO DO POVO, 1980a, s/p¹⁹).

¹⁹ Convém observar que parte das reportagens de jornais organizadas por Jorge Aveline, localizadas na biblioteca da Federação Rio-Grandense de Pugilismo, não possuem o número da página ou registro do autor da matéria.

A observação do treinador aborda o discurso da defesa pessoal como um meio de adequar um lugar nas artes marciais para o sexo frágil²⁰ sem que a prática de lutas comprometa a feminilidade das atletas, uma vez que elas estariam mais suscetíveis aos perigos da violência da rua, ao assédio dos homens, e este seria um meio de defenderem-se. É o que justifica uma atleta: “a gente não acha que esta forma de esporte, a “arte marcial”, deixe a mulher “masculina”. Porque é um esporte que exige muita sutileza, antes da força bruta” (Rosane Santos *apud* ROSSI, 1979, s.p.). A fala da atleta demonstra sua preocupação ao associar a prática de lutas aos atributos de uma feminilidade normativa²¹, como leveza, sutileza e graciosidade, em contraponto à força, que estaria associada à masculinidade.

Com a substituição do Decreto Lei n. 3.199 pela Deliberação 10/79, passam a ocorrer os primeiros campeonatos de artes marciais no Rio Grande do Sul que contam com a participação de mulheres. É o caso do I Campeonato Gaúcho de Karatê, realizado em maio de 1980, que apresenta as atletas como “atração” do evento (CORREIO DO POVO, 1980b, s/p). Em junho do mesmo ano, é organizado o I Torneio Aberto Feminino de Judô, em Porto Alegre, momento em que a Federação de Judô conta com 41 atletas registradas no estado (FOLHA DA TARDE, 1980, s/p). Em novembro de 1980, a delegação de Judô do estado participa, com uma equipe de seis atletas, do primeiro Campeonato Brasileiro de Judô Feminino, realizado no Rio de Janeiro. A competição levou uma equipe brasileira, incluindo a atleta gaúcha Iara Mery Martins, ao I Campeonato Mundial de Judô Feminino, realizado em 1980, em Nova York (CORREIO DO POVO, 1980a, s/p).

Na década de 1980, passam a circular uma série de discursos em torno de mulheres que praticam e competem no universo cultural das lutas. Para além das falas que identificam na defesa pessoal um bom motivo para que elas aprendam a lutar, outros atributos, como a saúde e a construção de um corpo ideal, passam a aparecer em diferentes reportagens que noticiam o fenômeno. A matéria “As mulheres vão à luta”, de Marisa Carrião, publicada na revista Visão em 31 de julho de 1985, destaca a presença de mulheres em diferentes modalidades de luta – como Capoeira, Aikidô, Caratê, Kung Fu, Tai-Chi-Chuan, Tae-kwon-

²⁰ Este é o tema da reportagem “Judô e Karatê, as armas do sexo frágil” (FOLHA DA TARDE, 1974, s/p).

²¹ O conceito de feminilidade normativa está associado à noção de eleger uma identidade de gênero como parâmetro, através do qual outros sujeitos são comparados e hierarquizados. Atribui-se a esta identidade uma série de características positivas, pelas quais as demais identidades são avaliadas de forma negativa (FERNANDES; MOURÃO; GOELLNER; GRESPLAN, 2015).

do e Judô – como uma novidade. A popularidade das lutas e as motivações são levantadas pela reportagem:

A presença feminina nas academias é um fenômeno desta década. Mas não é só o item segurança que faz crescer esse interesse; mas também a saúde e a beleza física são argumentos nada desprezíveis (CARRIÃO, 31/07/1985, p. 34).

Mas, se as lutas fazem bem a saúde e proporcionam segurança, de quebra oferecem as mulheres uma vantagem nada desprezível: beleza (CARRIÃO, 1985, p. 33).

Os argumentos utilizados pela revista valorizam um estilo de vida ativo para as mulheres, pois a prática de atividade física é pensada como um meio de se construir um corpo ideal em que saúde e beleza são sinônimos. No entanto, a mulher deve investir no esporte de forma comedida, evitando qualquer tipo de excesso que possa levar à potencialização muscular, que desestabilize as noções normatizadas de feminilidade. Ou seja, permanece circulando, sobre a prática de atividades físicas, o perigo da “masculinização” do corpo da mulher (GOELLNER, 2008).

Na biblioteca da Federação Rio-Grandense de Pugilismo, bem como no Centro de Memória do Esporte, não foram localizados registros de pugilistas para a década de 1980, embora outras modalidades de lutas fizessem referência a crescente presença de mulheres no mesmo período. É o caso dos registros publicados na coluna “Ringue”, de Jorge Aveline, no Jornal do Comércio, “Judô: Amanhã, campeonato brasileiro da região sul – masculino e feminino” (AVELINE, 1982a, s/p) e “Karatê: São Paulo e o novo campeão brasileiro” (AVELINE, 1982b, s/p). Ambos relatam a disputa de campeonatos em que existem categorias femininas e masculinas. Matérias que se referem ao Boxe durante a década de 1980 permanecem genéricas ao descreverem apenas as categorias de peso e ao pressuporem ao leitor que seriam praticadas apenas por homens²².

No Rio Grande do Sul, a presença de mulheres no Boxe passa a ser noticiada em meados dos anos 2000, com destaque para reportagens acerca de disputas realizadas em nível profissional²³, além de textos que relatam a presença de mulheres começando a treinar em

²² Este é o caso das publicações da coluna “Ringue”, de Jorge Aveline: “Box amador gaúcho realiza eliminatórias” (AVELINE, 1983, s/p) e “Noitada de box alcança sucesso.” (AVELINE, 1982c, s/p).

²³ A nota “Mulheres que batem”, de Jonas Lopes Silva, publicada em 10 de fevereiro de 2000, no jornal Zero Hora, aborda a existência de pugilistas, como Laila Ali e Jacqueline Franzier-Lyde, filhas de ex-boxeadores famosos, que iniciaram há pouco carreiras no Boxe Profissional. Outra nota, intitulada “Com força”, de Mario

academias no estado, porém sem se envolverem em competições. O primeiro registro de participação de pugilistas em um campeonato organizado pela Federação Rio-Grandense de Pugilismo foi localizado em julho de 2003. As reportagens “Gurias de Ouro” (SOARES, 2005) e “Meninas de Ouro” (MONTANDON, 2007), ambas publicadas no jornal Zero Hora, apontam para o histórico recente das mulheres no pugilismo, considerado como um “[...] esporte que ainda está germinando no estado e no Brasil (aliás, nem esporte olímpico é)” (MONTANDON, 2007, p.50).

O Boxe permaneceu, durante muito tempo, sendo ocupado exclusivamente por homens e produzindo valores de uma sociabilidade masculina, como coragem, honra e força corporal (WACQUANT, 2002). A presença de mulheres no espaço pugilista desafia alguns dos valores de uma feminilidade normativa. É o que demonstra o estudo “Mulheres no boxe: Percepções sociais de uma luta sem luvas e fora dos ringues” (CARDOSO et al., 2012), que analisa os obstáculos e os preconceitos que sofrem as boxeadoras. Entre outros elementos, os autores apontam a existência de uma suspeita quanto à autenticidade do gênero e acerca da sexualidade das atletas, o receio quanto à masculinização do corpo e dos gestos, além do medo do caráter violento da luta e a possibilidade das atletas se machucarem (*op. cit.*).

Nesse contexto, diante das desconfianças que a prática de um esporte tido como “masculino” possa causar na sociedade, os discursos vinculados às reportagens do Boxe pretendem readequar a corporalidade das atletas aos atributos de gênero esperados pelas mulheres na atualidade. Assim, a contracapa do jornal Zero Hora, de 27 de fevereiro de 2005, chama atenção para as mulheres no Boxe da seguinte forma: “Esmalte e batom sobem no ringue” (SOARES, 2005, s/p). Demais referências acompanham a mesma lógica discursiva: “Por baixo do quase um metro de faixa que protege seus dedos de fraturas, Fabiana exhibe unhas vermelhas compridas e impecáveis” (SOARES, 2005, p. 48).

Conforme Mirian Adelman (2004), estes discursos são recorrentes nas representações de atletas na mídia: reportagens que procuram evidenciar o corpo das mulheres moldado pelo esporte como um ideal de beleza em nossa sociedade. As fotografias e a linguagem utilizadas pela mídia esportiva expõem uma visão erotizada das atletas e, em muitos casos, seus atributos de beleza são mais valorizados do que seu desempenho no esporte. Conforme a autora, estas práticas servem para “[...] dispensar tão logo que puder com qualquer possível

Marcos de Souza, publicada em 6 de maio de 2001, também no jornal Zero Hora, aponta que, além da presença de mulheres no Boxe, nos Estados Unidos, passa a ser registrado “um avanço surpreendente” da modalidade na Índia.

comprometimento da “feminilidade” que a prática esportiva poderia acarretar” (*op. cit.*, p. 99). Embora as práticas corporais e esportivas tenham um potencial transgressor dos lugares de gênero em nossa sociedade, da forma como ela é incorporada pelos meios de comunicação em massa, acaba por reiterar, através de seus discursos e de suas imagens, estereótipos de gênero consolidados socialmente (*op. cit.*).

A análise de documentos escritos, nos acervos pesquisados, evidencia a presença recente de mulheres no Boxe, seja através de discursos ou de silêncios, quando comparado a outras modalidades de luta. Para além de buscar mais dados acerca do contexto de inserção de atletas no Boxe gaúcho, a História Oral funcionou como um meio de acessar, com base na experiência destas atletas, os significados que elas atribuem como maior resistência da sociedade à presença de mulheres no meio pugilista. As perguntas relacionadas a este processo confrontavam as atletas com questionamentos sobre os quais muitas delas não haviam refletido, uma vez não tinha acesso a dados acerca da história das mulheres nesta modalidade de luta. Desse modo, a HO mostra sua riqueza, como observa Regina Guimarães Neto (2010):

A entrevista oral se move de acordo com a experiência que vamos compartilhando, com as práticas e saberes de uma e de outra. Minhas perguntas, algumas vezes levavam-na a perscrutar problemas sobre ângulos ainda não refletidos e a explorar outros mundos, assim como eu, diante de suas respostas (p. 88).

Nesse sentido, o contato com as fontes documentais levou à formulação de questionamentos em torno de dados que as atletas não conheciam, portanto, ajudou a pensar a inserção das mulheres no Boxe sob uma nova perspectiva. Por outro lado, as respostas das atletas e dos treinadores trouxeram uma série de elementos ligados a suas experiências e reflexões que enriqueceram esta pesquisa.

As atletas associam a inserção tardia de mulheres no pugilismo ao contato físico intenso do Boxe e ao caráter “agressivo” da modalidade. A atleta Carine Borba, ao comparar o Boxe com modalidades como o Judô e o Karatê, afirma que “uma coisa é tu cair no chão, outra é tu levar um soco no meio do teu nariz. É muito mais agressivo... O esporte é um dos mais agressivos... Entre o Judô e o Karatê é muito mais agressivo” (BORBA, 2015, p. 18). Conforme Fabiana Justo, as demais modalidades podem ter os mesmos riscos de lesão que o Boxe, ainda que “tomar um soco na cara possa parecer mais agressivo” (JUSTO, 2015, p. 13).

E isso, para Fabiana, pode ter justificado o processo mais demorado de inserção de mulheres no boxe.

Mariana Madalosso segue a mesma linha de raciocínio das atletas supracitadas. Para ela, o caráter agressivo estaria ligado ao “soco na cara”, sendo este o fator que diferencia o boxe de outras modalidades esportivas. Entretanto, a ex-pugilista acredita que exista um pouco de receio das mulheres em subir no ringue. Em suas palavras, “é um pouco de medo da mulher ir lá e meter a mão na cara de alguém e tomar uma na cara também, porque essa é parte mais difícil, de repente um pouco de receio, não sei” (MADALOSSO, 2015, p. 10). Subir no ringue, para a atleta, é algo que demanda coragem, característica que não é associada comumente à mulher na nossa sociedade. Dentro desta linha de raciocínio, quando o “sexo frágil” se coloca na situação de bater e apanhar, coloca em xeque dois pressupostos básicos atribuídos à feminilidade normativa: a passividade e a fragilidade.

Na argumentação de Fabiana Justo, para além de pensar se o Boxe é uma prática mais agressiva em relação a outras modalidades, é importante perceber que os discursos ligados à violência do esporte ou à integridade física de atletas são direcionados às mulheres, porque, na relação homens e lutas, nunca houve nenhum tipo de questionamento. Em suas palavras,

para mulheres, pensando na questão de mulheres, porque para homem na sociedade pode tudo, questão de luta essas coisas nunca vi nenhum tipo de discriminação. Talvez pensando com relação à mulher, plasticamente, seja mais bonito ver uma luta de Judô do que ver uma mulher, que tem um estereótipo de ser feminina, de ser delicada, que vai se machucar levando um soco no rosto (JUSTO, 2015, p.13).

A fala da atleta levanta uma série de elementos de gênero que estruturam o meio esportivo. Enquanto para os homens características como força física e violência, atributos do universo das lutas, condizem com os ideais de masculinidade esperados socialmente, para as mulheres, contato físico intenso e agressividade colocam em xeque alguns dos pressupostos de feminilidade, que seria afetada pela possibilidade tanto das mulheres baterem como de se machucarem nas lutas. Assim, para os homens, o Boxe pode significar um meio de conter a violência e a agressividade que fazem parte do seu processo de socialização, uma vez que estes elementos passam a agir em um contexto ritualizado e regrado (WACQUANT, 2002). Já para as mulheres, o uso da força física poderia simbolizar um retrocesso, em vistas de que estas não são características presentes em sua educação.

Esta concepção está ancorada em representações sociais que pensam a mulher como o elo menos violento e mais civilizado na relação entre os gêneros. São construções argumentativas, muitas vezes ancoradas no discurso científico, que atribuem como naturais a disposição do homem para a guerra e os valores dos guerreiros ao mesmo tempo que relacionam às mulheres a noção de fragilidade e os lugares protegidos no âmbito privado. Nesta direção, argumenta Hugo Lovisolo (2010), constrói-se no âmbito do esporte, em especial nas lutas, um espaço formador do caráter através do seu poder mimético em relação aos valores da guerra, funcionando como uma ação civilizadora para homens. Por outro lado, para mulheres, os esportes de contato representariam um retrocesso em relação às virtudes mais civilizadas de seu gênero.

Outro elemento que pode ser discutido através da fala das atletas é o fato da legitimidade de uma modalidade estar atrelado ao interesse do público e, quando se fala em lutas de mulheres, é relevante o papel atribuído à beleza e ao conteúdo “atraente” que se possa apresentar ao olhar dos homens. Essa temática é discutida no artigo “‘Elas estão chegando’: A contratação de mulheres no UFC: novas corporalidades, discursos e normatividade” (BERTÉ, 2014). Através da análise de discurso da revista Tatame, no período de divulgação da contratação de mulheres para o maior campeonato da liga de MMA (Mixed Martial Arts), evidencia-se que o sucesso das lutas estaria atrelado ao caráter atraente dos corpos de mulheres (*op. cit.*).

Discutimos alguns elementos históricos acerca das representações em torno das mulheres no mundo das lutas neste subcapítulo. Foi possível observar que o discurso ligado à defesa pessoal perde gradativamente espaço para uma visão mais erotizada da mulher, na qual a prática esportiva é associada à construção de um corpo ideal. As fontes documentais e as orais apontam para uma inserção recente de atletas no universo cultural do Boxe em comparação com outras modalidades de luta. Apontam, ainda, que o processo tardio de inserção está relacionado à existência de uma série de elementos de gênero que permeiam a atuação das mulheres no esporte.

3.2 O processo de inserção de atletas na Federação Rio-Grandense de Pugilismo

Neste subcapítulo, apresento um pouco mais da trajetória das atletas que integram a pesquisa, explorando fatores como a motivação para a inserção no Boxe, a prática de atividades esportivas anteriores e a reação da família. São elencados e problematizados alguns elementos comuns na fala das atletas, relacionados ao receio das famílias à prática de Boxe por mulheres, a inserção das atletas em academias de ginástica e o vínculo inicial com a lógica fitness²⁴ da modalidade. As histórias das boxeadoras se interligam em diferentes pontos, e esses vínculos são os fios condutores destas narrativas.

Para iniciar esta história, a atleta Mariana Madalosso fala da luta mais importante de sua carreira e dos primeiros passos do Boxe praticado por mulheres no Rio Grande do Sul: “E assim, foi a luta mais linda de todas, uma luta bonita sabe, uma coisa legal, bem legal mesmo, mas aquela coisa tensa, tipo assim de profissional, tu entra e câmera, flashes e aquela loucura, aquilo lá foi bem legal” (MADALOSSO, 2015, p. 5). A luta em questão foi realizada em um evento no Bar Opinião, em Porto Alegre, no dia 25 de janeiro de 2005. Mariana e sua oponente, a atleta Fabiana Justo, fizeram a única luta protagonizada por mulheres no evento e lembram a reação do público frente à novidade que se apresentava: duas mulheres lutando Boxe. Embora não tivessem noção do seu pioneirismo, as duas atletas foram as primeiras a se aventurarem em competições organizadas pela Federação Rio-Grandense de Pugilismo, no ano de 2003.

Fabiana Justo atribui o seu ingresso no mundo do Boxe ao gosto pelas artes marciais, presente desde sua infância. Ela afirmou que gostava de assistir a desenhos de luta e que pediu para seu pai ensiná-la a dar socos. Aos treze anos de idade, começou a treinar Muay Thai, Kempo, Full Contact e, por fim, Boxe Olímpico, modalidade em que competiu em nível estadual e que treina até hoje. A vontade de lutar não correspondeu às expectativas de sua mãe, que a questionou por que não fazia balé como as amigas. Fabiana precisou ser firme em sua decisão, uma vez que não encontrava essa referência junto às demais mulheres de seu cotidiano: “Tanto é que, das minhas amigas, ninguém fazia, todo mundo era no balé, na Ginástica Olímpica e eu vi a cara de tristeza da minha mãe quando eu falei que queria lutar” (JUSTO, 2015, p. 12). A boxeadora elabora uma trajetória em que relaciona alguns eventos de

²⁴ Convém realizar uma diferenciação entre a utilização do termo “fitness” em relação ao conceito “cultura fitness”. O termo “fitness” se refere, originalmente, à ideia de uma boa aptidão física. Neste trabalho, a noção de “boxe fitness” remete à prática da modalidade em ambientes de academias de ginástica, visando a saúde e a boa forma, sem objetivos competitivos. Por outro lado, o conceito “cultura fitness” envolve uma multiplicidade de construções sociais que extrapolam os centros de exercitação física. São discursos e práticas que intervêm na produção de corpos e subjetividades através de medicamentos, alimentos, vestimentas, entre outros. Em suma, o fitness “tem seu significado amplamente expandido designando não apenas a aquisição de uma capacidade orgânica, mas a adesão a uma ideia, um estilo, um jeito de ser e de se comportar” (GOELLNER, 2008, p. 2).

sua infância, a decisão de treinar artes marciais e os rumos de sua vida até a fase adulta. Em suas palavras, diz: “Graças a Deus eu segui meu instinto e hoje com certeza eu não seria a mesma pessoa se eu tivesse de repente abafado essa vontade para agradar alguém e ter ido fazer balé” (JUSTO, 2015, p. 12).

Mariana Madalosso começou a treinar artes marciais aos sete anos de idade, em uma academia conhecida em Guaporé, sua cidade natal, local onde teve contato com diferentes modalidades de lutas. Como a atleta demonstrava potência para os socos, despertou a atenção de seu treinador em prepará-la para competir no Boxe Olímpico. Tudo começou com uma demonstração de luta com uma mulher mais velha que treinava na academia há bastante tempo. Segundo a atleta, uma “fortona”. Na hora, ela ficou sabendo que a luta estava valendo como competição: “Eu não sabia e ele não tinha me falado, daí eu fui, lutei e ganhei dessa menina e a partir daí peguei aquela adrenalina e comecei a treinar e aí comecei a participar de campeonatos desse ano direto” (MADALOSSO, 2015, p. 4). Mariana afirma que não houve resistência por parte de sua família para que ela competisse no Boxe Olímpico, pois começou a treinar cedo, e havia confiança em relação ao treinador. Ela afirma que, até hoje, é conhecida e respeitada em Guaporé por sua trajetória como atleta: “[...] as pessoas aqui da cidade me conhecem: “não mexe com ela, ela luta”. Ficou essa coisa legal” (MADALOSSO, 2015, p. 15).

A história das primeiras atletas que competiram no Boxe gaúcho aparecerá como referência em três outras entrevistas: a do treinador José Lima, e as das atletas Fernanda Godinho e Megg Tavares. José Lima, ao ser questionado sobre quando percebeu o potencial de atuar como treinador de boxeadoras, afirma: “Eu percebi quando eu vi que começaram a lutar... Que eu vi quando aquela guria lá de Guaporé e uma daqui de Porto Alegre começaram a lutar só as duas” (LIMA, 2015, p. 2). Embora represente uma referência vaga na memória do treinador, as lutas protagonizadas por Mariana Madalosso e Fabiana Justo foram as primeiras a chamar sua atenção acerca da existência de mulheres no Boxe gaúcho e a despertar seu interesse de trabalhar especificamente com este público. Nas palavras do treinador: “Eu vi que poderia treinar mulheres e levar direto para o Brasileiro, porque não teriam lutas e era mais fácil de fazer elas se darem bem” (LIMA, 2015, p. 2 e 3). As próximas personagens desta história, Megg Tavares e Fernanda Godinho, começaram a treinar Boxe em 2006, com José Lima, e, embora não tenham assistido a nenhuma luta entre Mariana Madalosso e Fabiana Justo, ouviram suas histórias e as tinham como referência.

Megg Tavares iniciou seu contato com o mundo esportivo através das artes marciais: fez dois anos de Ninjutsu, um mês de Muay Tai e, por fim, resolveu experimentar o Boxe Olímpico. Seu primeiro objetivo era o de perder peso, mas, com o talento que demonstrou para a modalidade, logo o treinador a convenceu a competir. Em menos de dois meses de treinamento, Megg já disputava seu primeiro campeonato. Ao ser questionada acerca da reação de sua família em relação à prática de Boxe, a atleta afirma que, enquanto praticava o esporte apenas no âmbito da academia, não havia problemas, mas quando resolveu competir, começaram a surgir barreiras. Conforme a entrevistada, sua mãe não gostava da ideia de sua filha atuando como boxeadora e sempre a desaconselhou à prática; já seu pai, não se envolveu, até o momento em que viu o futuro profissional de sua filha entrar em jogo, afirmando que estava “na hora [dela] parar de brincar disso e fazer alguma coisa de verdade, alguma coisa que [desse] dinheiro” (TAVARES, 2015, p. 2). Torna-se evidente que a prática competitiva de Boxe não causava orgulho para a família da pugilista, principalmente quando sua dedicação toma proporções de profissão.

Fernanda Godinho começou a treinar Boxe por influência de um colega de trabalho e, ao associar a modalidade ao filme “Menina de Ouro”, a que havia assistido, pensou: “Eu quero fazer. É isso” (GODINHO, 2015, p. 2). Godinho afirma que seus pais não aprovaram logo que ela começou a treinar, pois seu pai ficava incomodado com o fato de ela chegar em casa exibindo alguns machucados no corpo: “Eu chegava com muito olho roxo, daí meu pai dizia: “Eu nunca te bati, e tu chega em casa roxa”” (GODINHO, 2015, p. 2). Sua família começou a aceitar sua inserção no Boxe quando resultados expressivos começaram a aparecer: Godinho foi campeã gaúcha e se classificou para disputar o Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino. No entanto, mesmo ficando felizes com suas conquistas, seus pais se preocupavam com as condições precárias de treinamento e com as dificuldades financeiras pelas quais a atleta passava para viver seu sonho.

No ano de 2006, quando Megg Tavares e Fernanda Godinho ingressaram no Boxe, poucas eram as atletas que competiam no Rio Grande do Sul. Entre os anos de 2003 e 2006, a participação de mulheres é de duas a três competidoras por ano, sendo que cada campeonato possui apenas uma luta protagonizada por elas. A presença de boxeadoras na FRGP cresce entre os anos de 2007 e 2010, chegando ao número de 15 mulheres competindo no estado neste último ano, com uma média de lutas por campeonato de 1,3 e 2,3 (Tabela 2). É neste período que as últimas três atletas que contribuíram para este estudo ingressam no Boxe, sendo elas: Daniela Cattani, Sara Santos da Silva e Carine Borba.

| Ano | Número de campeonatos organizados pela FRGP | Campeonatos com participação de mulheres | Média de lutas de mulheres por campeonato | Número de mulheres que participaram |
|------|---|--|---|-------------------------------------|
| 2002 | 4 | 0 | 0 | 0 |
| 2003 | 11 | 2 | 1 | 3 |
| 2004 | 16 | 1 | 1 | 2 |
| 2005 | 15 | 2 | 1 | 2 |
| 2006 | 15 | 5 | 1 | 5 |
| 2007 | 10 | 8 | 1,3 | 9 |
| 2008 | 15 | 5 | 1,5 | 7 |
| 2009 | 14 | 5 | 1,5 | 10 |
| 2010 | 13 | 8 | 2,3 | 15 |

Tabela 2: Campeonatos organizados pela Federação Rio-Grandense de Pugilismo (2002-2010).
Fonte: © 2010-2001 Federação Rio-Grandense de Pugilismo

Daniela Cattani ingressou no Boxe em 2009. A atleta relata que teve receio de que a modalidade pudesse ser violenta, mas, acabou gostando e, com o incentivo do treinador José Lima, começou a competir. Quando ela contou para sua família sobre sua escolha pelo Boxe, eles ficaram bastante surpresos, pois a consideravam muito “magrinha” para lutar, ficando preocupados com a possibilidade dela se machucar. Na época, Daniela era estudante de Letras e via o Boxe como uma prática esportiva, não visualizando a possibilidade de obter retorno financeiro.

Sara Santos da Silva conheceu o Boxe aos 11 anos de idade, assistindo a uma luta do Popó²⁵. Ela se apaixonou pela modalidade, porém não conhecia meninas que a praticavam na década de 1990. Aos 20 anos, uma amiga lhe convidou para entrar em uma academia de Boxe. Como não tinha condições financeiras para pagar pelas aulas, procurou um emprego para poder treinar. Embora tenha começado a praticar apenas como uma atividade física para perder peso, aos poucos. Sara foi demonstrando que queria seguir carreira na modalidade. Tal como outras atletas, Sara foi incentivada pelo treinador José Lima a competir, passando a dedicar-se exclusivamente ao esporte, conforme seu relato:

²⁵ Acelino de Freitas, conhecido como Popó, é um boxeador brasileiro, campeão mundial pela Federação Mundial de Boxe (World Boxing Federation) em duas categorias de peso diferentes. Grande nome do Boxe na década de 1990, Popó marca a ascensão do esporte na região nordeste do Brasil (FEITOSA; LEITE; LIMA, 2006).

[José Lima] sempre me incentivou e na primeira oportunidade eu juntei um dinheiro, larguei o trabalho, juntei minha grana e continuei só treinando o dia inteiro. Quando ele me disse que eu tinha futuro mesmo. Ele me incentivou também e aí eu pedi um apoio para o meu pai, uma ajuda no que precisasse e fui viver o sonho (SILVA, 2015, p. 2).

Diante do sonho de se tornar uma grande boxeadora, Sara conta que sua família lhe apoiou tanto emocionalmente quanto financeiramente, embora não quisessem assistir às suas lutas, com medo de vê-la apanhar ou se machucar.

Carine Borba ingressou no Boxe em 2012, em virtude de uma recomendação médica. Ela trabalhava em dois empregos na época e tinha sintomas graves de estresse. Como não se adaptou à musculação, passou a treinar diferentes artes marciais, como Muay Thai, Kickboxing e Boxe. Carine encontrou muita resistência para ingressar competitivamente no esporte. A atleta observa que os treinos eram significativamente diferentes para homens e para mulheres:

A mulher no Boxe sempre foi tida como uma atleta fitness e uma pessoa que faz o Boxe fitness adquire com o tempo as técnicas, golpes retos, golpes curvos, golpes curvados, mas não era [...] O Boxe não era ainda uma modalidade olímpica feminina, só masculina, então era uma coisa com muita resistência, não era pouca era muita resistência (BORBA, 2015, p. 2).

Enquanto os homens praticavam treinamentos de sparring²⁶, a atleta, mesmo avançando tecnicamente, não poderia aplicar seus aprendizados na forma de uma “luta”. Carine também encontrou resistência na sua família, que ficava incomodada com a possibilidade de ela ficar com ferimentos decorrentes do treinamento e com que tais ferimentos pudessem prejudicá-la em seu trabalho e em sua imagem pública.

Podemos observar uma série de particularidades na trajetória de cada atleta. No entanto, existem algumas semelhanças em relação à reação da família frente à prática de Boxe por mulheres. O vínculo profissional que algumas boxeadoras estabelecem com o esporte pressupõe uma dedicação exclusiva e um ganho econômico que dificilmente satisfaz suas necessidades, o que configura um aspecto problemático entre as atletas e suas famílias. Na

²⁶ Simulação de luta entre atletas de uma mesma academia como parte do treinamento de Boxe.

fala de Fernanda Godinho, fica evidente que a dedicação exclusiva à modalidade não traz um retorno financeiro satisfatório, gerando preocupação em seus familiares:

Imagina, que nem eu disse, a minha mãe foi acho que umas três comigo lá onde eu treinava, eu via a cara dela. Ela nunca disse nada, ela via... Eu descia na Estação Mercado, eu ia do mercado até a Federação a pé, e ela ia comigo. Eu treinei e tal, na volta eu tomava só um café com leite, era só o que o dinheiro dava (GODINHO, 2015, p. 19).

Godinho passava por uma série de privações econômicas para se manter no Boxe. Embora sua mãe não expressasse em palavras, a atleta sentia que havia uma preocupação com seu futuro.

O caráter contundente do Boxe e o ambiente que permeia o universo cultural do Boxe, organizado simbolicamente através da lógica de uma masculinidade normativa, se afastam das expectativas em torno das mulheres em nossa sociedade. O centro de treinamento é descrito pela atleta Fernanda Godinho:

Eu acho que o Boxe ele é muito assim... Eu acho que, antigamente, até para os homens, eles não tinha proteção, era punho sem luvas, tinha uma academia velha, uma coisa muito machista: “Só está ali quem aguenta”. Era muito machismo questão de... até pelo jeito que tu vê nos filmes. Acho que por isso demorou um pouco para a mulher projetar no Boxe. É por causa disso, a mulher é difícil ela querer viver aquilo ali, só para quem gosta mesmo (GODINHO, 2015, p. 18).

Estas condições, aliadas à possibilidade das atletas se machucarem tanto em treinos como em campeonatos, levavam muitos pais a não terem interesse em vê-las lutando, ainda que se orgulhem das conquistas de suas filhas. Como vimos no capítulo sobre o universo cultural do Boxe, para os homens, os ferimentos podem simbolizar sinais de bravura e heroísmo, enquanto, para as mulheres, são motivo de vergonha, por estarem associados à noção de vítima de agressão²⁷.

As atletas entrevistadas ingressam no Boxe por meio de academias de ginástica, sob uma lógica fitness, com exceção de Mariana Madalosso, que realizava sua prática em um

²⁷ No capítulo 5.2 a questão das representações em torno dos hematomas e machucados oriundos do treinamento de Boxe é aprofundada. Nele, o mito da fragilidade da mulher e os paralelos existentes entre o olho roxo e o estigma da violência contra a mulher são problematizados.

centro especializado em artes marciais. Em todos os outros casos, o Boxe é apenas uma das atividades do ambiente multifuncional da academia, como a musculação, as outras lutas e as atividades aeróbicas. O ambiente se difere do gym estudado por Wacquant em um bairro de Chicago, local especializado no treinamento de Boxe que forja o corpo do boxeador, através de habilidades técnicas e de saberes estratégicos, com o objetivo principal de construir um competidor (WACQUANT, 2002). Conforme estudo desenvolvido por Mariante (2010), o “Boxe de academia” possui características diferenciadas do pugilismo tradicional, pois a prática assume a lógica de ginástica e os benefícios são associados ao exercício aeróbico, à perda de gordura e ao condicionamento físico. Diferentemente do gym, em que o corpo não é o objetivo em si, mas um meio de se aprimorar para as lutas, no ambiente da academia existe uma abordagem híbrida em que, aliado aos benefícios estéticos, os alunos estão interessados nos aprendizados das técnicas e nas práticas de lutas, no entanto, sem interesses competitivos (*op. cit.*).

Embora se associe a prática de Boxe, sob o viés fitness, como mais adequado ao público de mulheres, as atletas deste estudo se distanciam desta representação. Elas se vinculam à lógica do Boxe tradicional ao despertarem o interesse para a competição, o que as leva, em algumas situações, à troca de academia ou de treinador. Godinho aborda a transição entre a academia de ginástica e o treinamento vinculado à Federação Rio-Grandense de Pugilismo:

A academia era boa, mas onde a gente treinava, ali na Federação, era muito precário. Agora está melhor, mas no início era muito ruim, porque não tinha aparelhos era só um salão com saco de pancadas. Na verdade tu tem que ter vontade de fazer, se tu for olhar... Se tu chegar a levar alguém da tua família pra conhecer lá o ambiente que tu treinava, vão dizer “o que tu quer aqui?”... porque era horrível (GODINHO, 2015, p. 3).

O local de treinamento citado pela atleta é o Centro Estadual de Treinamento Esportivo, onde a sede da FRGP se localiza. Na concepção da atleta, o caráter precário do local restringia os frequentadores apenas às pessoas que realmente tinham “vontade” de treinar. Ainda se referindo ao CETE, ela diz: “Por exemplo, tu pega uma guria de academia, vai levar em um lugar daquele, capaz que ela vai querer ficar. Ela vai querer: “Vou treinar lá que é mais bonito”” (GODINHO, 2015, p. 18-19). Através desta fala, é possível observar que

atleta se diferencia da praticante do “Boxe de academia”, aproximando-se da identidade de boxeadora através da relação diferenciada que estabelece com a modalidade.

A Federação Rio-Grandense de Pugilismo organiza cerca de 12 campeonatos por ano. Todos são abertos para a inscrição de mulheres. No entanto, o número de competidoras é bastante reduzido, de modo que dificilmente todas as categorias de peso são contempladas. A fala de Carine Borba expressa claramente esse problema:

Eu queria competir com sete meses, mas eu me inscrevi e não teve luta. Com oito meses eu baixei de peso, pesei, fui lá, fiz tranças, gastei com inscrição e mais coisas, cheguei lá e não teve luta. O meu treinador começou a divulgar que tinha uma [categoria] 51 [quilos] louca para lutar (BORBA, 2015, p. 7).

O relato acima evidencia a dificuldade das atletas em encontrar competidoras em suas categorias de peso para disputar campeonatos no Rio Grande do Sul. Esta situação leva as atletas, em muitos casos, a alterarem sua massa corporal para se inserirem em categorias em que existam adversárias. Um problema decorrente desta situação diz respeito às atletas gaúchas disputarem os campeonatos nacionais sem terem lutas suficientes no Rio Grande do Sul, o que resulta em um despreparo em relação a atletas de outras localidades. Nesse sentido, Carine afirma que, no ano de 2015, o estado levou apenas três atletas para o Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino de um total de dez categorias de peso, o que inviabilizaria a competição com estados como São Paulo e Bahia, que costumeiramente levam atletas em todas as categorias.

Neste subcapítulo, procurei demonstrar o processo de inserção e algumas dificuldades enfrentadas pelas atletas que integram esta pesquisa, evidenciando como suas trajetórias se ligam em diferentes períodos e de diferentes modos. Suas histórias apontaram para elementos comuns, como a preocupação das famílias com o caráter “violento” do Boxe, o receio de que elas se machucassem e a apreensão quando o envolvimento com o pugilismo toma proporções de profissão. Outro elemento que aparece na trajetória das atletas é a inserção no esporte por meio de academias que desenvolvem uma vertente fitness do Boxe, o que leva a um processo de ressignificação do vínculo com a modalidade de modo a assumir um compromisso com a competição. Por fim, abordei um problema recorrente em seus discursos quanto ao número reduzido de atletas mulheres no estado do Rio Grande do Sul, o que dificulta a existência de

oponentes para todas as categorias de peso, influenciando diretamente no nível de desenvolvimento do Boxe gaúcho frente a outros estados.

3.3 As condições sociais para a permanência no Boxe gaúcho

Discutirei, neste subcapítulo, as condições sociais para a permanência de atletas no Boxe em nível competitivo, procurando evidenciar a relação das pugilistas com o esporte em termos amadores e profissionais. De igual forma, abordarei as condições econômicas de permanência no esporte, ligadas a patrocínios e a incentivos governamentais, e a possibilidade das atletas se dedicarem inteiramente ao treinamento de Boxe. No discurso de atletas e treinadores, se destacam duas temáticas: i) a experiência distinta no esporte relacionada à classe social; e ii) a desigualdade do Rio Grande do Sul quando comparada a São Paulo e à Bahia.

No Boxe gaúcho, as atletas se encontram em uma situação intermediária entre o amadorismo e o profissionalismo, pensando o primeiro como uma forma de lazer e diversão e o segundo como trabalho, gerando resultados e possibilitando a sobrevivência. As atletas atuam na modalidade com a finalidade de competir, disputando campeonatos em nível nacional. No entanto, recebem pouco ou nenhum incentivo financeiro, tendo que conciliar o treinamento com alguma forma de trabalho complementar. É importante observar que os conceitos possuem história e que o amadorismo e o profissionalismo já foram pensados de forma bastante distinta na história do esporte.

Até a década de 1970, o amadorismo era uma ideia defendida no esporte, pensado como uma prática aristocrática centrada no lazer e no tempo livre. Esta filosofia funcionava como um refúgio de distinção das classes altas em contraste com o profissionalismo das classes populares, que precisavam receber para praticar. A maior valorização do profissionalismo em décadas mais recentes é fruto de uma mutação dos valores do esporte ligada à relação entre competitividade e orientação para resultados (ANDRES, 2014).

É importante evidenciar que determinados esportes podem ter níveis diferenciados de profissionalismo. No Boxe, independentemente de nos atermos à discussão acerca do profissionalismo ou amadorismo das atletas, tento responder à questão “quais as condições

sociais e econômicas que influenciam na permanência de atletas no Boxe em nível competitivo no estado do Rio Grande do Sul?”. Abordarei a possibilidade de obtenção de patrocínios e incentivos governamentais no Rio Grande do Sul e quais as condições das atletas em se manter economicamente, apenas treinando e competindo no Boxe.

As pessoas entrevistadas pela pesquisa foram interrogadas acerca das condições necessárias para a prática do Boxe no Rio Grande do Sul, em termos de patrocínios e incentivos governamentais. De um modo geral, as atletas apontam inúmeras dificuldades em obter recursos no estado, tanto para atletas homens quanto para atletas mulheres:

Nada, nenhum. Patrocinadores não têm nem no feminino, nem no masculino. Incentivo... Muitas vezes vão olhar e dizer que Boxe não é para mulher, têm técnicos que acham que Boxe não é para mulher. Não sei, o estado não tem dinheiro, a Federação [Rio-Grandense de Pugilismo] não tem dinheiro, não sei se é pessoal ou não (TAVARES, 2015, p. 7).

Megg Tavares acredita que o fato de serem boxeadoras dificulta ainda mais à obtenção de patrocínios, uma vez que não existe consenso quanto à legitimidade da prática por mulheres dentro da própria Federação Rio-Grandense de Pugilismo. Outros fatores apontados para explicar a falta de patrocínios dizem respeito ao próprio desconhecimento das equipes acerca de editais e projetos do governo, bem como da falta de interesse de setores privados em patrocinar uma modalidade que não está em evidência. Nas palavras de Sara Santos da Silva, “o pessoal quer patrocinar o que está em vista, o que está bombando na hora e é o MMA agora, é o que eles patrocinam” (SILVA, 2015, p. 6).

Algumas atletas relataram que receberam auxílio de empresas ou de profissionais em alguns períodos de sua carreira. É o caso de Mariana Madalosso, que recebia patrocínio de dois médicos de sua cidade, especialmente quando se classificou para disputar o Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino. “A gente conseguiu patrocínio aqui da prefeitura também, então alguma coisa tinha, mas não era aquela coisa fixa e nem toda vez que precisasse tinha, mas vez que outra rolava alguma coisa sim” (MADALOSSO, 2015, p. 7). Os patrocínios estão ligados a situações pontuais, à disputa de um campeonato específico, a uma viagem, mas não eram algo constante com que a atleta pudesse contar.

Sara Santos da Silva relata receber auxílio de uma nutricionista e de um centro de treinamento funcional, além do patrocínio de uma empresa de suplementos e vitaminas

vinculada ao treinador José Lima. A necessidade de buscar massagistas, nutricionistas e psicólogos parece estar mais relacionada a relações pessoais dos treinadores e atletas, não existindo um vínculo institucional da equipe com esses profissionais. Fernanda Godinho conta ter conseguido um patrocínio já no final de sua carreira:

Eu consegui ter na época, no último ano que eu lutei, eu consegui ter um patrocínio. Eles me ajudavam com ajuda de custo, me davam academia. A academia eles me cederam, tinha piscina, tinha tudo. As passagens para ir para os lugares, eles também me davam, mas era complicado. Quem me ajudou a me manter foi o Zé [José Lima], ele fazia “marmita” meio dia para eu comer, levava lanche da tarde, pagava as passagens. Às vezes ele dizia: “Fê, se tu tá precisando de alguma coisa, a gente dá um jeito”. Ele sempre deu um jeito, foi quem me manteve. Também não tinha um... eu não sei, parece que eu estava anestesiada porque eu queria viver aquilo ali, não importava se eu estava sem dinheiro, se eu estava sem isso, sem aquilo, porque eu estava vivendo aquilo ali, estava bom para mim. O dinheiro eu não me importava (GODINHO, 2015, p. 12).

Os patrocínios descritos pelas atletas estão ligados a situações pontuais de suas carreiras, a treinamento gratuito em academias, a centros de treinamento, além de consultas com profissionais da saúde, não existindo nenhum auxílio financeiro constante. Fica evidente, na fala de Godinho, que ela passa por sérias dificuldades econômicas para treinar Boxe.

As atletas foram interrogadas acerca da possibilidade de se manterem economicamente apenas treinando e competindo no Boxe. Dentre todas as pugilistas, apenas duas afirmaram se dedicarem exclusivamente à modalidade:

[...] eu treinava de manhã e de tarde, o tempo que dava, e de noite alguma coisa também, por que é esse o ritmo que tu tem que ter. É que assim, eu gostava do esporte, gostava de fazer, gostava de lutar, eu não visava o lucro, o dinheiro. Não visava, porque eu gostava. Eu não pensei assim... Eu poderia ter estudado, eu poderia ter feito outras coisas nesse tempo. Foi uma parte que eu adquiri outras coisas, mas perdi em questões financeiras (GODINHO, 2015, p. 8).

Na lógica esportiva de alto rendimento, a dedicação exclusiva é necessária para cumprir todas as demandas do treinamento. No entanto, Fernanda Godinho precisou privar-se de uma vida econômica mais confortável e da possibilidade de estudar. Na vida de Sara Santos da Silva, a transição para se dedicar exclusivamente à modalidade representou uma

ruptura, momento em que ela largou o trabalho e passou a treinar em tempo integral, alimentando o sonho de tornar-se uma boxeadora profissional.

A possibilidade de as atletas acima citadas se dedicarem, durante um período específico de suas vidas, exclusivamente ao treinamento de Boxe está atrelada ao programa Bolsa Atleta, desenvolvido pelo Ministério do Esporte. O programa se propõe a patrocinar individualmente atletas de alto rendimento em competições nacionais e internacionais²⁸. Criado em 2005, essa possibilidade de apoio financeiro não era acessível às pugilistas pioneiras no Rio Grande do Sul:

Nessa época não conseguimos nada, eu me lembro que até a gente pesquisou com relação a alguma bolsa do governo, mas era muito difícil, muito difícil mesmo. Na verdade, sempre saiu do meu bolso, as viagens, equipamentos, sempre saiu do meu bolso. Nunca tive nenhum tipo de patrocínio, sempre foi difícil. Acho que de uns anos para cá melhorou, pelo que eu ouço, acredito que tenha melhorado, mas na minha época, que era há uns doze anos atrás, era bem complicado (JUSTO, 2015, p. 7).

Tanto Fabiana Justo como Mariana Madalosso, atletas que se destacaram no Boxe gaúcho entre os anos de 2003 e 2005, afirmam que era inviável se manter no Boxe em termos econômicos, considerando que todos os gastos relacionados ao treinamento e às competições eram custeados por elas. Como exemplifica Madalosso, “tudo que a gente tirava, para eu treinar, para eu viajar, para eu pagar a fisioterapia, suplementos, esse tipo de coisa era tudo do meu bolso, eu fazia por amor” (MADALOSSO, 2015, p. 6-7). Ambas as atletas visualizam, no presente, uma situação mais confortável para a prática de Boxe através de incentivos estatais.

As atletas Adriana Araújo²⁹ e Érica Matos³⁰, entrevistadas pela pesquisadora Vera Fernandes³¹, afirmam que a aprovação do Boxe como modalidade olímpica pelo Comitê

²⁸ O benefício do programa Bolsa Atleta, recebido pelas integrantes da pesquisa, atualmente tem o valor mensal de R\$ 925,00 (novecentos e vinte e cinco reais). Os pré-requisitos para a obtenção do benefício são: ser maior de 14 anos; estar vinculado a uma entidade de prática esportiva; ser filiado à federação e à confederação; e obter de primeiro a terceiro lugar no evento nacional máximo de sua modalidade ou figurar entre os três primeiros no ranking nacional.

²⁹ Adriana Araújo, natural de Salvador (BA), é uma boxeadora brasileira que se destacou em competições nacionais e internacionais. A atleta obteve o quinto lugar no Campeonato Mundial de Boxe Amador, em 2011, garantindo vaga para as Olimpíadas de Londres, em 2012, quando conquistou o Bronze para o Brasil (RUBIO, 2015).

³⁰ Érica Matos nasceu em Salvador (BA) e é uma boxeadora brasileira, campeã dos campeonatos Pan-Americano e Sul-Americano. Ela conquistou vaga para disputar as Olimpíadas de Londres, em 2012.

Olímpico Internacional (COI), em 2009, influenciou significativamente o crescimento da modalidade em termos de visibilidade e de recursos para o esporte. Uma vez que o programa Bolsa Atleta tem como prioridade contemplar atletas de esportes que compõe os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, com a aprovação pelo COI, as boxeadoras passaram a ter a possibilidade de receber o benefício governamental e, assim, de se manter economicamente no esporte. A relação entre a inclusão do Boxe como modalidade olímpica e os novos recursos para o esporte fica clara na fala de Érica:

Pra falar a verdade, quando o Boxe feminino se tornou uma modalidade olímpica, melhorou bastante. Porque antigamente a gente tinha que ir nos campeonatos e pagar no nosso dinheiro. Então era muito difícil. Se eu quisesse ir para um campeonato, eu tinha que pagar minha passagem, hospedagem, alimentação. Tudo por conta do atleta. Mas então quando virou modalidade olímpica tudo melhorou. Por quê? Porque o governo nos proporcionou uma bolsa, que chama Bolsa Atleta, onde a gente usa para isso, para manutenção do atleta (MATOS, 2013, p. 3-4).

A trajetória de Adriana Araújo também foi modificada pelo programa Bolsa Atleta. Mesmo com resultados expressivos no Boxe, a atleta passa a receber o benefício apenas em 2009, quando pode deixar o trabalho e dedicar-se exclusivamente à modalidade. Antes, ela conciliava trabalho e treinos (ARAÚJO, 2013).

No Rio Grande do Sul, a primeira atleta a receber o benefício do programa Bolsa Atleta foi Fernanda Godinho, seguida por Megg Tavares, Carine Borba e Sara Santos da Silva. Enquanto Fernanda e Sara conseguiram dedicar-se inteiramente ao Boxe com o valor recebido pelo Bolsa Atleta, as demais atletas afirmaram buscar outros trabalhos para complementar suas rendas:

Não, nunca. No início, como eu te falei, eu tinha dois trabalhos e o Boxe. Depois eu larguei um dos trabalhos porque queria voltar a estudar, eu sinto essa necessidade de estar estudando, questão pessoal minha e em virtude do Boxe. Depois quando começou a entrar o Bolsa Atleta deu uma aliviada, mas por conta de eu morar sozinha e não ter auxílio de patrocínio, nem auxílio técnico ou de família, esse valor de R\$ 925,00 não é suficiente, nunca foi. Mas talvez para alguém seja. Para mim, nunca foi (BORBA, 2015, p. 13).

³¹ As entrevistas foram realizadas para pesquisa de mestrado de Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes, intitulada “Mulheres de Ouro: trajetória e representações de atletas de lutas”. As transcrições das entrevistas estão disponíveis no repositório digital do CEME, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FERNANDES, 2014).

O Bolsa Atleta é o principal benefício recebido pelas atletas para se manter no esporte, custear treinamento, equipamentos, viagens e gastos da vida cotidiana. A quase inexistência de patrocínios e incentivos impossibilita as atletas de se dedicarem inteiramente à modalidade. “Em nenhum momento vivi só do Boxe” (BORBA, 2015, p. 13).

A fala de Megg Tavares segue a mesma linha: “Eu ganhei bolsa, ganhei uns quatro, cinco anos de bolsa. Só que é 925 [reais], algumas pessoas talvez consigam se sustentar com isso, eu não consigo manter minha vida com isso, então eu sempre conciliei com trabalho” (TAVARES, 2015, p. 9). Megg afirma que trabalhava nas mais diferentes funções para poder conciliar o treinamento de Boxe: foi garçonne, bartender, além de atendente e proprietária de uma locadora de vídeos.

Podemos fazer aqui um paralelo com o trabalho desenvolvido por Suelen Andres (2014) com atletas de handebol da equipe APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul, vinculada à Universidade de Caxias do Sul (UCS). Todas as atletas afirmaram viver exclusivamente do Handebol através de um contrato com o clube, o qual incluía alimentação, moradia, assistência médica, gratuidade em disciplinas cursadas na universidade ou bolsa para cobrir gastos com o ensino escolar, além de uma ajuda de custo mensal que poderia, inclusive, ser acrescida do valor recebido pelo programa Bolsa Atleta. As atletas, segundo o estudo, não têm ambição de ganhar grande quantia de dinheiro com a modalidade. No entanto, consideram que os subsídios possibilitam a permanência no esporte e valorizam a possibilidade de estudar e de ter uma profissão quando se aposentarem no Handebol (ANDRES, 2014). A autora deixa claro que existe um vínculo estreito entre o Handebol e a oportunidade de estudar, uma vez que algumas atletas chegam a cursar mais de uma graduação enquanto atuam pela equipe vinculada a UCS.

Já nas entrevistas desta pesquisa, não apareceu nenhuma relação entre a prática do Boxe e a possibilidade de obter benefícios em termos educacionais, como bolsas em universidades ou em escolas privadas. Pelo contrário: a atleta Fernanda Godinho, no período em que praticou a modalidade, afirma ter se distanciado nos estudos, considerando este um tempo perdido em termos financeiros e educacionais. Outro elemento que se destaca na comparação entre o Handebol e o Boxe diz respeito à grande diferença, em termos de benefícios e recursos, entre as modalidades, o que repercute na motivação, na permanência e nos resultados das atletas em questão.

As maiores dificuldades apontadas pelas atletas estão relacionadas à ausência de patrocínios ou incentivos governamentais, aliada à falta de profissionais – como fisioterapeutas, nutricionistas e psicólogos – no acompanhamento de atletas. Carine Borba relata o caráter incipiente do Boxe gaúcho: “A gente está, ainda hoje em 2015, lutando para ter uma por peso para formar Seleção e ir para o Brasileiro³², conseguir uma bolsa que tu já consegue comprar uns suplementos, já consegue pagar passagem para viajar e competir. Entendeu? É ajuda de custo mesmo” (BORBA, 2015, p. 7).

Diante das necessidades de um atleta que compete em nível nacional, tal como viagens, alimentação e acompanhamento médico, o valor recebido pelo programa Bolsa Atleta acaba figurando apenas como uma ajuda de custo para manter-se na modalidade.

O treinador José Lima afirma que a maior parte das atletas que atuam em nível competitivo no Rio Grande do Sul concilia trabalho e treinamento esportivo, o que prejudica o desenvolvimento na modalidade: “E aí se tu trabalha tu não consegue cumprir todo ritmo de treino, porque tu tem que ter a preparação física, tu tem que ter um ritmo de luta, tu tem que treinar todos os dias. E é complicado, é bem complicado. A maioria das gurias trabalha” (LIMA, 2015, p. 5). A fala de José Lima chama atenção para a realidade do Boxe gaúcho, para a falta de patrocínios e incentivos que prejudica o treinamento das atletas e que leva a uma competição bastante desleal com outros estados do Brasil. A questão da desigualdade de recursos em relação a outros estados está presente no discurso de Carine Borba:

As meninas que eu luto, as paulistas, principalmente, que são as primeiras do ranking do brasileiro, elas têm bolsa, elas têm bolsa municipal e bolsa estadual. E daí elas vão lá e dão um “pau” em todo mundo, aí elas têm bolsa federal. Bem ou mal, são três bolsas, então ali se somando acho que dá uma faixa de 3000 reais, aí a pessoa não precisa fazer três jornadas: trabalhar oito horas, estudar quatro horas e treinar uma hora e meia, duas, contando o deslocamento. Fica um negócio meio desleal para a gauchada (BORBA, 2015, p. 8).

Na fala da atleta, fica evidente a vantagem que atletas paulistas têm sobre as demais pelo fato de receberem auxílios estaduais e municipais para que se dediquem exclusivamente à modalidade, chegando ao campeonato brasileiro com mais chances de conquistar o benefício do programa Bolsa Atleta e, assim, gerando um ciclo perverso.

³² Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino.

As diferenças, em termos de recursos das atletas gaúchas em relação às suas adversárias paulistas ou baianas, descritas na fala de Carine Borba, podem ser comparadas com dados das entrevistas de Érica Mattos e Adriana Araújo. Érica vive exclusivamente do Boxe, recebe Bolsa Atleta tanto federal como estadual, tem patrocínio da Petrobrás e é contratada pelo clube São José dos Campos. Adriana afirma viver exclusivamente dos rendimentos vinculados à modalidade: “Eu fiz do esporte, do Boxe, minha única profissão” (ARAÚJO, 2013, p. 7). A atleta, medalhista olímpica, recebe o Bolsa Atleta federal e estadual, tem patrocínios da Petrobrás e da Nissan e, além disso, possui apoio de psicólogos e de nutricionistas. Ambas as atletas obtiveram destaque e visibilidade internacional ao participarem dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, atraindo patrocínios públicos e privados, o que possibilita a dedicação exclusiva ao esporte.

Mariana Madalosso relata que conheceu uma outra realidade do Boxe ao chegar ao Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino. Ela ficou impressionada por conhecer “atletas famosas” que viviam o Boxe em termos de profissão:

Ah eu vi a questão do incentivo, São Paulo e Bahia eles já têm toda uma estabilidade para isso, já tem uma história no Boxe, eles tem todo um investimento, eles pagam os atletas para ir treinar, eles investem em cima do atleta. Aqui não, aqui a gente treinava que nem eu te falei, por amor, se eu tivesse dinheiro pra fazer as coisas eu fazia, se eu não tivesse, eu não lutava. Para eu poder ir para o Brasileiro eu tive que conseguir patrocínio, conseguir dinheiro para a passagem e tudo mais. Claro, se eu tivesse todo esse incentivo que elas têm, eu poderia ir muito mais longe. Eu vi essa diferença, aqui a gente treinava por prazer, enquanto lá elas treinavam por questão de vida, como se fosse um trabalho, para ganhar dinheiro. Era bem diferente sim, era outro nível de coisa, eu fui pra lá totalmente despreparada, não sabia que ia ser tanto assim (MADALOSSO, 2015, p. 14).

A fala da atleta polariza a relação entre os estados que investem na modalidade – ou, como em suas palavras, que “tem uma história no Boxe” – e a situação do Rio Grande do Sul. Enquanto as atletas paulistas e baianas possuíam uma relação profissional com a modalidade, obtendo patrocínios e retorno financeiro, as gaúchas tinham um vínculo mais amador, uma vez que o boxe carece de recursos no estado.

Megg Tavares, assim como Mariana Madalosso, conta ter vivenciado uma realidade completamente diferente ao ser convocada para disputar o Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino: “O Boxe no estado é muito limitado, tu só é considerada uma lutadora se tu

começar a lutar fora. Os melhores lutadores do país são convidados para umas competições grandes em São Paulo” (TAVARES, 2015, p. 6). Megg afirma que teve dificuldades para encontrar adversárias no Rio Grande do Sul, uma vez que, ao avançar no esporte, outros treinadores teriam receio de colocar suas atletas para lutar com ela. Na sua concepção, é difícil evoluir no esporte no RS e apenas saindo do estado se pode afirmar quem é uma “lutadora de verdade”. Em suas palavras, Megg diz que, “ou tu vai ver que tu é um lutador e tu vinga, ou tu vai voltar para o estado e viver só no estado” (*ibid.*, p. 7).

Megg Tavares compartilha um pouco de sua experiência no estado de São Paulo. Conforme a atleta, as pugilistas podem ser contratadas por uma cidade e receber um valor mensal ou anual. Outra possibilidade é ser convidada para disputar os Jogos Abertos de São Paulo³³, onde a boxeadora recebe um valor financeiro dependendo da medalha que conquistar.

Tu consegue tirar no Boxe se tu for um atleta assíduo, no Brasil, até 3000 reais. Que é, digamos, dinheiro que tu ganha do clube, dinheiro que tu ganha por alguma competição... [...] Então, o Boxe vive de São Paulo, o Boxe da Bahia vive de São Paulo. Tipo, São Paulo é um estado capitalista, então eles giram dinheiro, se eles querem crescer eles te trazem. Em São Paulo tu vê meia dúzia de meninas que são paulistas, as outras é tipo eu do Rio Grande do Sul, um monte de meninas da Bahia, uma de Manaus, uma do Maranhão. Eles pegam tudo que tiver de melhor no país e concentram lá, se tu quiser tirar algum dinheiro tem que ir lá (TAVARES, 2015, p. 9).

A fala de Megg aponta para uma questão interessante no esporte brasileiro: a migração de atletas em busca de maiores incentivos e benefícios, passando a competir em outros estados. Estes fatores também estão presentes nos estudos com jogadoras de Handebol (ANDRES, 2014) e com atletas de Atletismo (MIRANDA, 2007).

Um dos aspectos que perpassam a experiência de atletas no Boxe diz respeito à vivência diferenciada de acordo com a classe social e às perspectivas diversas que recaem sobre as atletas. A pesquisa não associa classe social exclusivamente a questões de renda, mas a um estilo de vida e a uma visão de mundo, os quais são transmitidos através da socialização familiar, construindo indivíduos com capacidades e expectativas de vida distintas (JESSÉ, 2012). Aqui, me parece bastante conveniente citar a relação das atletas Fernanda Godinho e Daniela Cattani com a modalidade:

³³ Jogos Abertos de São Paulo, competição entre cidades do estado de São Paulo.

Setecentos e cinquenta. [...] É difícil se virar, mas é que quando eu trabalhava o meu salário era quinhentos e cinquenta. [...] Setecentos e cinquenta está bom, porque meu salário era esse na época. Em 2007, eu trabalhava de caixa, eu pensava que estava bom, mas agora não... Agora está até melhor, parece que está mil e novecentos o Bolsa Atleta, mas... é que na verdade eu fazia porque eu gostava mesmo, não era porque eu ganhava o Bolsa Atleta... (GODINHO, 2015, p. 9).

A minha ideia não era viver disso, tanto que tem a Megg [Tavares], eu sei que o pessoal ali ganha umas bolsas, mas a minha área era Letras. Eu trabalhava com Letras, e daí o Boxe era mais esporte mesmo. Tipo, eu não quero chegar no nível das gurias da Federação Brasileira e tal, mas eu gostava de ir para ter uma competição (CATTANI, 2015, p. 6).

No caso de Fernanda Godinho, a atleta desenvolve um vínculo econômico com o Boxe. Através do Bolsa Atleta, ela recebe um valor equivalente ao que recebia para trabalhar como caixa em um supermercado, e ainda pode dedicar-se exclusivamente aos treinamentos e ao sonho de tornar-se uma grande boxeadora. Essas não eram as ambições de Daniela Cattani, estudante de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Apesar de gostar de competir, Daniela não visualizava uma carreira no Boxe. A atleta pensava seu futuro profissional atrelado à sua área de formação, encarando os benefícios do Boxe como lazer e exercício físico, mantendo-se distante da ideia de obter algum retorno financeiro com a prática do pugilismo.

O estilo de vida e as perspectivas da classe trabalhadora e média se distinguem visivelmente na fala das atletas: a necessidade do trabalho na vida de Fernanda Godinho e o papel do estudo como eixo central na vida de Daniela Cattani. Jessé de Souza (2012) distingue ambas as classes através das posições sociais em torno do trabalho e do estudo. Diz o autor que “a necessidade do trabalho se impõe desde cedo, paralelamente ao estudo, o que deixa de ser percebido como atividade principal e única responsabilidade dos mais jovens como na “verdadeira” e privilegiada classe média” (*op. cit.*, p. 51). Desse modo, na perspectiva de Fernanda Godinho, a experiência no Boxe ganha a dimensão de um trabalho, uma vez que a dedicação exclusiva está atrelada ao recurso financeiro, sem o qual dificilmente a atleta poderia manter-se na modalidade. Já para Daniela Cattani, a prática de Boxe não se relaciona ao ganho financeiro, pois o trabalho aparece como uma perspectiva futura atrelado ao prolongamento do estudo acadêmico na área de Letras.

A vivência diferenciada de Fabiana Justo e de Sara Santos da Silva evidencia que a experiência no universo do Boxe pode ser bastante distinta levando em conta a classe social das atletas e as expectativas distintas diante do futuro profissional.

Acabei não indo para outros campeonatos, Brasileiro, alguma outra coisa fora e chegou uma hora na minha vida em que... O campeonato tem que te dedicar muito para ser competidora, tu tem que dedicar algumas horas do teu dia, não dá para ter muita folga e eu estudava, fazia estágio, trabalhava, era bem corrido. Eu tive que colocar na balança, naquele momento o que futuramente daria mais suporte de vida, então eu optei por deixar como hobby. Eu continuei praticando, nunca abri mão de praticar, sempre dei um jeito e deixei os campeonatos de lado para poder me dedicar aos estágios e a profissão (JUSTO, 2015, p. 1).

Chegou uma época em que eu tive que escolher, eu estava mais ou menos em julho... Em junho teve o Brasileiro e em julho eu estava decidida a ir embora do Rio Grande do Sul. Eu ia para São Paulo, eu ia treinar lá e morar lá, eu ia ganhar um patrocínio do governo de 500 reais... Eu ia ficar morando no alojamento deles, ia ganhar uma ajuda de custo do governo de 500 reais e eu podia ter faculdade lá para estudar, ele [Marcos Lima] falou que ia conseguir umas academias para eu dar aula (SILVA, 2015, p. 7).

Neste momento, o futuro profissional ganha enfoques bem distintos no discurso das atletas. Cabe observar que Sara se dedicava exclusivamente para construir uma carreira no Boxe, e cogitava ir morar em São Paulo para tentar a sorte de se tornar uma boxeadora profissional, ainda que parecesse um futuro bastante incerto. Já Fabiana conciliava a faculdade de Psicologia, o estágio na área de estudo e os treinos de Boxe em sua rotina. Ela optou por abandonar o treinamento em nível competitivo por visualizar um futuro profissional mais promissor na Psicologia através da dedicação aos estudos.

A fala de José Lima traz novos elementos relacionados à experiência de atletas e classes sociais, uma vez que a falta de recursos econômicos no estado impossibilita que pessoas de baixa renda consigam permanecer no esporte:

Não, é muito difícil. Ainda mais aqui no sul que não tem muito incentivo. Até porque não tem muitas mulheres... E até vou contar um caso, que eu tinha uma aluna que eu tinha que dar passagem pra ela, eu tinha que dar comida para ela, levava a vianda para nós dois... A gente treinava no CETE³⁴. Então é complicado... E geralmente quem

³⁴ Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

vai mesmo a fundo é quem tem um pouco de poder aquisitivo, porque é difícil se dar bem, é difícil (LIMA, 2015, p. 4).

Para manter-se no esporte, é necessário uma série de requisitos: desde o tempo disponível para os treinamentos até recursos para viagens, equipamentos, suplementos, entre outros. Dessa forma, desenvolver uma carreira no Boxe gaúcho torna-se inviável para atletas que não possuem recursos financeiros.

Das atletas pesquisadas por este estudo apenas Megg Tavares e Carine Borba continuam competindo. As demais atletas abandonaram suas carreiras e deram outros rumos às suas vidas. Fabiana Justo e Daniela Cattani, como vimos, pararam de competir para se dedicarem à faculdade e ao futuro profissional. Sara Santos da Silva recusou a proposta de ir embora para São Paulo, pois foi chamada em um concurso público em Porto Alegre, optando pela estabilidade em seu futuro profissional. Fernanda Godinho deixou de lutar Boxe para trabalhar e estudar, pois considera impossível conciliar tais atividades com o treinamento intensivo. Mariana Madalosso mudou-se para Porto Alegre e buscou novas academias para treinar, no entanto, como não possuía recursos financeiros para pagar um treinador, não chegou a lutar novamente. Ela justifica sua parada: “Foi por isso que eu parei, mas não porque eu quisesse, não foi uma opção, foi o que a vida trouxe para mim” (MADALOSSO, 2015, p. 6).

Diferentes atletas gaúchas afirmaram sonhar em se tornarem boxeadoras de sucesso. Entretanto, a experiência das atletas de Boxe no Rio Grande do Sul é permeada por uma série de dificuldades:

Eu queria viver aquilo ali, queria uma profissão, vivia no mundo da fantasia, porque hoje ninguém vive do Boxe, ainda mais Olímpico, só lá para cima nos Estados Unidos, eu acho. Aqui não tem como tu viver do Boxe, só tu dando aula de repente ou... Mas viver, treinar e lutar, não tem como, impossível (GODINHO, 2015, p. 18).

Como vimos no decorrer deste subcapítulo, as atletas de Boxe vivem em uma situação intermediária entre a prática amadora e a profissional no esporte, uma vez que se dedicam à modalidade em termos competitivos, mas não recebem recursos financeiros significativos. O reduzido número de patrocínios e incentivos governamentais faz com que as atletas não possam se dedicar inteiramente ao Boxe, limitando seus desenvolvimentos em relação a

atletas de outros estados. De forma geral, as atletas abandonam o esporte em momentos cruciais de suas vidas, quando é preciso investir em suas carreiras, em estudos ou em profissões mais rentáveis e estáveis.

4. CORPO E GÊNERO NO UNIVERSO CULTURAL DO BOXE

Neste capítulo, discuto, de forma mais aprofundada, diferentes aspectos de gênero que perpassam a experiência esportiva de atletas de Boxe, dialogando com alguns espectros que rondam seus corpos, como o perigo da masculinização, o mito da fragilidade da mulher e o papel da biologia no discurso da dicotomia entre os gêneros. Desenvolvo um pequeno histórico dos estudos de gênero no meio acadêmico, aproximando-me da vertente pós-estruturalista, que pensa sexo e gênero como construções discursivas que forjam o binarismo homem e mulher. De igual forma, abordo como a História do Esporte se apropria das discussões teóricas da História das Mulheres e dos Estudos de Gênero, evidenciando a presença de mulheres desde os primórdios do esporte e caracterizando o campo esportivo como um espaço produtor de diferentes masculinidades e feminilidades.

O campo historiográfico denominado História das Mulheres surge, com base nos Estudos Culturais e no desenvolvimento do Movimento Feminista, como parte de um contexto amplo de evidenciar grupos sociais invisibilizados pela produção historiográfica. Nesse contexto, as mulheres ganham espaço na condição de “objeto e sujeito da história” (SOIEHT; PEDRO, 2007, p. 285). Os estudos demonstram sua importância na formação dos povos, das culturas e da atuação em grandes eventos da História, o que leva a uma crise paradigmática das Ciências Humanas e a uma crítica ao sujeito universal da história tradicional – evidenciando que se buscava “acomodar as mulheres numa história que, de fato, as excluía” (*ibid.*, p. 286).

Um dos primeiros questionamentos que surgiram ao campo historiográfico e ao feminismo foi a utilização da categoria mulher como algo homogêneo, pressupondo, portanto, identidades, lutas e reivindicações iguais e universais. Mulheres negras, não ocidentais, de diferentes classes sociais, etnias e orientações sexuais fizeram um alerta de que não se identificavam com a luta feminista que se estabelecia. A discussão teórica, sobre a qual baseio este estudo, aponta que o gênero se estabelece em intersecção com outras relações de poder – como classe social, raça, etnia, sexualidade –, o que problematiza uma noção singular de identidade. A História das Mulheres recebia críticas pela realização de estudos demasiadamente descritivos, ou seja, pela ausência de um aparato teórico consistente, realizava uma história paralela à universal, permanecendo marginal em relação às grandes correntes historiográficas.

O surgimento das análises teóricas de gênero tem como marco principal o artigo de Joan Scott (1989), denominado “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. A autora aponta o caráter absolutamente social e cultural da diferença entre os sexos, pensando as hierarquias de gênero como relações de poder. Scott assinala a importância da análise relacional de homens e mulheres, criticando a associação do gênero à história relativa apenas às mulheres. Através desse método, a autora propõe o estudo dos mecanismos pelos quais se constrói a diferença sexual e de como eles mudam. O gênero passa a ser pensado como uma categoria constitutiva da organização da sociedade e como influente na construção do conhecimento histórico.

O desenvolvimento do conceito de gênero, segundo Linda Nicholson (2000), possui, pelo menos, duas maneiras diferentes de compreensão e análise. A vertente que opõe o sexo ao gênero considera o primeiro como representante da anatomia e do funcionamento fisiológico, ou seja, como um dado biológico, e o segundo como os sentidos que lhe são atribuídos socialmente. Essa percepção, apontada como “fundacionismo biológico”, cria certa consequência entre o sexo biológico e a assunção de uma identidade de gênero. Segundo Judith Butler (2013), essa noção substancial do gênero pode levar a conclusão de que “[...] uma pessoa é um gênero e o é em virtude do seu sexo, de um sentimento psíquico do eu” (p. 44). Uma segunda vertente do conceito de gênero, mais presente nos trabalhos atuais, pensa o próprio sexo como uma construção do gênero, ou seja, o biológico passa a ser encarado como um discurso que produz corpos governados pela diferença e pela hierarquia (NICHOLSON, 2000). Dentro desta lógica, o corpo não é abandonado. Pelo contrário: “[...] com ela o corpo se torna, isto sim, uma variável, mais do que uma constante, não mais capaz de fundamentar noções relativas à distinção masculino/feminino” (*op. cit.*, p. 9).

Os conceitos de corpo e de sexo são trazidos à discussão nas Ciências Humanas através de uma perspectiva em que o caráter biológico e o caráter histórico se fundem em uma complexidade crescente (FOUCAULT, 2014). O sexo é discutido por Foucault (2014) como um mecanismo do poder que funciona como uma unidade fictícia, como um princípio causal que explica a sexualidade e a distinção de gênero, e que, ainda, goza de legitimidade científica, uma vez que a Biologia e a Fisiologia estabelecem as bases da normalidade. O sexo funciona como um princípio produtor de sentidos ao corpo e à identidade. Ele é um “ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade” (*op. cit.*, p. 169).

O que dificulta a compreensão do sexo como um constructo discursivo é a organização do pensamento ocidental em dualismos opostos e hierárquicos, tal como natureza/cultura e sexo/gênero, supondo que exista uma divisão fundamental entre os corpos e os sentidos que lhes são atribuídos socialmente. A proposta desenvolvida por Anne Fausto-Sterling (2001) defende que devemos desgastar as distinções entre o corpo físico e o social para compreendermos que nossa configuração corporal se deve a nossas experiências em contextos históricos e culturais distintos. “À medida que crescemos e nos desenvolvemos, nós, literalmente e não só ‘discursivamente’ (isto é, através da linguagem e das práticas culturais), construímos nossos corpos, incorporando a experiência em nossa carne mesma” (*op. cit.*, p. 59). Nesse sentido, a matéria corporal é sedimentada em todos os seus níveis por meio de discursos e de práticas sociais. Não há como separar nos corpos atributos biológicos e naturais da influência da cultura e da história, pois ocorre um processo de interdependência mútua entre as partes. A autora propõe uma abordagem sistêmica em que são pensados tanto atributos biológicos quanto sociais, rompendo com o binarismo natureza/cultura.

Alinhada à vertente pós-estruturalista, esta pesquisa pensa o gênero como uma construção social e linguística que produz os sujeitos, seus corpos e suas subjetividades, através dos limites de um sistema binário. Partindo desta compreensão, homens e mulheres se constituem em um processo de aprendizado contínuo, formado ao longo de suas vidas, através das diferentes experiências dos sujeitos. Os contextos diversos ajudam na formação de múltiplas formas de vivenciar feminilidades e masculinidades, associados a diferentes dimensões sociais. A análise pós-estruturalista pensa o gênero em articulação a uma abordagem ampla da sociedade. Assim, a construção dos sujeitos estaria imbricada em redes discursivas de poder, como a educação, as políticas públicas, as instituições, os campos de saber, os quais produzem discursos e representações de masculino e feminino (MEYER, 2003).

A História das Mulheres e os Estudos de Gênero têm impacto nas temáticas e nas questões teóricas da História do Esporte, de modo que as mulheres passam a receber destaque em diferentes trabalhos. “[...] descobrindo-se que, desde os primórdios do esporte, elas se fizeram presentes em diferentes dimensões desta prática cultural, apesar da ausência de registro na oficialidade dos discursos” (GOELLNER, 2013, p. 49). Com a profusão dos Estudos de Gênero e de suas diferentes perspectivas teóricas, para além da visibilidade das mulheres, o campo do esporte passa a ser encarado como um local importante na produção e na reprodução de masculinidades e feminilidades.

Os trabalhos desenvolvidos pela História do Esporte trazem contribuições importantes à historiografia ao questionar “verdades” estabelecidas através do discurso científico. Estes estudos desconstruem a visão difundida de que as desigualdades entre homens e mulheres estariam ancoradas nas diferenças biológicas de seus corpos e que elas definiriam os papéis que ambos deveriam ocupar na sociedade. As noções de sexo, gênero, corpo, beleza e saúde são encaradas como construções históricas, portanto mutáveis, mas, ao serem naturalizadas pelo discurso biológico, corroboram com a manutenção das desigualdades entre os gêneros (GOELLNER, 2013).

Os estudos mais recentes, que abordam a inserção de mulheres em esportes historicamente constituídos como privilégio dos homens, têm enfatizado o caráter político e transformador dessas práticas. Conforme Silvana Goellner (2013), o campo esportivo se constitui em “um lugar de resistência e transformação das relações de gênero” (p. 49). Os trabalhos desenvolvidos evidenciam o caráter problemático de pensar homem e mulher como categorias universais, construídas de forma oposta e binária. Eles demonstram que diferentes experiências colaboram com a construção de feminilidades e masculinidades distintas e que a construção da identidade passa por outros marcadores sociais, tais como raça, etnia, cultura, classe social, geração, entre outros.

Ancorada nos Estudos de Gênero e pensando o esporte como um espaço produtor de diferentes representações acerca de masculinidades e feminilidades, discuto, nos próximos subcapítulos, três aspectos ligados à presença de mulheres no universo cultural do Boxe. No primeiro, as atletas são convidadas a refletir acerca das transformações corporais decorrentes da prática de Boxe, dialogando com o padrão binário de gênero e com o perigo da “masculinização” que ronda seus corpos. No segundo, é discutido como marcas e ferimentos oriundos de treinamentos e competições ganham sentido socialmente e como as atletas dialogam com o mito da fragilidade feminina e com o estigma da violência contra a mulher. Por fim, abordo como atletas e treinadores interpretam as diferenças entre homens e mulheres no processo de treinamento e nas lutas, demonstrando que a biologia tem um peso significativo para estabelecer relações pautadas na diferença, na oposição e na hierarquia entre os sexos.

4.1 A percepção das transformações corporais através da prática esportiva

Todos os corpos são generificados desde o começo de sua existência (e não há existência que não seja social), o que significa que não há corpo natural que preexista à sua inscrição cultural [...] gênero não é algo que somos, é algo que fazemos.

Sara Salih³⁵

Nas entrevistas com boxeadoras, busquei estudar as questões de gênero que permeiam a prática esportiva através de um viés que rejeita a distinção entre sexo e gênero, compreendendo que o corpo não existe fora de discursos generificados. O estudo de gênero neste trabalho parte da percepção das atletas em relação às transformações corporais atribuídas ao Boxe e em como elas, amigos e familiares encararam essas mudanças. Compreendo a imagem corporal não como um simples reflexo do corpo anatômico, mas como uma imagem de um sujeito, percebida em função de fatores psicológico, sociais e históricos, em relação à sua anatomia (STERLING, 2001).

Neste subcapítulo, abordo três aspectos distintos da relação estabelecida entre gênero e corpo no discurso das atletas de Boxe. Em um primeiro momento, analiso como o corpo das pugilistas desassossega padrões binários de gênero, trazendo à tona discursos que colocam em xeque a feminilidade, a sexualidade e mesmo a autenticidade do sexo destas atletas ao mesmo tempo em que produzem a necessidade de reafirmação da identidade como mulher e de suas características femininas. Em seguida, trabalho com o diálogo das atletas entre o corpo produzido para fins competitivos no Boxe e os padrões de beleza estabelecidos pela cultura fitness. Por fim, discuto como a feminilidade se produz em contraponto a categorias desvalorizadas, como é o caso da noção de “mulher homem”, elemento discursivo presente nas entrevistas. Conforme observaremos, não há uma relação linear entre corpo, gênero e sexualidade, uma vez que tanto características “masculinas” quanto “femininas” transitam entre os corpos de homens e mulheres.

A dedicação exclusiva a qualquer modalidade esportiva leva a transformações corporais que adquirem sentido socialmente. Grande parte das atletas descreve as principais mudanças como o desenvolvimento dos membros superiores (braços e ombros), a definição

³⁵ SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 89.

do abdômen, a perda de gordura (incluindo diminuição dos seios e dos glúteos), uma maior rigidez muscular, entre outros. Existem algumas atletas que avaliam como positivas as mudanças corporais, e outras que não deixaram seus corpos serem moldados pelo Boxe. No entanto, em todos os discursos, existe um fantasma que ronda o corpo destas mulheres: a masculinização.

A atleta Fernanda Godinho descreve da seguinte forma as transformações corporais que passou através do treinamento de Boxe:

No corpo, braço e um pouco a barriga. Modifica, tu fica um pouco mais masculina. O abdômen fica mais definido, ele fica reto [...]. Trabalha diferente a musculatura do que tu ir para uma academia trabalhar perna. Trabalha braço, trabalha abdômen, alguma coisa... Tu perde muita musculatura da bunda (GODINHO, 2015, p. 13).

Para Godinho, existe uma distância entre o corpo construído através do Boxe e os padrões de beleza considerados adequados a uma dada feminilidade, tanto que o desenvolvimento do abdômen e dos membros superiores são atributos considerados masculinos, contrapondo-se ao treinamento em academias, onde mulheres privilegiam a potencialização da musculatura das pernas. Nesse sentido, a atleta rompe com alguns pressupostos de gênero ao adentrar no espaço das lutas e desenvolver uma corporalidade que transcende o esperado socialmente às mulheres. Ao mesmo tempo, reitera, em seu discurso, a dualidade de gênero, uma vez que a musculatura é associada e valorizada quando relacionada aos homens, enquanto, quando tange às mulheres, estas teriam sua feminilidade prejudicada.

A atleta Megg Tavares travou uma “luta” entre o corpo que era produzido através do treinamento de Boxe e a sua percepção em termos estéticos desta corporalidade. Na visão da atleta, a tendência do Boxe é deixar o corpo forte, desenvolver a musculatura dos braços e das costas, elementos associados ao corpo masculino. Por outro lado, a perda da musculatura das pernas, dos glúteos e dos seios são transformações que incomodam a atleta em termos estéticos, uma vez que estas são regiões valorizadas socialmente como um reduto da feminilidade. No entanto, Megg afirma que nunca deixou seu corpo completamente à disposição do esporte:

[...] eu não deixava o Boxe dominar meu corpo. Tipo assim, a tendência é tu ficar forte, é tu criar aspecto, não sei te dizer se

masculino, mas tu cria o braço, tu cria as costas. Dependendo do exercício que tu fizer de abdominal tua barriga tende a ficar mais quadrada e isso é uma coisa que eu sempre cuidei, estou ficando forte demais eu parava de fazer certos exercícios, certas coisas (TAVARES, 2015, p. 11).

As reflexões de Megg colocam em questão alguns dos pressupostos que prendem o sexo aos seus atributos biológicos. Dentre eles, a própria instabilidade do corpo. Aparece na fala da atleta que tanto atributos femininos como masculinos podem ser aplicados à sua corporalidade conforme um período de maior ou menor dedicação aos treinamentos, demonstrando que o corpo biológico está suscetível a transformações exteriores.

Conforme afirma Butler (1999), existe uma relação entre os diferentes discursos sociais e o processo de materialização dos corpos:

Consideremos, primeiramente, que a diferença sexual é frequentemente evocada como uma questão referente a diferenças materiais. A diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas (p. 153).

Nesse sentido, o corpo só ganha significados através da linguagem, uma lógica social que estabelece sentidos generificados às diferentes partes do corpo humano. Longe de ser um dado biológico, o corpo está suscetível a diferentes transformações sociais, que, conforme são construídas, desestabilizam as noções impostas de homem masculino e mulher feminina.

Outras atletas afirmaram que procuravam adaptar o treinamento de Boxe de modo a evitar a potencialização muscular. Ao ser interrogada acerca das transformações corporais oriundas da prática esportiva, se as pensava como positivas, Sara Santos da Silva respondeu da seguinte forma:

Para mim foram. Só que para competição, aí tu começa a puxar ferro para ter força, às vezes eu me sentia muito musculosa. Sabe? Aí eu dava uma maneira. Eu “engamelava” meu técnico, eu dizia que estava puxando ferro, mas eu não estava. Mas eu gostei bastante, tem uma certa forma física que eu mantenho até hoje. É algo bom, porque eu quando comecei o Boxe eu estava bem acima do peso [...] (SILVA, 2015, p. 11).

Fica claro na fala da atleta que ela considera positivo o fato de perder peso através do treinamento de Boxe, mas que existia um limite no desenvolvimento muscular mais ligado a fins estéticos do que a resultados em competições. Este controle funciona como uma forma de delimitar sua corporalidade em torno dos limites do que é representado como feminino.

Pode-se fazer um paralelo entre o discurso das atletas gaúchas e o estudo de Fernandes (2014) sobre a visão acerca da feminilidade em atletas profissionais em diferentes modalidades de lutas. As atletas de Boxe Adriana Araújo e Érica Matos foram interrogadas sobre como as exigências técnicas e corporais da prática de boxe influenciavam em suas feminilidades. Adriana Araújo disse não perceber mudanças decorrente da prática esportiva em seu comportamento ou em seus gestos. Para a atleta, a feminilidade não é algo que se constrói socialmente, mas uma essência da mulher: “Acho que a feminilidade ela sempre está com a mulher, independente do que ela faça, ela nunca vai deixar de ter sua feminilidade” (ARAÚJO, 2013, p. 07). Por outro lado, Érica Matos acredita que a prática de um esporte como o boxe pode comprometer suas expressões de feminilidade, sendo papel da atleta inscrever em seu corpo marcas que o aproximem do “feminino”. Nas palavras da atleta: “Aí eu costumo dizer isso, que em cima do ringue eu sou a fera e embaixo eu sou a bela, porque eu procuro sempre tá com o cabelo solto, maquiagem, unha feita para poder diferenciar” (MATOS, 2013, p. 08). Assim, quanto mais o corpo de Érica foge dos padrões generificados, maior é o investimento em imprimir atributos de uma feminilidade normativa.

Um grupo de atletas encara positivamente as transformações ligadas à prática esportiva do Boxe. Esse é o caso de Mariana Madalosso, que responde da seguinte forma quando interrogada se havia percebido alguma mudança no seu corpo que poderia ser associada ao pugilismo:

Com certeza o corpo que eu tenho hoje em dia é daquilo que eu fiz e que eu fazia. O Boxe modela o corpo inteiro, ele dá uma estrutura óssea perfeita, tu trabalha bastante musculatura, teu corpo fica totalmente desenhado, alinhado. [...] Na época eu tinha quinze anos eu tinha um tanquinho, eu era toda malhada, tri massa [...] (MADALOSSO, 2015, p. 8).

A fala de Mariana aproxima a corporalidade do Boxe à lógica da cultura fitness, momento de transformação cultural na atualidade em que a atividade esportiva recebe um amplo incentivo na sociedade, tornando a construção de um corpo bonito e saudável em um

imperativo para homens e mulheres. Ocorre uma supervalorização da imagem corporal e do corpo ideal reintegrada nas diversas esferas do cotidiano (GOELLNER, 2006). Nesse sentido, os corpos de mulheres atletas que, por décadas, foram desconsiderados pelos padrões de beleza física, passam a ocupar o espaço de modelos de beleza.

No entanto, apesar das transformações socioculturais que aproximam as mulheres da prática esportiva, vinculada aos conceitos de beleza e saúde, elas permanecem bastante sujeitas a discursos generificados. Como argumenta Adelman (2011), “[...] as atividades esportivas femininas continuam sujeitas à vigilância por comportamentos e tipos corporais que podem ser identificados como a subversão de normas sobre o que é realmente “uma mulher”” (p. 936). Nesse sentido, atletas vinculadas a modalidades de combate ou àquelas que levam à potencialização muscular colocam em xeque alguns pressupostos de feminilidade e levantam uma série de desconfiâncias sobre seus corpos.

Nos discursos das pugilistas gaúchas surgiram relatos de receios ligados à masculinização de seus corpos por parte de seus amigos e familiares, bem como questionamentos quanto à sexualidade das atletas:

Na minha questão tem várias coisas... Tipo porque eu sou lésbica, enfim, tu começa a ficar definida, daí acham que tu vai virar homem. [risos] Sabe? Essas bobagens. Mas sim, já ouvi minha mãe dizer: “Tu está ficando muito forte, tu está se masculinizando”. Estas coisas todas. As minhas amigas também, algumas gostam, acham bonito. Outras dizem: “Não precisava tanto” (CATTANI, 2015, p. 8).

Os próprios discursos que sustentam a reprovação da corporalidade da atleta entram em contradição, uma vez que se parte da ideia do corpo como um destino biológico (a mulher feminina e o homem masculino), como pode uma prática social, como é o Boxe, não apenas masculinizar seus gestos e seu corpo, mas colocar em suspeição seu “sexo”, uma vez que ela poderia “virar um homem”. Podemos inferir que se o sexo, ligado em nossa sociedade a noções de natureza e biologia, pode ser abalado por fatores culturais. Logo, os fatores biológicos não são tão estáveis e imutáveis como defendidos pela ciência.

Conforme Goellner (2005), a prática de esportes tidos como mais apropriados aos homens gera questionamentos relacionados à feminilidade das atletas, e, em muitos casos, desconfiâncias acerca da sua sexualidade e da autenticidade do seu sexo. Em nossa sociedade,

sexo, gênero e sexualidade³⁶ possuem relações intrínsecas, de modo que cruzar as fronteiras do que se considera adequado a cada gênero mostra-se como uma transgressão que afeta a lógica heteronormativa³⁷ de nossa sociedade.

Alguns dos dilemas relatados pelas atletas são comuns a outros esportes que levam à potencialização muscular e que desestabilizam os aspectos biologizantes do gênero. Conforme estudo com atletas de fisiculturismo, essa prática esportiva funcionaria como um local produtor “de corpos e subjetividades [que] tencionam representações culturalmente construídas para o feminino, o que não implica afirmar a inexistência de árduas demandas de reconhecimento e aceitação” (JAEGER; GOELLNER, 2011, p. 965-966). Ao mesmo tempo em que rompem com limites discursivos através de sua construção corporal, as atletas procuram inserir em seus corpos atributos de uma feminilidade normativa, de modo a assegurar “a pretensa verdade indubitável do seu sexo nos seus corpos” (*ibid.*, p. 961).

A atleta Fabiana Justo considera múltiplos os benefícios da prática esportiva do Boxe: “[...] questão de rigidez muscular, de capacidade de resistência, força, todo o corpo é beneficiado” (JUSTO, 2015, p. 8). No entanto, mesmo sem ser interrogada acerca da manutenção de uma forma física “feminina”, ela sente a necessidade de justificar que o Boxe não masculiniza a mulher:

Nunca percebi nada que fosse contra e não fiquei masculinizada, talvez possa ter algum mito com relação a mulher que luta se masculinizar, alguma coisa assim. E pelo contrário, a maioria das gurias que eu conheci que praticavam o esporte, a maioria sempre muito feminina. Pode haver um mito de que pode a pessoa ficar um pouco masculinizada, que vai ficar forte, não mesmo. Se a pessoa for feminina ela vai continuar sendo feminina, ela vai ter a definição corporal, vai ficar com o corpo mais definido (JUSTO, 2015, p. 8).

Através da fala da atleta, é possível perceber uma necessidade de afirmar-se no interior de uma identidade de gênero estável, como uma estratégia de sobrevivência em termos de inteligibilidade social. Apesar do discurso de Fabiana buscar transmitir a ideia de feminilidade como uma essência pertencente às mulheres, a própria necessidade de se afirmar como tal

³⁶ A relação de consequência e continuidade entre sexo, gênero e sexualidade pressupõe uma unidade de experiência ancorada no binarismo de gênero. O sexo, nesse sentido, exige um gênero (masculino ou feminino) e um desejo voltado ao sexo oposto (BUTLER, 2013).

³⁷ A heteronormatividade é um modelo de organização e regulação da vida que está centrado na relação de coerência entre o sexo, o gênero e a sexualidade. Nesta composição, a atração pelo sexo oposto se apresenta como um modelo impositivo e compulsório, definindo os padrões de normalidade em torno do “sujeito heterossexual normal” (POCAHY; DORNELLES, 2010).

implica a compreensão de gênero não como algo biológico, mas como uma construção discursiva que precisa ser reiterada em diferentes momentos da vida.

Judith Butler demonstra que o ato de nomear o sexo dos bebês ao nascer atua na construção de diferentes expectativas sobre meninos e meninas. Este processo não termina na nomeação, pois, para manter-se um sujeito viável, é necessário “citar” constantemente os atributos do gênero que lhe foi atribuído. Conforme a autora,

na medida em que a nomeação da “menina” é transitiva, isto é, em que ela inicia o processo pelo qual é imposto um certo “tornar-se menina”, o termo ou, mais precisamente, o seu poder simbólico, determina a formação de uma feminilidade corporalmente encenada que nunca preenche completamente a norma. Essa é, entretanto, uma “menina” que está obrigada a “citar” a norma para se qualificar e se manter como um sujeito viável (BUTLER *apud* SALIH, 2012, p. 232).

Nesse sentido, “ser mulher” está longe de ser uma identidade fixa na vida das atletas de Boxe, pois é algo que precisa ser constantemente reiterado de modo a afirmar um gênero “coerente” socialmente, afastando desconfiças.

A atleta Fernanda Godinho resume os problemas de gênero que envolvem a prática de um esporte de combate em diálogo com a cultura fitness e com a dicotomia de gênero:

F. G. – Sim, a minha mãe dizia bastante. Na verdade, ele fica legal e não fica, tu fica muito masculina, teu corpo. Tu perde a... Como é que se diz a palavra?

I. B. – Feminilidade.

F. G. – Feminilidade. Tu fica mais masculina” (GODINHO, 2015, p. 14).

As atletas de Boxe em nível competitivo vivem um dilema entre a construção de um corpo atlético, que em alguma medida goza de legitimidade social, e, por outro lado, o desenvolvimento muscular que leva a uma corporalidade que não é valorizada integralmente por elas, por seus amigos e por seus familiares. O corpo ganha diferentes sentidos socialmente, e é, em alguma medida, “controlado” por discursos e práticas de modo a não exacerbar as barreiras dicotômicas de gênero.

O segundo aspecto deste subcapítulo está relacionado ao corpo produzido no treinamento esportivo para fins competitivos e ao diálogo com valores estéticos da cultura fitness. Vamos discutir como as atletas relacionam a sua vivência no esporte com o uso contemporâneo do Boxe ou Aeroboxe como atividade física em academias de ginástica. O aspecto central dessa discussão está na relação diferenciada com o esporte através da prática competitiva ou da prática exclusivamente estética. De um lado, o corpo funciona como uma ferramenta para a conquista de competições, do outro, a atividade física é um meio para a obtenção de um corpo inserido nos padrões atuais.

Ao ser interrogada acerca das mudanças corporais percebidas através da prática de Boxe, Fernanda Godinho se expressa da seguinte forma:

Eu nem percebia, porque eu fazia... Às vezes eu passava o dia inteiro, no caso, no inverno, principalmente, eu botava casaco e calça e no verão também, porque eu precisava perder peso, então eu ia de casaco e calça. Às vezes eu colocava duas calças, dois casacos, porque eu precisava baixar peso. Quando eu tirava, minhas pernas estavam finas, meus braços fortes, porque eu não via. Eu não ia assim... “Eu vou, eu quero ficar com vontade de crescer, ter um corpo legal”. Eu estava afim do Boxe mesmo, estava afim de lutar, de chegar nos lugares e as pessoas dizerem “Que legal que tu faz Boxe” (GODINHO, 2015, p. 14).

A dedicação exclusiva ao Boxe, com a finalidade de competir, transforma o corpo no centro de investimentos da atleta. Nesse sentido, os diferentes treinamentos se voltam à adaptação corporal e às necessidades do esporte. As transformações apontadas dizem respeito ao desenvolvimento da musculatura dos membros superiores, ao emagrecimento, à diminuição dos membros inferiores, dos glúteos e dos seios, o que não necessariamente agrada às atletas, considerando padrões estéticos generificados.

Por outro lado, no estudo realizado por Ferretti e Knijnik (2007) com lutadoras universitárias que não treinavam visando à competição, o discurso focava muito mais no fator da atividade física, do bem-estar e do cuidado com o corpo. “Há um discurso que claramente indica que o interesse em fazer lutas, mais do que competir e combater, está mais ligado à questão da atividade física em si, de estar em forma e bem com o próprio corpo” (*op. cit.*, p.71). Nessa linha, no trabalho de Silva *et al.* (2015), que estuda praticantes de Boxe de quatro academias de Curitiba/PR, a motivação para a permanência na modalidade estaria associada a

fatores estéticos e de saúde, como a diminuição do estresse, o alto gasto calórico e o dinamismo da modalidade, distanciando-se, assim, do aspecto competitivo do esporte.

As atletas pesquisadas tiveram contato com o Boxe praticado em academias, tanto como atletas quanto como treinadoras, e, de alguma forma, estão em diálogo com essa prática:

Eu ia dar aula em academia e era só para mulher. A professora que tem lá disse assim: “Eu não quero que elas lutem, eu não quero... Eu só quero dar o treino básico e não quero mostrar nada além de bater saco”. Eu disse: “Mas tu tem que mostrar como é que se dá um soco, como é que a pessoa vai andar, porque é o teu nome que está ali”. Ela disse: “Não, mas eu não quero isso, eu quero só que elas se exercitem”. Mas eu acho que é importante tu saber te movimentar, como é que tu vai bater, porque não é força, é colocação no soco. Tudo isso eu achei que deveria ser colocado. Daí ela disse: “Não”, “Tá, então não precisa” [riso] (GODINHO, 2015, p. 17).

Na fala da atleta, a prática do Boxe Olímpico entra em conflito com a atividade para fins estéticos, uma vez que, enquanto potencial treinadora, Godinho gostaria de ensinar aspectos básicos da modalidade, mas o objetivo da academia era estabelecer uma prática exclusivamente aeróbica. Ela abandona a oportunidade, já que acreditava que os critérios impostos pela academia descaracterizariam fundamentos do Boxe Olímpico e que ela, como profissional, estaria manchando sua imagem, pois suas atletas desconheceriam os elementos básicos do pugilismo.

No entorno desta discussão, o corpo ocupa um lugar central, representando socialmente aspectos de fixidez que têm força na constituição da identidade de gênero. Conforme Guacira Lopes Louro (1999), “aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstâncias” (p. 14). O corpo, pensado como um atributo biológico, natural e fixo é constantemente moldado de modo a “adequá-lo aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos” (p. 15). Categorias como saúde, vigor, beleza e forma física são históricas e culturais e são valorizadas de forma diferenciada para homens e mulheres. Nessa linha, a corporalidade das praticantes de boxe, no interior da cultura fitness, não poderia romper com barreiras de gênero: as mulheres devem manter um corpo magro, e a competição e a força permanecerem como atributos exclusivamente pertencentes aos homens.

Com base nas representações dicotômicas de gênero, as mulheres ligadas ao “Boxe de academia” buscam transformar seus corpos de acordo com padrões estéticos atuais. Ou seja, investem na perda de peso e evitam a todo custo a potencialização muscular:

D.C. – Eu dei aula de Boxe por um tempo na academia, o Zé pega os alunos e vai colocando nas academias. Eu acho que cada professor tem um estilo de Boxe diferente, eu ficava cuidando, como eu era uma mulher talvez viessem mais mulheres nas minhas aulas, mas as turmas eram bem divididas, metade homem e metade mulher. As mulheres não queriam ficar fortes...

I.B. – Elas traziam essa preocupação?

D.C. – Sim, porque é só tu ver, as mulheres que lutam, elas são super definidas. Elas queriam mais para emagrecer, para aprender uma técnica, umas até pensaram que eu ia dar tipo um Aeroboxe. Eu não sei dar Aeroboxe [risos] (CATTANI, 2015, p. 11).

A demanda das alunas exigia uma adaptação do treino de Boxe, uma vez que estavam preocupadas apenas com a construção de um corpo definido, afastando a possibilidade da atividade levar ao desenvolvimento muscular. Na mesma linha, a fala da atleta Mariana Madalosso diferencia o Boxe Amador do Aeroboxe, através de sua experiência como atleta e como professora:

Sim, bem diferente, porque o Aeroboxe ele trabalha mais a parte aeróbica, trabalha bastante a questão da perna, porque passa o tempo todo pulando, vai aumentar perna, aumenta a parte de baixo. Eu já trabalhava mais a parte de cima, trabalhava mais com braço, cintura esse tipo de coisa, tem uma diferença, sim. Eu era muito mais malhada e mais forte na parte superior do que na parte das pernas, apesar de treinar sempre, então tem uma diferença sim, trabalha mais o braço, fica mais forte (MADALOSSO, 2015, p. 8).

Através da fala acima podemos visualizar que as atletas desenvolvem relações diferenciadas com o Boxe, o que repercute na produção de seus corpos. Enquanto no Aeroboxe, o objetivo principal é a prática como um exercício físico, sendo valorizada a perda de peso e o desenvolvimento dos membros inferiores, no Boxe Olímpico, os corpos são forjados com objetivos competitivos, logo, os investimentos da atleta estão centrados nos membros superiores e na potencialização muscular.

A atleta Adriana Araújo associa as transformações corporais, oriundas da prática esportiva, ao vínculo profissional que ela estabelece com a modalidade esportiva:

No caso, eu tive visivelmente, um aumento grande de massa muscular, uma grande elevação do meu tronco. Isso pelo fato de eu fazer o esporte como minha profissão. Então são anos e mais anos trabalhando essa modalidade, é todos os dias trabalhando essa modalidade. Então há uma grande diferença em relação à pessoa que pratica a modalidade dois meses, uma vez ou outra. (ARAÚJO, 2013, p. 8-9).

Na concepção da atleta, as transformações corporais não são atribuídas ao boxe, mas às exigências relacionadas à atuação no esporte de alto rendimento, como o treinamento diário, o trabalho físico e a musculação. Nesse sentido, Adriana demonstra que a experiência corporal é distinta da vivenciada por mulheres que praticam o esporte sem fins competitivos.

As diferenças na vivência da modalidade aparecem claramente no estudo com lutadoras universitárias, as quais demonstraram uma ressalva em relação ao profissionalismo, pois teriam que abandonar a forma física “feminina” para obter melhores resultados. Já as atletas que treinavam visando a competição, demonstraram adaptar seu corpo em vista de crescer na modalidade, ainda que pudessem sofrer preconceito por desenvolver uma corporalidade pouco associada à feminilidade. Enquanto as lutadoras amadoras colocam a atividade física à disposição de seu corpo, visando um ganho estético, as atletas profissionais colocam o seu corpo à disposição da modalidade esportiva (FERRETTI; KNIJNIK, 2007).

O terceiro elemento de análise deste subcapítulo diz respeito à construção discursiva da categoria “mulher homem”. Categoria presente no interior das entrevistas, que surge em contraposição à noção da feminilidade que as atletas procuram atribuir a si e aos seus corpos. Para compreender a função deste “outro” na construção da identidade das atletas de Boxe, utilizo da noção produtiva de poder de Foucault, apropriada pela teoria de Butler (1999). A norma funcionaria como um ideal regulatório “que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla” (BUTLER, 1999, p. 153-154). No interior desta lógica, a lei produz as identidades e os desejos que reprimem com o objetivo de manter a estabilidade das identidades de gênero hegemônicas.

Ao ser questionada acerca de sua contribuição para o Boxe gaúcho, Fernanda Godinho observou que muitas mulheres se inspiraram em sua trajetória para ingressar no esporte. No entanto, existe um ponto significativo em sua fala: ela traz como elemento a categoria “mulher homem”, em contraponto a uma identidade “feminina”.

Eu achei que depois, nos outros anos que eu fui, ficou mais liberado para outras mulheres... Porque o primeiro ano que eu fui tinha muita mulher assim: “Você é homem”. Entendeu? Mulher mais homem. Depois não, depois teve outras gurias diferentes, de outros estados. Eu acho que, de repente, quem foi em um ano, disse “Vai! Tem alguém lá do Rio Grande do Sul que está indo, porque que tu não pode ir?”. Abriu mais brecha para outras gurias olharam: “Se ela faz... Vamos fazer também” (GODINHO, 2015, p. 19).

Fernanda Godinho acredita que influenciou outras mulheres a ingressar no esporte ao associar a prática de Boxe a uma imagem “feminina”, não rompendo com a visão dicotômica de gênero. Nesse sentido, ela constrói em sua fala uma identidade que é desvalorizada, buscando afastar, portanto, o espectro da masculinidade de seu corpo. Assim, o “outro” se mostra necessário para a manutenção da norma. Em contraposição à “mulher homem”, se constrói a referência “mulher feminina” que se sustenta nessa relação de repetição da norma. Conforme Louro (1999), “as instituições e os indivíduos, precisam desse “outro”. Precisam da identidade “subjugada” para se afirmar e para se definir, pois sua afirmação se dá na medida em que a contrariam e a rejeitam” (p. 31).

Sara Santos da Silva demonstra um receio ao ingressar no universo do pugilismo, pois acredita que poderia romper com os padrões de gênero e de sexualidade estabelecidos. No entanto, tal como Fernanda Godinho, vê na manutenção da feminilidade um meio para manter uma identidade inteligível e valorizada socialmente.

Eu fiquei com medo, porque eu achei que eu teria que ficar muito masculina, eu achei que era assim, que a maioria das mulheres que treinam Boxe é porque são lésbicas ou... Sabe? Essa é a consciência que a gente tem. Quem treina um esporte de homem é vista dessa forma. Tanto que várias mulheres deram em cima de mim já, achando que... Por que as próprias mulheres tem essa visão, ainda mais se tu quer fazer profissionalmente. Só que aí no primeiro campeonato que eu fui, me deparei com... Por que os campeonatos brasileiros masculino e feminino são separados. Eu me deparei com várias mulheres e várias mulheres bonitas, várias mulheres maquiadas, arrumadas (SILVA, 2015, p. 12).

Sara teme que a prática competitiva de Boxe possa romper com a relação causal entre o sexo biológico, as expressões de gênero e o desejo sexual pelo “sexo” oposto. No seu discurso, novamente categorias como “mulher masculina” e “lésbica” funcionam como “espectros de descontinuidade e incoerência” (BUTLER, 2013, p. 38), só podendo ser

compreendidos em relação à norma, uma vez que são simultaneamente proibidos e produzidos pela sua lei (*op. cit.*).

José Lima também foi interrogado acerca das transformações corporais ligadas à prática de Boxe. O treinador afirma que o corpo ideal para o Boxe estaria associado a mulheres altas, magras e com braços longos, pois isso facilita à atleta atingir sua adversária. Em sua fala, o treinador traz como referência a “mulher homem” em contraponto aos ideais de beleza e de feminilidade valorizados socialmente.

A gente tem aquela imagem que tem que ser porrada, tem que ser bem mulher homem, pelo contrário, quanto mais magra e mais alta melhor. Então elas acabam ficando com o corpo bem bonito, bem desenhado, elas não ficam fortes. A visão é totalmente o contrário do que o pessoal da rua tem aí... (LIMA, 2015, p. 6).

O treinador se preocupa em evidenciar que o corpo ligado à prática de Boxe não rompe com os pressupostos de feminilidade, uma vez que o esporte constrói um corpo magro e bonito e não leva à potencialização muscular. Para construir a imagem de mulher feminina é utilizada a categoria de “mulher homem” como contraponto, de forma que a identidade é forjada através de rejeição e exclusão, como “identidades que não pesam, isto é, que não contam no contexto de uma matriz heterossexual” (SALIH, 2012, p. 107). A rejeição dessas identidades abjetas procura dar coerência e visibilidade aos corpos que não rompem com padrões. Ou seja, a mulher alta e magra que, através da prática esportiva, produz uma corporalidade valorizada socialmente.

A materialização dos corpos se dá no interior de processos históricos que desenvolvem códigos e padrões para atribuir diferentes significados à aparência física. Os corpos se relacionam, portanto, intimamente com relações de poder que valorizam muito mais alguns sujeitos do que outros, através de critérios como “a beleza, a aparência, a força física, a fragilidade, a qualidade de ser ‘sexualmente atraente” (ADELMAN; RUGGI, 2007, p. 40). Instâncias sociais, como o esporte e a mídia, produzem discursos que acabam por visibilizar certas corporalidades enquanto desvalorizam outras, reforçando estereótipos estabelecidos culturalmente. Essas produções estabelecem valores bastante centrados na dicotomia entre os sexos: “[...] o que “podem” e devem ser e fazer os corpos masculinos e femininos. Ou, pelo menos, os corpos invejáveis, os corpos femininos e masculinos dignos de serem olhados [...]” (*ibid.*, p. 53).

No universo cultural do Boxe, as atletas são valorizadas de forma diferenciada de acordo com padrões sociais de gênero, o que significa afirmar que alguns corpos são admirados por responderem às representações de feminilidade hegemônicas, enquanto outras corporalidades são desvalorizadas. Para elucidar a existência desses corpos abjetos no Boxe, utilizo a citação de Mariana Madalosso, ao conhecer sua adversária em um Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino:

E quando eu fui para lá eu não estava preparada, não achei que eu fosse encontrar uma supermulher para lutar comigo. [risos] Eu achei que ia encontrar uma guria que nem eu e ela já era super treinada, ela vivia daquilo há muitos anos e ela parecia um homem, eu confundi ela com um homem. Quando eu entrei, quando me falaram quem ela era, eu fiquei assim meio apavorada (MADALOSSO, 2015, p. 15).

Quando Mariana participa de seu primeiro campeonato em nível nacional, acaba encontrando como adversária Adriana Araújo, atleta já bastante experiente na modalidade. No entanto, a construção corporal apta ao esporte, ligada possivelmente à potencialização muscular e à força física, é interpretada por Mariana como características que assemelham sua adversária a um homem, e isso lhe causou medo, assim como gerou uma grande disparidade na disputa.

Podemos concluir, através da fala das atletas, que a preocupação em forjar seus corpos no interior das normas sociais está aliada à criação de uma categoria discursiva que é desvalorizada: a “mulher homem”. Nesse sentido, as mulheres que fracassam em imprimir em seus corpos marcas coerentes do que se espera para seu gênero, ajudam a materializar a norma nos corpos de atletas que constroem para si representações hegemônicas de feminilidade. A categoria “mulher homem” funciona como o “outro”, um contraponto que delimita fronteiras que não podem ser ultrapassadas sob pena de que as atletas tenham seu sexo/gênero postos em suspeita.

4.2 O mito da fragilidade: os ferimentos decorrentes da prática de boxe e o estigma da violência contra a mulher

As atletas foram interrogadas acerca de marcas ou ferimentos decorrentes dos treinamentos e das competições de Boxe, assim como sobre a possível preocupação que tais marcas/ferimentos poderiam gerar em seus familiares e amigos. Os discursos provenientes destas questões trouxeram dois aspectos que serão aprofundados na sequência do texto: o primeiro está relacionado ao mito da fragilidade da mulher e à ênfase na sua “proteção” através de equipamentos e regras da Associação Internacional de Boxe Amador; e o segundo, ao estigma social do olho roxo e seus paralelos com a questão da violência contra a mulher na sociedade brasileira.

Desde o século XIX, existe um investimento da literatura científica em apontar, através de bases biológicas, as diferenças entre os sexos. Conforme Fabíola Rohden (2010), mesmo quando esses estudos parecem estar falando de elementos biológicos e corporais, entram em cena características de gênero que são defendidas. Nesse contexto, uma série de atributos anatômicos e fisiológicos, como órgãos, sistema sanguíneo, esqueleto ou músculos, justificavam “cientificamente” papéis sociais significativamente distintos para os gêneros. “O poder de raciocínio, a força física e o movimento para o homem, a função reprodutiva, o repouso e a quietude no caso da mulher” (*op. cit.*, p. 414). Justificava-se, através de atributos biológicos, o lugar social da mulher primordialmente no espaço privado e no cuidado dos filhos, uma vez que elas possuíam uma menor capacidade física e mental para ocupar o mundo do trabalho e das atividades esportivas.

Rohden (2010) apresenta uma correlação entre os discursos do século XIX e a produção científica atual, demonstrando que se permanece afirmando, sob a égide da biologia, a dicotomia de gênero. No entanto, os aspectos fisiológicos e anatômicos dão lugar à neurociência e aos hormônios. Transformam-se os métodos científicos, mas permanece a ênfase em localizar na “natureza” justificativas para as diferenças entre os gêneros.

Quase sempre que uma gramática naturalizante da diferença é acionada, tem sido para falar em nome da imutabilidade. É como se atribuir adjetivos como hormonal e cerebral servisse ao propósito de atestar o caráter natural, intrínseco e cristalizado das diferenças. Esse processo, talvez longe de espelhar um conhecimento último sobre o corpo e suas variações, reflete uma verdadeira obsessão com o esquadrinhamento e manutenção das diferenças de gênero (*op. cit.*, p. 433).

A ênfase da ciência em comprovar cientificamente a diferença entre os sexos, tanto por intelectuais do século XIX como na atualidade, procura na biologia argumentos que justificam as diferenças entre os gêneros na sociedade. Nesse sentido, as características que fazem da mulher um ser essencialmente diferente do homem estão ancoradas no papel que a natureza lhe havia reservado. Ou seja, a mulher estaria associada a atributos de fragilidade e de emotividade, enquanto o homem a atributos de força e de razão.

Algumas dessas construções discursivas ancoradas no discurso científico corroboraram com a construção histórica de uma sociabilidade exclusivamente masculina, ligada à ocupação do espaço público e à exclusão das mulheres. Conforme Adelman (2011), enquanto as atividades desenvolvidas pelos homens transformavam-se em alvo de prestígio e prazer, as atividades desenvolvidas pelas mulheres eram desvalorizadas ou invisibilizadas no interior da esfera doméstica. Dentro dessa configuração, é a “biologia” das mulheres que circunscreve o seu “destino”, ou seja, suas formas de agir, se definir e se encontrar no mundo” (*op. cit.*, p. 932). Com base nesse processo histórico, foi cerceado o acesso das mulheres a alguns espaços da sociedade, tais como o estudo, o trabalho e o esporte.

A participação de mulheres no campo dos esportes despertou uma série de lutas simbólicas em torno dos seus corpos e de seu gênero desde o século XIX. Boa parte dos discursos que condenavam a prática esportiva, mais especificamente esportes considerados “violentos” para as mulheres, justificavam na sua “natureza” e na suposta fragilidade de seus corpos. Pierre Coubertin, um dos idealizadores dos Jogos Olímpicos Modernos, considerava inadequada a prática esportiva de alto rendimento para mulheres, uma vez que elas seriam sempre “imitações imperfeitas” dos homens.

Talvez as mulheres compreenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para seu encanto nem mesmo para sua saúde. De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir inteligentemente a educação physica dos seus filhos (COUBERTIN, 1938, *apud* GOELLNER, 2005, p. 46).

Os argumentos centrados na biologia justificam, para Coubertin, os diferentes papéis sociais que podem ser representados por homens e mulheres, a noção de fragilidade do corpo da mulher e a ênfase de seu lugar como mãe e no cuidado com a família limitavam seu acesso ao esporte. No Brasil, os discursos que justificaram a interdição de mulheres a uma série de

modalidades esportivas, através do Decreto-Lei n. 3.199, justificavam-se por concepções normatizadas de feminilidade, ancoradas na biologia, na maternidade e no caráter “violento” das práticas consideradas incompatíveis ao “sexo frágil”.

Com o passar do tempo, as definições centradas na maternidade e na função reprodutiva passam a conviver com uma visão erotizada dos corpos das mulheres. No contexto contemporâneo da cultura fitness, as atividades esportivas ganharam um espaço significativo na construção de corporalidades ativas e atraentes, encontrando no esporte um espaço de espetacularização desses corpos. No entanto, as mulheres permanecem bastante sujeitas a novas regras e vigilâncias em torno de seus comportamentos e de suas construções corporais. Aqui, cabe-nos perguntar o porquê de o discurso da fragilidade da mulher voltar a rondar as mulheres que praticam artes marciais.

Conforme Cardoso et al. (2012), o estudo com sete atletas da Seleção Brasileira de Boxe Feminino demonstra que a primeira reação de amigos e familiares frente à inserção delas no pugilismo foi a proibição justificada pela noção de proteção e de receio de que elas se machucassem. A preocupação com a segurança aparece na história de Fabiana Justo: no início de sua prática, seus pais haviam se mostrado apreensivos pela sua segurança. A atleta relata que achava que, “no fundo, eles sempre tiveram medo que eu me machucasse, talvez mais por esse lado, de que eu me machucasse, de eles quererem me preservar, de não quererem me ver machucada” (JUSTO, 2015, p. 3). Em virtude desta preocupação, a atleta havia desaconselhado os pais a assistirem suas lutas, pois eles ficariam muito nervosos. No entanto, eles compraram ingressos e resolveram assistir à filha em ação. Ao relatar a experiência à Deca Soares (2005), o pai de Fabiana reitera a noção de proteção: “Realmente, ficamos muito nervosos como ela previra – admite Hélio – Nossa preocupação não era com o resultado, para nós apenas um detalhe. Temíamos que ela se machucasse” (*op. cit.*, p. 49).

O treinador José Lima afirma que existe uma resistência ligada ao risco de algumas lesões decorrentes do esporte por parte de familiares: “É geral, não só mulheres, gurizada assim... Os pais não gostam, porque machuca. Quando leva a nível de competição machuca. Às vezes leva uma porrada mais forte, machuca a costela, porque pra ti entrar em um ritmo de luta, tu tem que fazer umas lutinhas mais pegada” (LIMA, 2015, p. 4).

No entanto, podemos inferir, pela fala do treinador, que essa maior preocupação estaria relacionada a mulheres de qualquer idade e a meninos com idades menores. Ambas

podem ser pensadas como categorias que inspiram proteção e um maior cuidado por parte de pais e familiares.

A questão da proteção dos pais em modalidades esportivas também aparece no estudo com atletas de Hipismo, que teriam receio de incentivar uma atividade que envolve maior risco físico. No entanto, esse perigo afetaria mais a iniciação esportiva da menina do que a do menino, uma vez que “os pais geralmente dão mais apoio às ambições competitivas dos meninos, considerando o interesse das filhas no esporte como mero hobby” (ADELMAN, 2003, p. 455). A postura dos pais limita o avanço dos treinamentos para mulheres, pois eles apresentam um maior receio da menina sofrer uma lesão do que do menino, é o que aborda uma de suas informantes: “Se os pais vêem a menina cair ou se machucar, já o pai começa a cortar. Se o menino tiver uma cicatriz na cara é uma coisa; agora a menina não, né?”. (ADELMAN, 2003, p.455)

A ênfase na proteção da mulher pode ser discutida através das regras da Associação Internacional de Boxe Amador (AIBA), organização que rege o Boxe em termos mundiais e cujas normas são adotadas pela Confederação Brasileira de Boxe e pela Federação Rio-Grandense de Pugilismo. No ano de 2015, a AIBA retirou, exclusivamente para homens, a proteção de cabeça utilizada na modalidade olímpica. Em 2013, ela havia sido retirada em caráter provisório para passar por um período de testes, o que revelou que, sem a proteção, ocorreu um número menor de lesões cerebrais. Com isso foi estabelecido que, nos Jogos Olímpicos de 2016, estava proibido o uso da proteção de cabeça. No entanto, mulheres e categorias de base estão excluídas desta determinação e permanecem obrigadas a utilizar a proteção.

A atleta Daniela Cattani foi questionada acerca da resolução da AIBA. Perguntei se ela interpreta a existência de um viés de proteção da mulher por parte das organizações que regulam o Boxe, ao que ela respondeu:

Eu acho que a proteção, achar que a mulher é delicada, achar que a mulher não aguenta ficar com olho roxo, que é feio. [...] [O capacete] dá uma sensação de sufocamento, porque tu ouve a tua respiração, tu vê que tu está tensa. E limita a visão também, mas eu acho que é pela feminilidade, pela delicadeza da mulher, talvez tenha algum motivo (CATTANI, 2015, p. 10).

Através da fala de Cattani, fica evidente que o capacete de proteção prejudica a atuação das atletas na modalidade e que seu uso é justificado apenas pela visão de que a mulher é um ser mais frágil, que precisaria de maior proteção, tal como as categorias de base. Outra questão apontada pela atleta diz respeito ao protetor de seio, que, embora seja opcional nas regras da AIBA, é obrigatório na Federação Rio-Grandense de Pugilismo. Na concepção da atleta, o protetor atrapalha o rendimento por ser bastante desconfortável. Entretanto, ele é tratado pela FRGP como requisito obrigatório para que mulheres possam competir.

Dentre as respostas que abordam os ferimentos oriundos da prática de Boxe, se destacam a ênfase atribuída ao olho roxo e as representações dessa marca no contexto cultural brasileiro. Embora não seja uma lesão grave em termos físicos, ela é permeada por um estigma social que está bastante atrelado às questões relativas à violência contra as mulheres em nossa sociedade. No Brasil, conforme dados da pesquisa “Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher”, realizada pelo DataSenado, em 2013, 19% das mulheres com mais 16 anos já sofreram algum tipo de violência, o que corresponde a 13 milhões e 500 mil pessoas. Em 65% dos casos, o agressor é o próprio marido, companheiro ou namorado. Apenas 35% das vítimas oficializaram uma denúncia contra seus agressores. Dentre as maiores dificuldades apontadas, estão o medo do agressor (74%), a dependência financeira (34%), a preocupação com a criação dos filhos (34%), a vergonha da agressão (26%), entre outros fatores (DATASENADO, 2013). Os dados demonstram a dificuldade dessas mulheres para denunciar a violência ou para expressar essas experiências, levando ao silêncio, ao isolamento, ao sentimento de culpa e de vergonha. A violência doméstica é perpassada por uma série de questões de gênero que admitem comportamentos agressivos por parte dos homens e exigem uma postura dócil e submissa por parte das mulheres. Essas representações levam à inversão da culpa de quem realizou a violência para quem a sofreu (MOREIRA; BORIS; VENÂNCIO, 2011).

Quero argumentar que o olho roxo funciona como um estigma ligado à violência contra a mulher, uma vez que a vergonha de portar essa marca social está no centro do discurso das atletas de Boxe. A noção de estigma pode ser pensada como “[...] um atributo que implica desvalorização, inferioridade e situa a pessoa em uma posição de desvantagem. A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um dos seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como portador dele” (*op. cit.*, p. 17). Nesse sentido, o olho roxo é pensado como um estigma, uma designação social que inferioriza o indivíduo diante da sociedade a que pertence. Na fala da atleta Daniela Cattani,

fica evidente a associação entre o olho roxo e a violência contra a mulher na sociedade brasileira:

Sim, as pessoas olhavam para mim com cara de pena. Imagino eu que elas pensavam que eu apanhava do namorado em casa, sabe? [...] Tipo estava no ônibus com um “roxão” no olho, daí as pessoas ficavam olhando. [risos] Quem sabia que eu lutava Boxe dizia: “Para que fazer isto contigo, guria?”. Eu dizia: “É, acontece, como tu vai jogar futebol, tu pode quebrar uma perna. Qualquer esporte tu pode te machucar”. Mas a reação é sempre de espanto (CATTANI, 2015, p. 8).

Fica evidente que o que implica nas representações acerca da prática de Boxe não é a lesão em si, mas o estigma que denota o olho roxo. Também posso argumentar que se pressupõe que a mulher que apresenta uma marca no rosto foi agredida, e não que ela pratica um esporte onde se pode simultaneamente bater e apanhar. Para a mulher, resta a figura de vítima, e não de agente no meio esportivo ou na sociedade.

O estudo de Moreira *et al.* (2011) evidencia que grande parte das mulheres que sofrem violência de seus parceiros íntimos carregam o sofrimento de serem reconhecidas como mulheres espancadas, o que leva ao sentimento de vergonha e de ocultação. A negação dessa visão está presente na fala de atletas que buscam justificar sua lesão em termos sociais para que não sejam identificadas no interior deste estigma:

Sim... Na época que eu comecei a treinar com o Zé, o emprego que eu consegui para poder treinar Boxe era em uma creche. Eu cuidava dos bebezinhos, então ir trabalhar com o olho roxo, era a pior coisa do mundo. Eu sei que poderia assustar alguém, mas o dono da academia já falava, quando ia apresentar o berçário já falava: “Aquele ali se ela aparecer de olho roxo, ela luta Boxe” (SILVA, 2015, p. 12).

A atleta traz em seu discurso a necessidade de justificar o olho roxo através da prática de Boxe, evitando que se atribua a ela o estigma de ser uma mulher agredida por seu parceiro íntimo. Situação que, em nossa sociedade, é considerada, paradoxalmente, como motivo de vergonha para a mulher e não para o homem agressor³⁸.

³⁸ Dentre as principais razões que inibem a denúncia formal por parte de mulheres vítimas de violência doméstica, em 26% dos casos está “a vergonha da agressão”. Essa situação é mais frequente conforme cresce a escolaridade e a renda das entrevistadas: entre as mulheres com ensino fundamental, 19% relatam que a

A atleta Fabiana Justo também sentia a necessidade de justificar que seus ferimentos eram oriundos da prática de Boxe:

As pessoas se preocupam, perguntam: “O que é isso? O que aconteceu? Tu está bem?”. Eu explico: “Não, foi da luta, está tudo tranquilo”. E as pessoas: “Ah! Foi da luta, então está tudo bem”. No meu estágio teve uma ou duas vezes que ficou roxo o olho, mas meu chefe, meus colegas, todos sabiam da minha história, da minha caminhada no Boxe, nunca enfrentei problema, preconceito também. E como te disse, tentava disfarçar com a maquiagem para não ficar feio, então nunca enfrentei nenhuma resistência” (JUSTO, 2015, p. 9).

A ideia de deixar claro no ambiente de trabalho que o olho roxo é motivado pela prática esportiva é uma forma de evitar o julgamento no/do olhar do outro, uma vez que a atleta compartilha o estigma da violência sofrida por milhares de mulheres em nossa sociedade. A necessidade de “disfarçar com a maquiagem” indica que a atleta se sente incomodada com a situação. A vaidade se mistura com a vergonha de apresentar uma marca considerada depreciativa socialmente em seu rosto.

Alguns destes elementos indicam que a violência está permeada por questões de gênero. A fala de Carine Borba demonstra o quão distintas são as representações para homens e mulheres que passam por situações de agressão física:

Se tu encontrar um menino de olho roxo na rua, tu vai dizer: “Ah, ele brigou na rua. Bateu no assaltante. Brigou com o coleguinha”. E se tu ver uma menina, uma mulher, de olho roxo na rua, tu não vai pensar nisso, nem mesmo a própria mulher. É sempre a visão machista: “Ah, apanhou, foi agredida” (BORBA, 2015, p. 3).

O olho roxo, para a mulher, como vimos, é associado automaticamente à violência sofrida e à noção de vítima, sendo necessária a justificativa da prática de uma arte marcial para que a atleta não seja enquadrada como tal. Já o homem tem na luta corporal um traço de sua vivência social, o que faz com que a visão de um machucado possa conotar diversas representações, inclusive as de bravura e de heroísmo.

Na fala de atletas de Boxe, o estigma da violência sofrida se faz presente tal como no discurso das vítimas de violência doméstica: através do isolamento e da vergonha. Isso pode ser observado na fala de Megg:

Quando eu fiquei com olho roxo... Eu acho engraçado que o pessoal não tem isso, mas talvez seja meu. Eu fiquei trancada em casa uma semana até sair o olho roxo, porque eu não conseguia me olhar no espelho. Feriu não sei se meu ego, meu orgulho, que assim uma forma que... Eu não saí de casa, eu literalmente não saí de casa. Foi em São Paulo, em um campeonato, foi na semifinal, então eu ainda tive que ficar toda a final, eu ainda tive que subir no pódio. Aí eu voltei, quando eu cheguei em Porto Alegre, o que eu tinha que sair na rua eu saía de óculos, mas foi mais a questão de ego (TAVARES, 2015, p. 14).

Embora encare como uma característica individual, a atitude de isolamento, de ocultamento ou de vergonha está presente no discurso de boa parte das integrantes deste estudo, demonstrando que as atletas compartilham do estigma da violência sofrida pela mulher na sociedade brasileira.

O pugilismo, historicamente, sofreu preconceito em relação aos resultados lesivos aos seus praticantes no que tange principalmente às lesões relacionadas ao impacto na face. O esporte passa, na atualidade, por uma série de regulamentações que estabelecem regras e aparelhos de proteção que visam proteger os atletas. No entanto, para mulheres, a modalidade ainda é pensada como agressiva ou prejudicial, mostrando-se necessária a defesa trazida por Fabiana Justo:

Para as mulheres se darem conta de que de repente eu posso também, é legal, é saudável, eu não vou me arrebentar. Ainda mais quem não entra nos campeonatos, é um esporte super saudável, se tu não entra em campeonato, dificilmente tu vai te machucar. Eu vejo o futebol como um dos esportes mais lesivos que tem, eu conheço pessoas que jogam futebol que se machucam cem vezes mais do que eu que pratico arte marcial a vida inteira (JUSTO, 2015, p. 13).

Fabiana Justo acredita ter influenciado outras mulheres à prática ao desmistificar a ideia de que Boxe é uma modalidade violenta ou agressiva. Embora a competição leve, por ventura, a lesões, ela não acredita que o pugilismo seja mais lesivo que outras modalidades.

As demais atletas que colaboraram com este estudo argumentam que lesões são comuns, normalmente sem gravidade, e estão relacionadas aos campeonatos e aos treinos mais intensificados. O treinamento com homens, em razão da ausência de atletas mulheres, é um fator apontado pelas boxeadoras para alguns machucados:

Sim, com certeza. Olho roxo sempre tinha, uma vez por semana, com certeza. Como eu treinava com homens era impossível não ter e eu gostava, eu me metia mesmo e apanhava, não tinha jeito, olho roxo uma vez por semana (MADALOSSO, 2015, p. 9).

Eu tinha muito contato, queria ficar o tempo todo lutando dentro da academia. A gente tem muito contato, então não adianta, vai acontecer, ainda mais às vezes que tu está empolgada e a minha academia só tinha guri, homem, não tinha mulher para fazer (GODINHO, 2015, p. 15).

Em contraponto à concepção que alia mulheres à fragilidade e à passividade, essas atletas encaram os desafios ligados ao treinamento e às competições de Boxe, ainda que as condições não sejam as mais favoráveis. As lesões ou os machucados são considerados inerentes à prática esportiva, como sinaliza muito bem Fabiana Justo: “Não, não me incomodava, faz parte, acho que do treinamento ou do campeonato, a gente bate e a gente apanha, não tem muita escapatória” (JUSTO, 2015, p. 9).

Neste subcapítulo, construí um relato histórico acerca do papel do discurso científico na construção do mito da fragilidade da mulher. Ancorados em argumentos biológicos, diferentes atributos de gênero foram sustentados, limitando a inserção da mulher em espaços de prestígio, dentre eles, o esporte. Na atualidade, as noções de maternidade e a restrição à sociabilidade no espaço público perdem espaço para uma visão mais ativa da mulher. No entanto, em modalidades esportivas como o Boxe, o discurso da fragilidade ganha novas roupagens.

Discuti a existência da ênfase dada à proteção de mulheres atletas por parte da Associação Internacional de Boxe Amador através da manutenção de equipamentos de segurança apenas para elas e para as categorias de base. Observei, no discurso das atletas, que “olho roxo” foi uma categoria central nas questões relacionadas a lesões decorrentes do Boxe, levando-as a vivenciar o estigma direcionado a mulheres que sofrem agressões de seus parceiros íntimos, um problema arraigado na cultura brasileira. Por fim, discuti que as atletas acreditam que o Boxe, quando vivenciado em termos profissionais leva, eventualmente, a

certas lesões, tal como outras modalidades esportivas. No entanto, as atletas buscam afastar a noção de vítima ou de fragilidade presentes no imaginário social e encaram os diferentes desafios de sua prática esportiva.

4.3 Homens vs. Mulheres: as questões de gênero que permeiam o treinamento misto em academias de boxe

Neste subcapítulo, discutirei como as diferenças entre homens e mulheres no universo cultural do Boxe são percebidas pelas atletas e pelos treinadores entrevistados. Pretendo abordar como se constituíram historicamente as categorias de sexo e de gênero pautadas primordialmente pelo discurso da biologia, construindo, assim, dois sexos distintos, estáveis e opostos, que justificam as diferenças políticas e culturais entre os gêneros. Os sujeitos da pesquisa foram questionados acerca das diferenças percebidas no processo de treinamento de homens e mulheres e acerca de suas percepções quanto à alguma distinção na forma de lutar. Como unidade de análise, se destacam os diferentes elementos de gênero que permeiam o treinamento entre homens e mulheres nas academias de Boxe.

Thomas Laqueur (2001), em seu trabalho “Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud”, aborda o caráter histórico da construção do sexo como uma verdade científica a partir de seus aspectos corpóreos e biológicos. Na argumentação do autor, o sexo biológico não funcionava como um fundamento sólido da distinção entre os gêneros até o século XVIII. Pelo contrário: na Renascença, a crença médica era de que havia um sexo único com a mesma estrutura, mas com diferenças em relação ao grau de desenvolvimento, cujo exemplar mais perfeito era o homem. As mulheres eram essencialmente homens, no entanto, inferiores em uma escala de perfeição devido à falta de calor vital, o que fazia com que estruturas corporais visíveis nos homens ficassem retidas na parte interna das mulheres. Existiria, então, um único sexo, mas dois gêneros com distinções jurídicas, sociais e culturais. Conforme o autor, o corpo e suas fronteiras não estavam bem definidos: ele estaria suscetível a Deus, à natureza, ao mundo à sua volta, e essas influências poderiam atuar na corporalidade dos indivíduos. Diferentes relatos na literatura médica sobre mudanças de “sexo” espontâneas apontam que o “sexo biológico não oferece um fundamento sólido da categoria cultural, mas uma ameaça constante em subvertê-lo” (*op. cit.*, p. 161).

A partir do século XIX, desenvolve-se uma nova linguagem no campo da ciência com o desenvolvimento da Epistemologia Empirista, que vê na natureza o lugar da verdade. Sexo e biologia se mostram, portanto, autoevidentes e explicativos. Nesse período, o comportamento deixa de ser relevante na distinção entre os gêneros, uma vez que o sexo se torna uma questão exclusivamente biológica. Desenvolve-se um modelo de dimorfismo radical em que a anatomia e a fisiologia de homens e mulheres se distinguem incomensuravelmente. Dessa forma, a relação entre os gêneros deixa de ser pautada pela igualdade ou pela desigualdade, sendo pautada pela diferença. Conforme Laqueur (2001), não houve descobertas significativas no campo da ciência que justifiquem essa mudança para além de transformações sociológicas ou epistemológicas. Quando entram em voga discursos de igualdade através de transformações políticas, grandes nomes da ciência do século XIX esforçaram-se para provar as imutáveis diferenças físicas e mentais entre os sexos.

Nesse sentido, o sexo é pensado como uma categoria situacional, compreendido dentro de um contexto de relações de gênero e de poder. Conforme Laqueur (2001), a ciência é frequentemente misógina na pesquisa biológica sobre mulheres, trabalhando para legitimar as desigualdades construídas socialmente. As diferenças anatômicas são pensadas, neste trabalho, como construções culturais, que variam em diferentes contextos históricos. O corpo, portanto, nunca é neutro, pois é uma interpretação social. Desse modo, o que interessa neste subcapítulo é demonstrar que, indiferentemente das diferenças percebidas entre homens e mulheres, as evidências históricas indicam que quase todo discurso que aborda o sexo tem em si uma reivindicação sobre gênero.

A preponderância do sexo e da biologia na construção da diferença entre homens e mulheres é um processo histórico, tal como foi descrito acima, construído sobre forte influência da ciência moderna. O peso que estas categorias ganham na distinção entre os gêneros está presente no discurso das atletas de Boxe, pois faz parte do contexto cultural vivenciado por elas:

Embora fisicamente nós tenhamos a comprovação que os meninos são mais fortes, pela estrutura óssea masculina e os músculos são muito mais rápidos. Por exemplo, um menino [da categoria] 51 [quilos], biologicamente falando, ele é mais forte do que eu, pelo simples fato de ele ser menino, porque os músculos dele, a fibra muscular dele é diferente da minha, a minha é mais frágil, falando em biologia (BORBA, 2015, p. 17).

Na fala de Carine Borba, a natureza dos corpos masculinos e femininos funciona como o principal elemento que distingue homens e mulheres na prática de Boxe. Seu discurso é legitimado através da biologia, como uma comprovação “científica”. De igual forma, a biologia ganha um peso significativo na distinção entre homens e mulheres, conforme o discurso de Megg Tavares:

Do mesmo jeito que o masculino é mais rápido, eu acho que a fibra muscular masculina é mais rápida, porque sempre, o homem ele tende a ser sempre mais rápido, o porquê eu não sei. No treino tu vê a diferença, eu sempre treino com homens até pra forçar mais isso. Os homens são muito mais velozes [...] (TAVARES, 2015, p. 15).

Características como força física, rapidez e agilidade são apontadas como categorias inerentes aos corpos masculinos, situando-os, assim, recorrentemente no polo positivo da comparação entre homens e mulheres. Nessa disputa simbólica, a natureza tende a favorecer sempre o homem, como fica claro na fala de Mariana Madalosso:

Apesar de tentar sempre igualar os dois, o homem tem mais força e o treino é totalmente diferente. Tu pode fazer as mesmas coisas e mesmo assim vai ser diferente, sabe? A mulher vai ter que dar o dobro para poder alcançar o mesmo objetivo de um homem (MADALOSSO, 2015, p. 9).

Nos discursos referidos, a biologia ganha o peso da imutabilidade e, em quaisquer condições, o homem é mais forte e mais rápido, dentre outras características, sempre positivas.

Na construção das diferenças entre homens e mulheres, convém observar que, no âmbito do esporte, o corpo feminino é sempre o problemático e o inábil em oposição ao corpo masculino idealizado. Nesse sentido, o homem funciona como a referência, e a qualidade da mulher é medida em relação a ele:

Tu nota, quem é expectador, olhando [...] Tem mulher que luta melhor que homem. Tu nota: “Essa aqui é melhor que fulano”. Esses dias eu fiz um sparring numa academia, só uma sombra como a gente chama, eu fiz com homem. Todo mundo disse: “Bah!”. Fazia tempo que eu não lutava, fazia cinco anos que eu não fazia nada, eu

fui fazer só uma sombra. Daí quem estava olhando: “Tu é melhor que muito homem” (GODINHO, 2015, p. 16-17).

Quando a atleta é colocada como “melhor que muito homem” fica claro qual gênero impõe o padrão no jogo de significados que se estabelece no esporte. Nesse caso, Laqueur (2001) nos coloca uma questão interessante ao afirmar que é apenas a mulher que parece ter gênero, pois o seu valor é estabelecido através da relação de diferença entre os sexos, onde a referência é sempre o homem (*op. cit.*).

Os treinamentos realizados em academias de Boxe são comumente mistos: homens e mulheres ocupam o mesmo espaço e compartilham as atividades. Esse convívio resulta em uma série de elementos de gêneros no discurso das entrevistadas. As atletas foram interrogadas acerca da existência de diferenças por parte de treinadores ao aplicarem o treino para homens e mulheres. Sara Santos da Silva, afirma que chegou a perceber um cuidado maior da parte de seu treinador por ela ser mulher:

Com o Vitor até tinha, eu acho que ele meio que me protegia, ele tinha medo de eu me machucar, ele escolhia com quem que eu ia fazer sparring, não era com qualquer um que ele me colocava. Ele tinha um pouco de receio assim. Mas também por ele não ser acostumado com isso, não ser acostumado em ver uma mulher treinar, uma mulher fazer sparring com homens (SILVA, 2015, p. 15).

A atleta considera que o treinador via uma diferença entre ela e os colegas homens, por uma questão exclusivamente de gênero, uma vez que, como mulher, estaria mais suscetível a machucar-se, necessitando de maior proteção. Por outro lado, Daniela Cattani afirma que seu treinador não fazia diferença entre homens e mulheres:

O Zé, ele trata todo mundo igual. Eu não sei como é que seria nos outros lugares, mas tudo que eu fazia, os caras faziam e, como eu treinava há mais tempo, às vezes os caras não conseguiam me acompanhar. Eu ouvia muito eles dizerem: “Tu consegue, porque tu é magrinha”. Nada a ver [risos] (CATTANI, 2015, p. 9).

A fala demonstra que, para além do gênero, existem outras hierarquias que permeiam o universo cultural do Boxe. Neste caso, a capacidade técnica da atleta a colocava em um nível superior aos demais alunos, o que parecia incomodá-los. Segundo Mariante (2010),

apesar do Boxe não possuir faixas que delimitem claramente uma hierarquia, existe uma divisão simbólica que demarca o lugar de cada um na estrutura do treino, principalmente entre atletas mais e menos experientes (*op. cit.*).

O número reduzido de mulheres no universo cultural do Boxe faz com que boa parte das atletas realizem seu treinamento com homens, inclusive a simulação de lutas conta com duplas mistas:

Eu comecei assim na área do Boxe, como só tinha homem eu treinava com homens, aí tu vai pegando. É diferente de tu treinar com mulheres, porque a força é diferente, tu apanha pra caramba. [risos] Tu não tem como fugir disso, porque mesmo quando eles tentam pegar leve, o leve de um homem é diferente de uma mulher. Isso fez toda a diferença para mim, a questão da força também, do jeito, treinar com homem fez toda a diferença. Foi assim que a gente começou, bem bruto mesmo (MADALOSSO, 2015, p. 2).

O próprio pioneirismo no esporte levava a atleta a treinar em um ambiente exclusivamente ocupado por homens. No entanto, pode-se pensar que ela considera positivo o treinamento, uma vez que, comparando ambos os sexos, os homens possuem mais força, o que a deixaria mais preparada para enfrentar competições com mulheres.

O convívio com homens no período de treinamento é algo rotineiro, entretanto, essa relação não se dá sem conflitos. Conforme relato de Carine Borba, dois dilemas estavam presentes em disputas mistas: se, por um lado, os homens se sentiam incomodados em lutar com mulheres por considerá-las frágeis, por outro, ficavam ofendidos se perdiam a disputa.

[...] era muito claro que eles se sentiam incomodados, com o homem fazendo sparring com meninas. “Não, eu não vou bater em mulher”. O professor dizia: “No tatame não tem gênero. Vai que tu vai tomar uma mão”. E aí eu ter que dar uma ou duas mãos na maldade, com força, para eles verem que eles iam ter que responder, se não eles iam apanhar. E aí entrava em uma outra contradição: “Eu não posso apanhar de uma mulher”. Muitas vezes que eu me machuquei em treinos foi porque fugiu da parte técnica e fui para área pessoal. “Eu não posso bater em uma mulher, mas também não posso apanhar de uma mulher. Meus amigos estão vendo” (BORBA, 2015, p. 18).

Como fica evidente, existem alguns elementos fortemente marcados por relações de gênero que se mostram presentes nas academias de Boxe, como a presumida fragilidade da mulher e a suposição de que homens são superiores em disputas corporais.

A atleta Daniela Cattani exemplifica como a relação de superioridade dos homens sobre as mulheres é pressuposta no Boxe e como essa relação se mostra conflituosa quando existe um rompimento entre a dicotomia força masculina e fragilidade feminina: “Eu sinto mais pelos colegas homens, por exemplo... Mas mais são os colegas, por exemplo, tu vai lutar com um cara, tu bate um pouco mais forte, vai um pouquinho mais rápido, alguns ficam meio ofendidos” (CATTANI, 2015, p. 2). Quando a relação hierárquica se mantém tal como o esperado socialmente, ou seja, o homem deve “pegar leve” para não machucar a mulher, parece não haver conflitos nos treinos mistos. No entanto, quando a mulher se mostra superior ao homem em termos técnicos e leva vantagem em uma disputa, os homens se sentem incomodados.

Uma questão que incomodava algumas das atletas diz respeito à rotatividade intensa de pessoas no ambiente da academia, fazendo com que elas tivessem que treinar com pessoas iniciantes constantemente, o que, de alguma forma, impedia o avanço do treinamento:

Geralmente, quem está competindo tem o nível maior do que quem faz só por exercício físico, então tinha que treinar de um jeito mais suave. Com homens não, dava para bater [risos], mas se tu vai treinar com outra mulher, tinha que ser mais de leve. Parece que em ambiente de academia, tu fica meio estagnada, não consegue evoluir muito (CATTANI, 2015, p. 11).

Para compreender o problema apresentado por Daniela Cattani, especificamente em relação a treinar com mulheres iniciantes, considero relevante um fato observado por Mariante (2010) nas academias de Boxe de Porto Alegre. Conforme o autor, quando os atletas são divididos em duplas, normalmente se segue o critério de paridade técnica. No entanto, no caso das mulheres, observou-se que, independentemente do nível técnico, elas realizam as atividades juntas. Ou seja, uma atleta que possui anos de experiência na modalidade treina com outra que é inexperiente, sem que algumas semelhanças técnicas existam, justificando tal divisão (*op. cit.*).

As questões da menor presença de mulheres nas academias de Boxe e de um nível de desistência bastante alto aparece no discurso de Fabiana Justo: “É isso que eu percebo,

normalmente as mulheres fazem dois, três meses no máximo e param. É muito difícil, durante todo esse tempo... Imagina, eu treino desde os treze anos, eu vou fazer trinta e três, foram poucas às vezes que eu tive parceira de treino de um ano inteiro” (JUSTO, 2015, p. 4). Assim, ao relacionarmos a observação de Mariante (2010) à fala das atletas, podemos inferir que elas se sentem especialmente prejudicadas por possuir um número reduzido de parceiras de treino e por serem levadas a treinar frequentemente com mulheres iniciantes, o que, nas palavras de Cattani, estagnava a evolução.

Algumas atletas da pesquisa demonstraram que preferiam treinar com homens. Entre as razões, destaca-se a utilização de uma série de atributos de gênero classificados em termos binários:

Eu prefiro treinar com homens, sempre preferi. Quando eu comecei eu treinava com meninas, até porque o Zé trabalhava muito com meninas, aí tu faz uma coisa ou outra elas reclamam que doeu, que machucou...” (TAVARES, 2015, p. 14).

Eu sofri do azar do clube da luluzinha, cada vez que eu ia treinar em uma academia, o lugar enchia de meninas. E eu nunca gostei de lutar com meninas, não gostava de treinar com mulher, acho chato, acho elas frescas, elas tem uma rivalidade desnecessária. Elas brigam entre si em vez de se ajudar (*ibid.*, p. 19).

É interessante observar que, mesmo a atleta apresentando uma performance de gênero que desestabiliza as noções de passividade da mulher, ao se destacar em uma modalidade de luta, ela reproduz o discurso de fragilidade e de uma suposta passionalidade da mulher, pensando-as como menos eficientes no ambiente de treino.

A fala do treinador José Lima também define, através de discursos binários, o lugar da mulher no Boxe:

É diferente, tu tem que ter um jeito. Mulher, ela não é igual. Tu tem que tratar com jeito, às vezes está naquele período meio complicado, a TPM. Se tu dá um grito a mais, elas ficam magoadas, aí já querem sair... Então mulher é diferente. Tu tem que tratar com um pouco mais de carinho que com o tempo elas vão aprendendo e tu pode dar um duro a mais, que ela vão aceitar. Mas no começo é bem complicado (LIMA, 2015, p. 2).

No discurso de José Lima, a biologia justifica o comportamento diferenciado das mulheres: a “tensão pré-menstrual” seria um fator determinante no treinamento, as tornando mais sensíveis e demandando uma atenção maior. Em outro momento, o treinador volta a atribuir diferenças de comportamento às questões de gênero:

Muda, tu tem que se adequar a elas. E geralmente quando tem muitas mulheres no mesmo ambiente, dá fofoquinha, dá ciúmes. Entre homens não, os homens eles se “arriam” um no outro, não tem ciúmes, entendeu? É diferente, é bem diferente. Mas eu gosto, eu curto (LIMA, 2015, p. 7).

Na fala de José Lima, as diferentes características apontadas para gêneros são generalizantes, levando a pensar que todas as mulheres são passionais e todos os homens são racionais no ambiente do esporte e assim são devido ao seu sexo.

Os discursos das atletas de Boxe e do treinador José Lima trouxeram uma série de atributos físicos, de atitudes e de valores que diferem homens e mulheres na prática de Boxe. Nos excertos analisados, a relação entre gêneros é, em sua grande maioria, pautada pela diferença. Embora existam inúmeras características que os unam, são escolhidas categorias opostas para relacioná-los, como força/fragilidade, rapidez/passividade, corajosos/frescas, resistentes/sensíveis, racional/passional.

As características referidas são expressas, ou, ao menos, ficam implícitas, no discurso das boxeadoras, quando a mulher e o homem são apontados em aspectos de “oposição, numa relação complementar e hierárquica” (PELÚCIO, 2004, p. 145). Os homens são classificados como mais fortes fisicamente e mais racionais, enquanto as mulheres são pensadas como frágeis e passionais no treinamento esportivo, mantendo os bens simbólicos da masculinidade no centro do universo das lutas. Mesmo as atletas deste estudo, que rompem com padrões sociais, permanecem afirmando características normativas de gênero em termos dicotômicos, pensando as mulheres como o “sexo frágil”, ainda que não se identifiquem com essa definição.

Daniela Cattani percebe algumas diferenças na forma de lutar quando se trata de homens e mulheres no início da carreira. Segundo ela, de forma geral, os atletas conseguem manter mais a calma e desenvolver lutas mais elaboradas tecnicamente. No entanto, a atleta justifica essa diferença através de fatores diferenciados dos demais sujeitos desta pesquisa:

Eu acho que as mulheres têm várias questões envolvidas, não são estimuladas a praticar esportes desde cedo, e se tu nunca praticou um esporte e quer praticar Boxe, tu tem uma consciência corporal bem diferente. Eu acho que aí talvez atrapalhe um pouco a luta, das mulheres serem menos técnicas. Algumas são perfeitas, como no Campeonato Brasileiro, as mulheres que lutam há mais tempo, que tem mais experiência, elas lutam bem bonito, bastante técnica e tal. Elas aguentam levar soco, mas tem diferença sim e é por vários fatores na verdade (CATTANI, 2015, p. 10).

A argumentação de Daniela Cattani aponta as diferenças como processos sociais mais amplos, ligados a uma experiência corporal distinta de homens e de mulheres. O diferencial da sua fala é que os fatores não são universais, uma vez que as mulheres que atuam a mais tempo no esporte, se igualam ou superam os homens em termos técnicos.

O trabalho de Ferretti (2011), com mulheres que praticam modalidades de luta, aborda o modo como se dá a formação esportiva de lutadoras. Conforme o autor, não seriam fatores biológicos que definem a aptidão diferenciada de homens e mulheres no mundo das lutas, mas a educação corporal oposta de meninos e meninas no processo de socialização. As atividades físicas vistas como ideais para meninas não se aproximam dos valores difundidos em modalidades de lutas, o que prejudica o ganho de um repertório corporal mínimo para artes marciais. Conforme a argumentação desenvolvida por Ferretti, as lutadoras que desenvolvem carreira no esporte apresentam experiências diversas do esperado para seu gênero na infância, visto que elas se consideravam fisicamente ativas, tiveram maior contato com brincadeiras e jogos associados ao público masculino e conviveram bastante com meninos.

Não existem fatores que possam justificar as diferenças entre homens e mulheres de modo universal ou biológico, pois as vivências diferenciadas constroem corpos mais ou menos aptos a modalidades esportivas, e esses aprendizados são construídos socialmente. Essa concepção ajuda a pensar o gênero não como uma exigência do sexo biológico, mas como uma construção sempre inacabada, que ocorre ao longo de toda a vida, através de aprendizados e de práticas em contextos sociais diversificados. Os discursos demonstram que existem diferenças em termos de aptidão à modalidade entre as próprias mulheres, o que pode se justificar pela educação corporal distinta, considerando que boa parte das integrantes deste estudo tiveram vivências esportivas anteriores ao Boxe. Por outro lado, no desenvolver de suas carreiras, algumas atletas se destacaram em termos técnicos, invertendo a hierarquia de

gênero dentro do Boxe ao demonstrarem resultados superiores em confrontos diretos com homens.

Para finalizar, a fala de Daniela Cattani demonstra que a afirmação das mulheres no Boxe rompe com um reduto de masculinidade no universo cultural das lutas:

Quando eu entrei no Boxe, eu também tinha um pouco de preconceito, porque eu pensei “tem soco e tal”, mas eu acho muito bom saber que tu consegue fazer as mesmas coisas que os homens e, às vezes, ser melhor que eles. Eu acho que dá um empoderamento, eu só acho que tem pouca mulher fazendo ainda (CATTANI, 2015, p. 11).

É importante perceber, através do discurso da atleta, que a presença de mulheres em esportes construídos como privilégio dos homens e tidos como produtores de uma masculinidade normativa pode funcionar como uma prática política transformadora das relações de gênero. Os resultados positivos de mulheres no esporte, comparado inclusive com homens, demonstram que são as diferentes experiências esportivas que definem as capacidades, e não categorias universais, ancoradas na biologia e em fatores binários, opostos e hierárquicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve por objetivo analisar as questões de gênero que permeiam a inserção e a permanência de atletas na Federação Rio-Grandense de Pugilismo. A investigação centrou-se na análise da existência de barreiras legais e simbólicas que limitam o acesso de mulheres ao Universo Cultural do Boxe. Foram observados a forma como as atletas interpretam as transformações corporais e os ferimentos oriundos da prática do pugilismo e o modo como elas constroem, através de seus discursos, diferentes representações acerca de feminilidades e de masculinidades. Por fim, foi analisado como questões econômicas e sociais influenciam na permanência de atletas no boxe gaúcho.

Os caminhos metodológicos para a elaboração deste trabalho contemplaram visitas à Federação Rio-Grandense de Pugilismo (FRGP), momento em que tive a oportunidade de entrar em contato com a modalidade esportiva, através de regras, de processo de treinamento, de diferenças entre o Boxe Amador e Profissional, além de ouvir diferentes histórias que permeiam este universo cultural. As fontes utilizadas pela pesquisa articularam documentos orais e escritos, pensados em suas especificidades e complementariedades. Súmulas de campeonatos e documentos oficiais vinculados a FRGP forneceram dados acerca dos primeiros campeonatos que contaram com a participação de mulheres; já reportagens de jornais e revistas contribuíram com a análise das representações da mídia acerca da presença de mulheres nos esportes de combate. Os dados obtidos foram cruzados com as entrevistas, as quais foram baseadas na metodologia da História Oral, procurando, assim, investigar os sentidos que as atletas atribuem às suas experiências no boxe e às questões de gênero que perpassam suas trajetórias esportivas.

Baseado nos pressupostos teóricos da História Cultural, o presente trabalho valoriza o estudo histórico da cultura, do cotidiano das pessoas comuns e dos sentidos que elas constroem sobre o mundo à sua volta. Através destes pressupostos, iniciei a pesquisa em busca das mulheres no universo cultural das lutas nos acervos do Centro de Memória do Esporte e da Federação Rio-Grandense de Pugilismo. Foi possível localizar registros acerca da prática de artes marciais, em especial no Judô e no Karatê, por volta dos anos de 1940, ainda no período de interdição, regida pelo Decreto-Lei n. 3.199. Na década de 1980, com o fim da proibição, ocorreram os primeiros campeonatos regionais e nacionais que contaram com a presença de mulheres nas lutas. Nesse contexto, para além da defesa pessoal, a prática

de lutas passou a ser representada pela mídia como uma forma de construir um corpo ideal, em que saúde e beleza são sinônimos.

As notícias acerca da presença de mulheres no boxe se aproximam dos anos 2000, com a primeira atuação em um campeonato organizado pela FRGP em 2003. O processo tardio de inserção das mulheres no boxe, quando comparado a outras modalidades de lutas, foi um dado intrigante da pesquisa, levado à discussão nas entrevistas de História Oral. Os diferentes sentidos que as atletas atribuíram à maior resistência da sociedade à inserção de mulheres no pugilismo levantaram uma série de elementos de gênero que permeiam o meio esportivo.

O caráter recente da inserção de atletas em nível competitivo no pugilismo, levou-me a pensar acerca dos pressupostos teóricos da História do Tempo Presente. Ao tomar o presente como objeto de análise, reconheço as incertezas de analisar um processo histórico inconcluso, onde não se pode mensurar as consequências dos acontecimentos. No entanto, este espaço temporal entre o passado e o futuro é rico por evidenciar as possibilidades de agência dos sujeitos ao produzirem novos sentidos, caminhos e rupturas.

Através da análise da inserção de atletas na FRGP visualizamos que, apesar da trajetória de vida singular de cada uma das boxeadoras, alguns padrões apareceram nos seus discursos, os quais puderam ser problematizados. A reação da família esteve centrada em duas preocupações: por um lado, os familiares expressaram o medo de que as atletas se machucassem na modalidade, o que demonstra a conotação de violência e agressividade como representações centrais no olhar do senso comum sobre o boxe; por outro lado, existe uma preocupação relacionada ao vínculo profissional com o pugilismo a partir do momento em que as atletas passaram a se dedicar exclusivamente ao esporte sem a visualização de um ganho financeiro significativo. Um terceiro aspecto significativo diz respeito à inserção de atletas em academias de ginástica, sob um viés fitness da modalidade, à transição para a prática com fins competitivos, levando a uma ressignificação do esporte e, em alguns casos, à mudança de treinador ou de ambiente de treino, levando-as a centros de treinamento mais especializados.

As entrevistas apontaram para a quase inexistência de patrocínios ou de incentivos governamentais no Rio Grande do Sul à modalidade, o que dificulta a dedicação integral e torna a competição com outros estados, como São Paulo e Bahia, bastante desigual. Com isso, entendo que a permanência de atletas do boxe gaúcho está relacionada a questões econômicas

e de classe social. O diálogo entre as boxeadoras entrevistadas pelo projeto, em especial as entrevistas de Adriana Araújo e Érica Matos, evidenciaram o papel central da inserção do boxe feminino como modalidade olímpica, em 2012, para visibilidade e atração de recursos ao esporte. A aprovação do Comitê Olímpico Internacional influenciou na inclusão do Boxe no programa Bolsa Atleta, recurso que transformou significativamente a vivência do esporte de alto rendimento. O presente trabalho evidencia que as atletas possuem experiências distintas no universo cultural do Boxe, as quais estão relacionadas à classe social e às diferentes expectativas diante de um possível futuro profissional. De uma forma geral, as atletas abandonaram o vínculo competitivo com o esporte em momentos cruciais de suas vidas: quando foi preciso investir em estudo ou em profissões mais rentáveis e estáveis.

Os Estudos de Gênero se configuraram como aporte teórico para discutir a construção de corpos e de subjetividades no campo esportivo e, em especial, para dialogar com três espectros que rondam a corporalidade de mulheres boxeadoras: o perigo da masculinização, o mito da fragilidade da mulher e o papel da biologia no binarismo de gênero. O trabalho pensa corpo e gênero como construções sociais e discursivas decorrentes de um aprendizado contínuo, formado ao longo da vida através das mais diferentes experiências dos sujeitos. O objetivo foi de desconstruir a noção de homens e mulheres como categorias universais, estabelecidas de forma oposta e binária, evidenciando que as identidades de gênero são dinâmicas e estão em constante transformação.

As atletas do estudo foram convidadas a refletir acerca das transformações corporais oriundas da prática esportiva e de como elas, amigos e familiares encaravam essas mudanças. O corpo das pugilistas demonstrou tensionar representações normativas de gênero, trazendo à tona discursos que colocaram em xeque a feminilidade, a sexualidade e mesmo a autenticidade do sexo dessas atletas. Diante destas desconfiças, as boxeadoras afirmaram controlar os treinamentos, em especial os que levam à potencialização muscular, de modo a adequar suas corporalidades a aspectos estéticos valorizados socialmente. Em diversas situações, as atletas procuraram se afirmar no interior de uma identidade de gênero inteligível, afastando o perigo da masculinização de seus corpos, o que demonstra que o gênero, longe de ser um dado biológico, é algo que precisa ser constantemente reiterado. Concluo, assim, que os corpos são controlados por discursos e práticas de modo a não exacerbar as barreiras impostas pela dicotomia de gênero.

O reconhecimento de um “nós” pressupõe a existência da alteridade à construção da identidade enquanto boxeadoras, ou seja, de “outros” que se estabelecem em uma relação de

analogia, contraste ou mesmo de exclusão (PESAVENTO, 2003). Uma das relações de alteridade estabelecida entre as boxeadoras ocorreu com praticantes vinculadas ao boxe sob uma perspectiva fitness. Enquanto as atletas analisadas pela pesquisa treinavam visando a construção de uma corporalidade apta para competições, o boxe praticado em academias era encarado como uma atividade física, voltado a benefícios estéticos e de saúde. Outra relação de alteridade que surgiu nos discursos das atletas foi a noção de “mulher homem” em contraponto à identidade feminina que se procurava afirmar. Nesse sentido, a construção de uma identidade subjugada torna-se necessária para a manutenção da norma: a mulher feminina se define e se sustenta através da rejeição e da exclusão de outras identidades.

O campo esportivo foi palco de disputas simbólicas em torno dos corpos e das representações de gênero de mulheres atletas. Esportes “violentos” eram considerados incompatíveis com noções normatizadas de feminilidade, ancoradas na biologia, na maternidade e na suposta fragilidade da mulher. Atualmente, novas representações valorizam a prática esportiva e uma visão mais ativa da mulher na sociedade. No entanto, o mito da fragilidade ganha novas roupagens em modalidades como o boxe, como foi evidenciado através da ênfase dada à proteção de mulheres atletas nas regras e nos equipamentos de segurança da Associação Internacional de Boxe Amador.

As atletas foram questionadas acerca de marcas e ferimentos oriundos da prática de boxe e se amigos e familiares se preocupavam com a sua segurança. Observamos que o “olho roxo” ganhou um lugar central no discurso das atletas, chamando atenção por não ser uma lesão agravada em termos físicos, mas permeada por um estigma social atrelado à violência contra a mulher na sociedade brasileira. O olho roxo denota uma série de representações de gênero, uma vez que se supõe que a mulher que apresenta uma marca no rosto foi agredida, tornando necessário para as atletas justificarem a lesão como decorrente da prática de uma arte marcial. Nesse sentido, em primeira instância se associa a figura de vítima à mulher, e não de agente no meio esportivo e na sociedade. As atletas do estudo afirmaram que o Boxe leva, por ventura, a lesões, tal como outras modalidades esportivas. Entretanto, elas se afastam das representações de fragilidade e da noção de vítima, encarando os desafios inerentes do treinamento esportivo voltado à competição.

O presente trabalho procurou captar como as atletas compreendem as diferenças entre homens e mulheres no universo cultural do Boxe. Neste aspecto, a ênfase no discurso da biologia na construção de dois sexos opostos e estáveis destacou-se, justificando as diferentes aptidões para a prática esportiva. Na disputa simbólica que se estabeleceu entre os gêneros, o

polo positivo era apontado aos homens, considerados mais fortes, rápidos e ágeis. Eles figuraram como o padrão de referência no jogo de significados que se estabelece no esporte, e a qualidade das mulheres é medida nessa relação. O estudo procura evidenciar que as diferenças percebidas entre os gêneros na prática de boxe são pautadas por experiências corporais diferentes, ligadas a uma educação corporal distinta entre meninos e meninas no processo de socialização. Não existem fatores que possam justificar a diferença entre homens e mulheres de modo universal ou biológico, pois são vivências diferenciadas que constroem corpos mais ou menos aptos à determinadas modalidades.

O trabalho evidencia que o esporte, historicamente, constituiu-se como um terreno de disputas simbólicas em torno de práticas que corpos de mulheres podem realizar e de quais definições de feminilidade são valorizadas socialmente. A inserção de mulheres no mundo das lutas, em especial o Boxe, demonstrou que a presença delas não se dá sem conflitos e sem resistências, uma vez que seus corpos e seus comportamentos permanecem sujeitos a uma série de vigilâncias. O estudo procurou demonstrar o caráter problemático de pensar homens e mulheres como categorias universais, demonstrando que diferentes experiências colaboram com a construção de feminilidades e masculinidades distintas. Essa concepção contribui na reflexão de que gênero não deve ser pensado como uma exigência do sexo biológico, mas como uma construção sempre inacabada, o que fica evidente na forma como as atletas constroem seus corpos em diálogo com as exigências da modalidade e com as representações de feminilidade valorizadas socialmente.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. “As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades “diferentes””. In: **Revista Estudos Feministas**. v. 19, n. 3. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, set-dez, 2011. p. 931-953.
- _____. “A mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento”. In: **FÓRUM DE DEBATES SOBRE MULHER & ESPORTE, MITOS E VERDADES**, 3. Anais. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. p. 31-36.
- _____. “Mulheres Atletas: re-significações da corporalidade feminina”. In: **Revista Estudos Feministas**. v. 11, n. 2. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, jul-dez, 2003. p. 445-465.
- ADELMAN, Miriam; RUGGI, Lennita. “Corpo, identidade e a política da beleza”. In: **Revista Gênero**. v. 7, n. 2. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007. p. 39-63.
- AIBA – Associação Internacional de Boxe Amador. Confederação Brasileira de Boxe **Reglas técnicas 2015**. Disponível em [http://www.cbboxe.com.br/novoadmin/fckeditor/editor/filemanager/connectors/userfiles/file/AIBA%20REGLAS%20TECNICAS%202015%20\(1\).pdf](http://www.cbboxe.com.br/novoadmin/fckeditor/editor/filemanager/connectors/userfiles/file/AIBA%20REGLAS%20TECNICAS%202015%20(1).pdf) Acesso em 24/06/2016.
- ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da história”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- AMADO, Janaína. “O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral”. In: **Projeto História**. n. 14. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995. p. 125-136.
- ANDRES, Suelen de Souza. **Mulheres e handebol no Rio Grande do Sul: narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade e das atletas**. 99f. Dissertação (Mestrado). Orientadora: Silvana Vilodre Goellner. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2014.
- ARAÚJO, Adriana. **Entrevista concedida a Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes**. Salvador, 15 de março de 2013.
- AVELINE, Jorge. “Box amador gaúcho realiza eliminatórias” In: **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 22 de março 1983. s/p.
- _____. (1982a). “Amanhã campeonato brasileiro da região sul: masculino e feminino”. In: **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 23 de julho de 1982. s/p.
- _____. (1982b). “São Paulo e o novo campeão brasileiro”. In: **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 17 de novembro de 1982. s/p.

- _____. (1982c). “Noitada de box alcança sucesso”. In: **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 01 de novembro de 1982. s/p.
- BASSANESI, Carla. “Mulheres nos anos dourados”. In: DEL PRIORI, M. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-639.
- BERTÉ, Isabela Lisboa. “‘Elas estão chegando’ – A contratação de mulheres no UFC: novas corporalidades, discursos e normatividade”. In: **VI Seminário de Corpo, Gênero e Sexualidade; II Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade; II Encontro Gênero e Diversidade na Escola**. Anais. Juiz de Fora/MG, 2014.
- _____. **As condições de emergência de uma identidade feminista em Porto Alegre: estudo do grupo Costela de Adão (1976-1980)**. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Orientadora: Carla Simone Rodeghero. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto alegre, 2012.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BORBA, Carine. **Entrevista concedida a Ayllu Duarte Acosta e à Isabela Lisboa Berté**. Porto Alegre, 14 de julho de 2015.
- BRASIL. Decreto-Lei n. 3.199, 14 abr. 1941. Diário Oficial da União, 16 abr. 1941. p. 7652.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- _____. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo””. In: LOURO, Guacira. **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.
- CARDOSO, B.L. C. et. al. “Mulheres no boxe: Percepções sociais de uma luta sem luvas e fora dos ringues”. In: **Motricidade**, vol. 8, núm. Supl. 2. Ribeira de Pena – Portugal: Ed. Desafio Singular. 2012. p. 259-268.
- CARRIÃO, Marisa. “As mulheres vão à luta”. In: **Visão**. Rio de Janeiro, 31 de julho de 1985. p. 32-35.
- CELLARD, André. “A análise documental”. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.
- CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS. Deliberação nº7, 7 ago. 1965. Diário Oficial da União, 2 setembro de 1965. p. 8984.
- CORREIO DO POVO. (1980a) “As mulheres vencem os preconceitos machistas”. Porto Alegre, 16 de novembro de 1980. s/p.
- _____. (1980b) “Mulheres são atração no campeonato gaúcho”. Porto Alegre, 4 de maio de 1980b. s/p.

- COSTA, Cléria Botelho. “A escuta do outro: dilemas da interpretação”. In: **História Oral**, v. 17, n. 2. Rio de Janeiro, jul-dez, 2014. p. 47-65.
- DATASENADO. **Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher**. Secretaria de transparência. Março de 2013. Disponível em http://www.senado.gov.br/senado/datasetado/pdf/datasetado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_Domestica_contra_a_Mulher_2013.pdf Acesso em 24/06/2016.
- DOSSE, François. “História do Tempo Presente e Historiografia”. In: **Tempo & Argumento**, v. 4, n. 1. Florianópolis: UDESC, 2012. p. 05-22.
- DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **Em busca da excitação**. Portugal: Difel, 1985.
- FARIAS, Cláudia Maria. “O atletismo feminino brasileiro sob a ditadura civil-militar: novos obstáculos e caminhos”. In: **La manzana de la discordia**, v. 7, n. 1. Cali: Universidade del Valle, enero-junio, 2012. p. 23-40.
- FAUSTO-STERLING, Anne. “Dualismos em duelo”. In: **Cadernos Pagu**, 2001/02. Campinas: UNICAMP, 2001. p. 9-79.
- FEITOSA, Mário; LEITE, Nívea; LIMA, Amanda. “Boxe”. In: DACOSTA; LAMARTINE (Orgs.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 889-892.
- FERNANDES, Vera Lucia Ferreira Pinto. **Mulheres de Ouro: Trajetória e representações de atletas de lutas**. 185f. Dissertação (Mestrado). Orientador: Ludmila Mourão. Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Juiz de Fora, 2014.
- FERNANDES, Vera Lucia Ferreira Pinto; MOURÃO, Ludmila. ““Menina de Ouro” e a representação de feminilidades plurais”. In: **Movimento**, v. 20, n. 4. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, out-dez, 2014. p. 1611-1629.
- FERNANDES, Vera; MOURÃO, Ludmila; GOELLNER, Silvana; GRESPAN, Carla Lisboa. “Mulheres em Combate: representações de feminilidades em lutadoras de boxe e MMA”. In: **Rev. Educação Física/UEM**, v. 26, n. 3. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 3 trim., 2015. p. 367-376.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 94, n° 3, mai-jun, 2000. p. 111-124.
- FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho. **A formação da lutadora: estudo sobre mulheres que praticam modalidades de luta**. 112f. Dissertação (Mestrado). Orientador: Luiz Eduardo Pinto Basto Tourinho Dantas. Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte, São Paulo, 2011.
- FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho; KNIJNIK, Jorge Dorfman. “Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias”. In: **Movimento**, v. 13, n. 1. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jan-abr, 2007. p. 57-80.

- FOLHA DA TARDE. “I Torneio feminino em Porto Alegre”. Porto Alegre, 27 de junho de 1980. s/p.
- _____. “Judô e Karatê, as armas do sexo frágil”. Porto Alegre, 9 de julho de 1974. s/p.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GUARIGLIA, Vinício. **Entrevista concedida a Alexandre Alves e Isabela Lisboa Berté**, Porto Alegre, 20 de março de 2015.
- GODINHO, Fernanda. **Entrevista concedida a Isabela Lisboa Berté**. Porto Alegre, 25 de maio de 2015.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. “Gênero e Esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades”. In: **Revista Tempo**, v. 19. n. 34. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2013. p. 45-52.
- _____. “A cultura fitness e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências”. In: STEVENS, Cristina M. T.; SWAIN, Tânia N. (Orgs.). **A construção dos corpos: perspectivas feministas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008. p. 245-260
- _____. “Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte a cultura fitness”. In: **Labrys: Estudos Feministas**, n.10. Brasília, 2006.
- _____. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sobras e visibilidades”. In: **Revista Brasileira de Educação Física**. v. 19, n. 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, abr-jun, 2005. p. 143-151.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. “A narrativa oral da presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Confresa (MT), Aparecida Barbosa da Silva”. In: **História Oral**, v. 13, n. 1. Rio de Janeiro, 2010. p. 53-86.
- JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. “O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo”. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. p. 955-975.
- JUSTO, Fabiana. **Entrevista concedida a Isabela Lisboa Berté**. Porto Alegre, 07 de agosto de 2015.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio e Janeiro: Relume Dumará. 2001.
- LIMA, José Valter Corrêa. **Entrevista concedida a Isabela Lisboa Berté**. Porto Alegre, 8 de setembro de 2015.
- LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

- LOVISOLO, Hugo Rodolfo. “Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des)civilizador”. In: *Logos*, v. 17, n. 2. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. p. 29-38.
- MACEDO, Rafael Luís. “O esporte no Estado Novo: vigilância, formação e controle em época de guerra”. In: **I Encontro da ALESDE “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/o-esporte-estado-novo-vigilancia-formacao-controle-epoca-guerra.pdf> Acesso: 02/03/2016.
- MADALOSSO, Mariana Lunardi. **Entrevista concedida a Isabela Lisboa Berté**. Guaporé/RS, 02 de agosto de 2015.
- MARIANTE, Flávio Py Neto. **Da academia de boxe ao boxe da academia: um estudo etnográfico**. 124f. Dissertação (Mestrado). Orientador: Marco Paulo Stigger. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2010.
- MATOS, Érica. **Entrevista concedida a Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes**, Salvador, 15 de março de 2013.
- MELO, V. A.; VAZ, A. F. “Cinema, corpo e boxe: notas para pensar a relação boxe e sociedade”. In: **Temas e Matizes**. n. 7, 1. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2005. p. 51-62.
- MEYER, Dogmar Estermann. “Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos”. In: **Movimento**, v.9, n.3. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, set-dez, 2003. p. 33-58.
- MIRANDA, Carlos Fabre. **Como se vive do atletismo: um estudo sobre o profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas**. 140f. Dissertação (Mestrado). Orientador: Marco Paulo Stigger. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2007.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.
- MONTANDON, Priscila. “Meninas de Ouro”. In: **Zero Hora**. Porto Alegre, 14 de outubro de 2007. p. 50.
- MOREIRA, V.; BORIS, G.D.J.; VENÂNCIO, N. “O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos”. In: **Psicologia & Sociedade**, 23(2). Florianópolis: UFSC, 2011. p. 398-406.
- MOURÃO, Ludmila; SOUZA, Gabriela Conceição: **Mulheres do tatame: O judô feminino no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.
- NICHOLSON, Linda. “Interpretando o gênero”. In: **Revista Estudos Feministas**, v..8, n. 2. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, jul-dez, 2000. p. 9-42.

- PATAI, Daphne. **História Oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PELÚCIO, Larissa Maués. “Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo”. In: **Revista Antropológicas**, ano 8, volume 15(1). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004. p. 123-154.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- PESAVENTO, Sandra (Org.) et al. **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- PIMENTEL, Écliton dos Santos; MEZZADRI, Fernando Marinho. “O Estado Novo e a concepção de esporte no Decreto Lei 3.199 de 1941”. In: XIV Simpósio Nacional de História. **Anais**. São Leopoldo: UNISINOS, 2007. Disponível em <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0053.pdf> Acesso 02/01/2016.
- POCAHY, F.; DORNELLES, P. G. “Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção”. In: **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 12, n. 2. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de fora, jul-dez, 2010. p. 125-135.
- PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. In: **Projeto História**, n. 14. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fev, 1997. p. 25-39.
- RODEGHERO, Carla. “Para uma História da Luta pela Anistia: o caso do Rio Grande do Sul. (1974-1979)”. In: **Tempo e Argumento**, v. 1, n. 1. Florianópolis: UDESC, jan-jun, 2009. p. 99-122.
- ROHDEN, Fabíola. “O que se vê no cérebro: a pequena diferença entre os sexos ou a grande diferença entre os gêneros?”. In: MALUF, Sônia Weidner; TORNQUIST, Carmen Susana (Orgs.). **Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas**. Florianópolis: Letras Contemporânea, 2010. p. 403-439.
- ROSSI, Renato. “Quando as gatinhas transam as Artes Marciais”. In: **Folha da Tarde**. Porto Alegre, 27 de dezembro de 1979. s/p.
- RUBIO, Katia. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- SÁ-SILVA, Rackson Ronil; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. “Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas”. In: **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**. Ano I, n. 1. São Leopoldo: UNISINOS, julho, 2009. p. 1-15
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. New York: Columbia University Press, 1989. Disponível em

http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/169642/mod_resource/content/2/genero-scott.pdf. Acesso em 06/08/2015.

- SILVA, Jonas Lopes. “Mulheres que batem”. In: **Zero Hora**. Porto Alegre, 10 de fevereiro de 2000. p. 77.
- SOARES, Deca. “Gurias de Ouro”. In: **Zero Hora**. Porto Alegre, 27 de fevereiro de 2005. p. 48-49.
- SOIHET, Raquel. “Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários”. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, set-dez, 2005. p. 591-611
- SOIEHT, Raquel; PEDRO, Joana Maria. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero”. In: **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 54. São Paulo, 2007. p. 281-300.
- SOUZA, Gabriela C. “Narrativas do judô feminino brasileiro: construção da historiografia de 1979 a 1992”. In: **XII Encontro Regional de História**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <http://rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Gabriela%20C%20de%20Souza.pdf> Acesso 06/04/2016.
- SOUZA, Tizah Berni. **A organização da prática de boxe no Rio Grande do Sul (décadas de 1920 a 1960)**. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Orientador: Janice Zaepellon Mazo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2012.
- SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros. Nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.
- SOUZA, Mário Marcos. “Com força”. In: **Zero Hora**. Porto Alegre, 6 de maio de 2001. p. 61
- TAVARES, Megg. **Entrevista concedida a Isabela Lisboa Berté**. Porto Alegre, 16 de julho de 2015.
- VERSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. “Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia”. In: **História Oral**. v. 15, n. 2. Rio de Janeiro, jul-dez, 2012. p. 125- 139.
- WACQUANT, Loïc. “Un traficante de carne en acción: pasión, poder y lucro em la economía del boxeo profesional”. In: LACHAUD, J. M.; NOVEUX, O. (Orgs.). **Cuerpos dominados, cuerpos en ruptura**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.
- _____. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

OBRAS CONSULTADAS

GASTALDO, Édison Luis. “A forja do homem de ferro: a corporalidade nos esportes de combate”. In: FACHEL, Ondina (Org.). **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995. p. 207-226.

GOELLNER, Silvana Vilodre; MUHLEN, Johanna Coelho von; MAURMANN, Anna; ROMERO, Camile Saldanha Bueno. “Garimpendo Memória: esporte, educação física e dança no Rio Grande do Sul”. In. GOELLENER, Silvana Vilodre; JAEGER, Angelita Alice. **Garimpendo Memória: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007. p. 53-62

APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA ATLETAS

INICIAÇÃO NO BOXE

- 1) Como foi sua inserção no Boxe? Essa foi a primeira modalidade esportiva que você praticou?
- 2) Alguém influenciou sua escolha pelo Boxe? Amigos, professores ou familiares?
- 3) Você encontrou alguma resistência de treinadores ou da Federação de Pugilismo para que mulheres pudessem treinar Boxe?
- 4) Como a sua família e os seus amigos reagiram à sua escolha pelo Boxe?
- 5) Como era a escola onde você iniciou sua prática de Boxe?
- 6) Nessa época, como era a situação do boxe feminino no Rio Grande do Sul? Havia mulheres treinando? Existiam competições em nível local e nacional?

TRAJETÓRIA COMO ATLETA

- 7) Fale um pouco da sua trajetória como atleta: campeonatos dos quais participou, suas conquistas e se, atualmente, continua competindo.
- 8) Como são as condições para a prática de Boxe feminino no Rio Grande do Sul? Existem patrocinadores ou incentivos governamentais?
- 9) Você chegou a manter-se economicamente apenas treinando e competindo no boxe?

MULHERES NO BOXE

- 10) Você percebeu algumas mudanças no seu corpo atribuídas à prática do boxe? Como você, seus amigos e seus familiares encararam essas mudanças corporais? Você chegou a ficar com algumas marcas e ferimentos? Isso preocupou as pessoas à sua volta?
- 11) Você vê alguma diferença no processo de treinamento de homens e de mulheres? Há diferenças na forma de lutar?
- 12) O Boxe, durante muitos anos, foi praticado apenas por homens. No período em que você lutou, acredita ter sido tratada de uma forma diferenciada por ser mulher?
- 13) Como você interpreta o fato das mulheres ingressarem no boxe apenas recentemente (OLIMPÍADAS DE 2012)? Tenho analisado outras modalidades de luta, as quais elas praticavam já na década de 1980.

CONTRIBUIÇÃO FINAL DA ENTREVISTADA

- 14) Comente sua contribuição para o boxe do Rio Grande do Sul.
- 15) Tem algo que nós não perguntamos e que você gostaria de deixar registrado?

ANEXO – CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS
SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu, _____

CPF nº _____, declaro ceder, ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Projeto Garimpendo Memórias.

O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e da indicação da fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do depoente